



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUZA SANTOS

**PÁGINAS SOCIOPOÉTICAS: DESLIZANDO NAS IDEIAS  
E NOS CONCEITOS DE JOVENS SOBRE LEITURA**

TERESINA – PI  
2013

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUZA SANTOS

**PÁGINAS SOCIOPOÉTICAS: DESLIZANDO NAS IDEIAS  
E NOS CONCEITOS DE JOVENS SOBRE LEITURA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como exigência à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de Pesquisa: Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas

FICHA CATALOGRÁFICA  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C331s Santos, Maria da Conceição de Souza.  
Páginas Sociopoéticas: deslizando nas ideias  
e nos conceitos de jovens sobre leitura / Maria da Conceição de Souza  
Santos. – 2013.  
151 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,  
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

“Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad”.

1. Jovens. 2. Leitura. 3. Ensino Médio. 4. Sociopoética. I. Título.

CDD 373.2

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUZA SANTOS

**PÁGINAS SOCIOPOÉTICAS: DESLIZANDO NAS IDEIAS  
E NOS CONCEITOS DE JOVENS SOBRE LEITURA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como exigência à obtenção do título de Mestra em Educação.

Teresina, 29 de agosto de 2013

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shara Jane Holanda Costa Adad  
Orientadora (UFPI/PPGE)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Alves do Bomfim  
Examinadora Interna (UFPI/PPGE)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim  
Examinadora Externa (UESPI)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosileide de Maria Silva Soares  
Examinadora Externa – Suplente (INTA)



Dedico esta pesquisa às pessoas e às instituições que incentivam a leitura no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Teci estas palavras de agradecimento e de reconhecimento com muita emoção, para reverenciar a quem cuidou de mim nesta jornada. Eis que agradeço:

Ao Divino Espírito Santo de Deus, que ilumina as veredas do meu caminho, que guia meus passos, que orienta minhas ações;

Às minhas filhas, Luciana e Giovana, e ao meu filho, Pedro Neto, que são minha vida, meu tudo! Eu poderia dizer que apenas o fato de vocês existirem já seria suficiente para agradecer. Porém, preciso reconhecer a paciência, o incentivo e a participação efetiva nesta pesquisa... Eu tenho muito orgulho de vocês;

Ao Ronaldo, pelo amor, pelo esforço para ter paciência com minhas “neuras”; por ser quem mais suporta as minhas angústias; pelos estímulos quando eu decaí; por tudo aquilo que só nós sabemos; pelo orgulho que eu sei que ele sente de mim; e pela alegria que eu sei que traz consigo agora;

À Leila... São tantas coisas: a parceria, a confiança, a cumplicidade, o respeito, a partilha, o perdão, a amizade, o amor;

À Valdenia – quem primeiro acreditou nesta empreitada –, pela força, por me impulsionar, por me orientar, pela pessoa generosa que é. Se não fosse por ela, penso que dificilmente haveria este capítulo na história da minha vida;

À Shara Jane, pela grande profissional que é; por participar intensamente de cada etapa neste processo, sendo muito mais que uma orientadora, uma amiga. Obrigada por ter me escolhido, acreditado em mim, por ter me incentivado e, sobretudo, pela paciência e por não ter desistido de mim;

À minha amiga Luciana, pela intensa reciprocidade, parceria, tietagem, entusiasmo, pela leitura do trabalho, pela confiança, por tudo o que compartilhamos;

À Dilma, cuja generosidade, serenidade e competência são minhas metas. Quando crescer, quero ser igual a ela;

À tia Déa, por ser minha mãe do coração, do amor. Muita coisa nem teria sido, não fosse por ela;

Aos meus genros, André e Celso, por vivenciarem tão de perto as etapas da pesquisa, ouvindo minhas lamúrias, rindo comigo das minhas “histórias”;

À doce Herica, que comemora cada vitória minha, querendo sempre saber como eu estou;

Aos meus irmãos, Marcelo e Severino; às minhas irmãs, Fátima, Bia, Cida, Kátia e Katiane, aos meus sobrinhos – Ana Paula, Dayane, Júnior, Rafael, Rafaela, Bruna, Artur, Linda e Mirelly –, que ficam felizes por mim, apesar da distância;

À família que ganhei em Teresina: minhas cunhadas, meus cunhados, meus sobrinhos tortos, por acreditarem em mim e por tantas histórias compartilhadas;

À Pollyana e à Elisângela, amigas sociopoetas, pessoas tão queridas, tão especiais, minhas cofacilitadoras quando da produção dos dados, cujas escutas sensíveis favoreceram a produção dos conceitos e das ideias pertinentes ao objeto de estudo;

Aos jovens copesquisadores – Amanda, Eliane, Francisco, Lorena, Lucas, Luciane, Márcia, Paulo Sérgio, Taylane, Vanessa e Yasmin –, pelo envolvimento com a pesquisa, por acreditarem no meu trabalho e embarcarem comigo nesta aventura. Muito obrigada;

Agradeço à professora Amparo Vaz, pela gentileza e pela alegria com que sempre me recebeu, facilitando e validando a minha presença no Severiano Sousa;

Para toda a equipe do Colégio Estadual Severiano Sousa, por me receber com tamanha presteza, deixando-me livre para transitar entre as salas e os corredores da escola, em quaisquer dias ou horários;

À professora Rosileide, pelas palavras motivadoras e pelas contribuições na Qualificação; bem como à professora Carmen Lúcia;

À professora Bomfim, sempre tão atenciosa comigo, que está nesta história desde o começo: da entrevista no processo seletivo à defesa;

À professora Ana Cristina, pela disponibilidade em, prontamente, atender o chamado e vir contribuir com a pesquisa;

À Janete Nascimento, do Escrileituras, pelo seu olhar criterioso sobre as minhas letras;

Aos professores do PPGEd, em especial às professoras Ivana e Vilani e ao professor Francis, por acreditarem no meu potencial e pelas palavras de incentivo;

À 19ª turma de Mestrado em Educação, celeiro de boas amizades. Para não ser injusta, elejo a querida Lucienia, de quem sou fã número 1, como “representante” da Turma no meu coração;

Ao grupo que compõe o Objuve e o Nepegeci, pelas experiências partilhadas;

À Secretaria Estadual de Educação, por me liberar integralmente para os estudos do Mestrado;

Agradeço a todas as pessoas que torceram por mim, que acreditaram que este momento seria possível;

Corre-se sempre o risco de esquecer alguém, perdão.

Em memória de Luiza, minha mãezinha; Raimunda, minha querida sogra; e Pedro, meu estimado sogro.

“Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de livraria”.

(Jorge Luis Borges)

## RESUMO

A temática deste trabalho é a relação que se dá entre jovens e leitura. Traz os resultados de uma pesquisa de mestrado, realizada com nove alunos do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Severiano Sousa, em Teresina-PI, e dois ex-alunos, frequentadores da biblioteca da escola. Tem como objetivo geral analisar as ideias e os conceitos que os jovens têm sobre o que é leitura; e, como objetivos específicos: caracterizar o perfil-leitor dos jovens; identificar suas ideias e seus conceitos sobre o que é leitura; identificar os problemas que os atravessam e que os mobilizam, presentes nas ideias e nos conceitos produzidos por eles sobre leitura; perceber que outras formas de pensar e/ou de problematizar sobre a leitura estão presentes nas ideias e nos conceitos produzidos pelos jovens; identificar o que os jovens podem frente aos problemas enfrentados com a leitura. São referências da pesquisa: Larrosa (2009, 2010), Chartier (1999), Freire (2009), Certeau (2011), Pennac (2008), Manguel (1997), Lajolo (2007) dentre outros, nos debates sobre leitura; Diógenes (2010), Abramo (2005), nas questões que tratam de juventudes. Para a produção dos dados, a pesquisa utilizou a metodologia Sociopoética, prática social de construção do conhecimento, à luz da teoria de Gauthier (1999, 2003, 2013), Adad (2005, 2011, 2012), Petit (2012, 2013). As análises dos dados levam a duas linhas ou dimensões do pensamento do grupo-pesquisador: tipos de leitura e de leitor; e cegueiras que atrapalham e/ou impedem a leitura. Em relação à primeira, os jovens criaram confetos como leitura cabeça de cuia, que faz o leitor cabeça de cuia interagir com o texto, fazendo-o querer ler mais e mais o texto, provocando reações em cadeia em forma de emoções das mais diversas, e que levam a outros confetos potentes como a leitura livro aberto, leitor criatividade, leitura mundo diferente, leitura coisa imaginária, leitor livro na mente. A segunda linha foi definida a partir do confeto cegueira da leitura: a preguiça; a linguagem de difícil compreensão; a ausência de obras contemporâneas nas bibliotecas; e o tratamento dado às capas, que devem ser atrativos e trazer sínteses cativantes. Os dados produzidos nesta pesquisa demonstram o turbilhão de ideias e de conceitos desterritorializados e heterogêneos, marcados pelas multifaces juvenis.

**Palavras-chave:** Leitura. Jovens. Ensino Médio. Sociopoética.

## ABSTRACT

This work deals with the relationship that occur between young people. Reading and brings the results of a research carried out with nine students of the 3<sup>rd</sup> year of high school in the State School Severiano Sousa in Teresina-PI and two former students attending the school library. The research had as general objective to examine the ideas and concepts that young people have about what is reading, and as specific objectives: to characterize the reader-profile of the young; identify their ideas and concepts about what is reading; identify problems that cross and mobilize them present in ideas and concepts produced by them about reading; realize that other ways of thinking and/or discuss about reading are present in ideas and concepts produced by young people, to identify what young people can when they face problems related to reading. Were references of the research: Larrosa (2009, 2010), Chartier (1999), Freire (2009), Certeau (2011), Pennac (2008), Manguel (1997), Lajolo (2007) among others, in discussions on reading; Diogenes (2010), Abramo (2005), in issues dealing about youth. For data production was used as methodology, Sociopoetics, social practice of knowledge construction at light of the theory of Gauthier (1999, 2003, 2013), Adad (2005, 2011, 2012), Petit (2012, 2013). Data analysis led to two lines or dimensions of group thinking-researcher: types of reading and reader, and blindness that hinder and/or prevent reading. Regarding to the first, the young created confection as head gourd readings that makes the head gourd reader interacts with the text, making him more and more want to read the text, causing chain reactions in the form of emotions from different kinds and which lead to other powerful confection as open book reading, creativity reader, different world reading, something imaginary reading, book in mind reader. The second line was defined from blindness in reading confection: laziness; language difficult to understand, the absence of contemporary works in the libraries, and the treatment of covers, that should be attractive and bring captivating syntheses. The data produced in this study demonstrate the whirlwind of ideas and concepts without territory and heterogeneous, marked by multifaceted youth.

**Keywords:** Reading. Young. High School. Sociopoetics.

## SUMÁRIO

<b>1 Páginas Exordiais</b> .....	13
<b>2 Páginas Coloquiais: jovens e leitura em pauta</b> .....	19
<b>2.1 O corpo quando lê: estranhamento e desterritorialização</b> .....	23
<b>2.2 Ler é poder</b> .....	28
<b>2.3 Percursos do fomento à leitura no Brasil</b> .....	31
<b>3 Páginas Sociopoéticas: <i>poiésis</i> metodológica</b> .....	35
<b>3.1 Lendo e Criando no Severiano Sousa</b> .....	37
<b>4 Páginas Sociopoéticas: <i>socius</i> criador</b> .....	57
<b>4.1 Precessão criativa</b> .....	58
<b>4.2 O “Corpo da Leitura” produz ideias e conceitos</b> .....	60
<b>4.3 Análise dos dados pelos copesquisadores</b> .....	78
<b>4.4 Análise dos dados pela facilitadora</b> .....	82
<b>4.4.1 Análise plástica dos dados pela facilitadora</b> .....	83
<b>4.4.1.1 Contra-análise da análise plástica dos dados</b> .....	84
<b>4.4.2 Análise classificatória dos dados orais</b> .....	85
<b>4.4.2.1 Contra-análise dos dados</b> .....	90
<b>5 Páginas Filosóficas: saberes polissêmicos sobre leitura</b> .....	99
<b>5.1 Tipos de leitura e de leitor</b> .....	101
<b>5.2 As cegueiras que atrapalham e/ou impedem a leitura</b> .....	112
<b>6 Páginas Interativas: final aberto</b> .....	119
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123
<b>APÊNDICES</b> .....	129
<b>Apêndice A – Análise classificatória dos dados orais das “Esculturas do Corpo da Leitura”</b> .....	129

<b>Apêndice B – Cruzamento das ideias e dos conceitos dos dados orais das “Esculturas do Corpo da Leitura” .....</b>	<b>139</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>149</b>
<b>Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>149</b>
<b>Anexo B – Autorização Institucional.....</b>	<b>151</b>





## 1 Páginas Exordiais

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar a casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

(Clarice Lispector)

Há algo entre a realidade e a fantasia que mantém em mim a vontade da descoberta: a imaginação que surge nas entreletras, entrelinhas, entrepáginas, entre... Gosto de ler **Felicidade Clandestina**, de Clarice Lispector (1998), porque me lembro de mim, ávida por leitura, na minha infância e na minha adolescência. Como a personagem do conto, eu adorava livros grossos, pois eram sinônimos de muita emoção, de respiração acelerada. E como eram emocionantes aquelas horas em que os **livros** preenchiam a solidão, acalentavam os sonhos, instigavam a curiosidade e me enchiam de sensações inusitadas. O meu corpo se embalava a cada página virada.

Quando o assunto é leitura, o mais distante que a minha memória consegue alcançar é de minha mãe lendo para mim um livrinho colorido com a história de uma estrelinha de Natal. O livro era lindo, a história envolvente, e eu não cansava de ouvi-la. Passados os anos, lembro-me com nitidez das horas em que vivenciava histórias fantásticas, de tal forma, que algumas imagens sou capaz de reproduzir até hoje.

Morei com uma tia dos oito aos 16 anos. Em minha casa, não havia aparelho de televisão porque minha tia acreditava que a programação dos canais em nada contribuía para a minha formação, e que, ao contrário, poderia interferir negativamente nela. Para minha sorte, como ela era professora, em casa havia muitos livros. Eu precisava deles. E eles necessitavam de mim, porque livros sem leitores não dizem nada. É preciso haver leitores. Fico imaginando um livro parado, esquecido em um canto. Ou um livro jamais lido, em meio a tantos outros, como no cemitério dos livros esquecidos, criado por Carlos Ruiz Zafon (2010), em **A Sombra do Vento**. Sem o leitor, o livro não é nada além do que tinta ordenada em papel.

Lembro-me de que meu gosto pela leitura encantou uma irmã de caridade de um convento próximo à minha casa, onde funcionava, também, uma grande escola, com uma vasta biblioteca. A freira abria a biblioteca só para mim, aos domingos, depois da missa. Há pouco, quando li **A Biblioteca de Babel**, de Jorge Luis Borges (2007), compreendi como me

sentia àquela época: em uma biblioteca infinita, com infinitas possibilidades de ser e de viver. Ah! Como eu gostaria de ser como **Funes, o Memorioso**, personagem do mesmo Borges, em conto homônimo, para não esquecer sequer uma linha do que li. Ou não! Talvez, melhor mesmo seja reler para me encontrar em velhas e novas emoções e sensações, assim com o Yambo, de Eco (2009), em **A Misteriosa Chama da Rainha Loana**, que, desmemoriado, percorre um acervo de lembranças infantis, evocando livros, histórias em quadrinhos, dentre outros recursos audiovisuais em busca de recordações.

Tornar a sentir... Meu corpo interagiu com a leitura a partir do momento que eu começava a ler. No início, o compasso era lento. Eu avançava devagar, lia as primeiras páginas sem realmente perceber o que estava escrito. Mas, de repente, era como se o texto me apanhasse e eu passasse a ler com maior liberdade e fluência, enquanto a história penetrava em mim sem impedimentos. Algumas descrições eram tão convincentes, que eu tinha vontade de olhar ao redor e ver se a imagem surgia do meu lado, mas os olhos não me obedeciam mais. Recusavam-se a abandonar a leitura, continuando o percurso do texto. Tentar parar a leitura ou ao menos reduzir o ritmo, era em vão. Tantas vezes senti o suor impregnando meu corpo e o coração acelerando. Outras vezes, sentia meus olhos umedecerem; ou sorria, ria, gargalhava; meu corpo todo vibrava, com “[...] todas as frequências possíveis [...] inventando posições a partir das quais essas vibrações [encontrassem] sons, canais de passagem [...]” (ROLNIK, 2012, p. 4). Quanto mais eu lia, mais nítidas se tornavam as imagens, proporcionando-me a sensação de que eu quase seria capaz de entrar nas paisagens apresentadas no texto.

E era bem assim: para mim, um livro não passaria de um amontoado de papel com palavras e letras, sem sinal da vida, da vibração e da riqueza de cores que eu vivenciava. Eu era responsável por dar-lhe vida: imagens explodiam em minha mente, formas e cores abstratas misturavam-se com as personagens, as paisagens, os cenários. Eu sentia que as letras e as palavras diante de meus olhos quase que se ofereciam, convidando-me a acompanhá-las, como se tivessem esperado muitos anos por aquele momento, elas se enfeitavam me convidando a pronunciá-las e a configurá-las de acordo com meus desejos.

Por que falo do passado? Penso, pela minha experiência, que as primeiras leituras, principalmente se realizadas por uma criança ou um jovem, são mais ricas em vibrações do que as feitas por um adulto, tão invadido pelas interferências de seu mundo fora da leitura, que o impede de sentir e de viver outros modos de existência. Hoje, para que eu alcance minimamente a possibilidade do êxtase, da catarse, é preciso local e posição adequadas: uma rede ou deitada na cama. Acomodar o corpo na posição de total relaxamento, para receber a

leitura. Só assim, em total relaxamento, a leitura me provocará tal estranhamento, suficiente para que meu corpo vibre, para que a leitura impulse imagens e sensações. A forma de sentir a leitura é singular em cada ser, como aponta Suely Rolnik (2012, p. 4): “Tudo no cenário tradicional da arte se desterritorializa: o espaço, os objetos, os personagens (artista, espectador e crítico); o modo de apresentação, de divulgação e de recepção da obra”.

A velocidade da leitura é também uma ferramenta eficaz. Se leio devagar, tenho mais tempo para incutir emoções e atmosfera à cena, enquanto uma leitura mais acelerada é menos rica em detalhes, limitando o efeito a poucas sensações, não menos fortes, é verdade. As imagens, hoje, surgem a partir de minhas próprias impressões e de minha interpretação de texto e são um produto de minhas experiências e da acentuação que sou capaz de dar às letras, em função do mundo ao meu redor, da gama de conhecimento que adquiri, e do local e da posição em que me encontro durante a leitura.

O gosto pela leitura e o prazer que ela me proporciona foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional e para o desenvolvimento das minhas habilidades sociais, proporcionando-me melhor entendimento sobre meu meio e meus pares, na construção da minha subjetividade<sup>1</sup> e no meu convívio com o outro.

Penso que, assim como fez comigo, a leitura é um dos meios pelo qual qualquer indivíduo pode se comunicar com o mundo, ter contato com novas ideias, pontos de vista e experiências, pois, “[...] ao se apropriar de práticas leitoras na vivência cotidiana, o leitor ganha permissão/autonomia para modificar situações, como também, dialoga e interage com outras possibilidades, vislumbrando novos horizontes [...]” (MONTEIRO, 2013, p. 30). E é tudo isso que me move para a realização desta pesquisa, por considerar que:

[...] pesquisar é habitar um conjunto de signos inicialmente dispersos no tempo e no espaço. E é habitando que percebemos que mais importante do que a pesquisa que habitamos, é onde em nós a pesquisa habita. Ou seja, quais as minhas implicações em realizar a pesquisa. O que dela há em mim. Assim é, quando nos deixamos atravessar e redesenhar por outros que nos visitam, que pesquisamos, muitas vezes se instalando e se tornando parte de nós mesmos. (ADAD, 2012, p. 163).

Quais as minhas implicações em realizar a pesquisa com jovens? Sou professora de Língua Portuguesa da rede pública estadual desde 2000. Durante o tempo em que trabalhei em sala de aula, sempre me inquietou a falta de interesse por leitura da maioria dos alunos. Dentro da carga horária da disciplina, levava-os semanalmente à biblioteca. Procurava

---

<sup>1</sup> Não há como dissociar o que me é singular – minhas condições psíquicas e cognitivas –, do objeto da pesquisa e da relação com os copesquisadores. Do contrário, seria mera especulação.

orientá-los na escolha dos livros e os incentivava a recontar a história, dependendo do grau de envolvimento. Exultava com a descoberta de uns e ficava triste por aqueles que não desenvolviam o apego por alguma obra. Imaginava que talvez aqueles volumes não tivessem nada que os interessassem. Sou partidária de que todas as pessoas possuem potencial para desenvolver o gosto pela leitura. Elas só precisam encontrar a forma e o conteúdo que se moldem aos seus desejos.

O meu propósito primeiro foi de investigar os jovens facilitadores do Projeto Agentes de Leitura, presente em vários estados brasileiros, como o vizinho Ceará, por exemplo, e que estava programado para ser implantado no Piauí em 2011. No ano anterior, eu atuava como representante da Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SASC) na equipe integrada com a Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC) e coordenada pela Fundação de Amparo à Cultura (FUNDAC), órgãos do Governo do Estado do Piauí.

Os Agentes de Leitura são selecionados, capacitados e remunerados para desenvolver atividades de difusão cultural, realizando empréstimos de livros e promovendo cirandas e rodas de leituras comunitárias, movimentando o acervo bibliográfico e despertando o interesse e o gosto pela leitura. A proposta despertou em mim o interesse por ver de perto o envolvimento desses jovens com o universo da leitura. Infelizmente, com a mudança de governante, o Projeto não foi efetivado.

Desiludida, com o projeto de pesquisa pronto, tive que modificar o alvo. Anteriormente, em 2007, ainda na SASC, conheci o Programa Arca das Letras. A sede local do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), responsável pelo Programa, funcionava no mesmo prédio daquela Secretária. O Arca das Letras leva minibibliotecas ao meio rural brasileiro, com o intuito de facilitar o acesso ao livro e à informação, beneficiando pessoas do campo, formadas por agricultores e familiares, assentados da reforma agrária, comunidades de pescadores, remanescentes de quilombos, indígenas e populações ribeirinhas.

O programa prevê que as Arcas<sup>2</sup> sejam administradas por moradores escolhidos pela comunidade: os agentes de leitura, responsáveis pelo incentivo à leitura, o empréstimo dos livros, a ampliação dos acervos e a valorização da cultura local. Assim, refiz o projeto. Meu intento era descobrir se um programa como esse seria capaz de modificar os usuários, em especial os jovens, nas suas relações com o meio.

Bem, mas o que o Programa “prevê” não serve de espelho para o que constatei. Nas Arcas que visitei, e de outras que obtive informações, o móvel de madeira que abriga os livros

---

<sup>2</sup> Móveis-biblioteca em que os livros ficam expostos. São fabricados por meio de parcerias entre prefeituras, órgãos públicos, associações comunitárias e/ou colaboradores eventuais.

servia apenas de “enfeite” nas casas dos agentes. Os volumes, muito densos para iniciantes, descansavam inertes, mortos. Tudo isso, e mais a dificuldade de deslocamento, desmotivou-me para tal investigação.

As duas possibilidades diziam respeito à promoção do livro e da leitura em ambientes não formais, fora dos muros da escola. Para mim, e para minha orientadora, seria mais interessante: práticas educativas estão em todas as partes! Mas... E agora? O que fazer? Eis que na busca incessante por um espaço, surgiu uma possibilidade de pesquisa, por intermédio de uma professora de Língua Portuguesa, que me indicou a escola na qual trabalha, o Colégio Estadual Severiano Sousa, onde há um projeto de leitura que mobiliza a comunidade escolar, desde 2011.

A referida escola fica situada à Rua São Paulo, bairro Acarape, zona norte desta capital. Possui apenas uma turma para cada ano do ensino médio, todas no turno matutino. Optei por pesquisar os alunos do 3º ano, pelo fato de que eles podem ser mais facilmente incluídos na categoria juventudes – no plural, por seu caráter de diversidade, de pluralidade, de especificidade e de realidades distintas dessa etapa da vida.

A decisão de acatar a sugestão de fazer a pesquisa no Severiano Sousa deu-se pelo fato de ele ser referência em atividades ligadas à leitura, com matérias publicadas em portais de notícias, jornais e telejornais. Incentivar nos jovens o gosto pela leitura é uma constante naquela escola, por meio do projeto Lendo e Criando, criado e coordenado pela professora Maria do Amparo Viana Vaz. A biblioteca tornou-se um dos espaços preferidos por boa parte dos estudantes da escola. No local, são realizadas ações criativas de incentivo à leitura e de formação de leitores. Localizada em uma sala estrategicamente construída, a Biblioteca Professora Osmarina Andrade Silva Souza, nome dado em homenagem à idealizadora do espaço, é ampla, arejada e bem iluminada, o que favorece o estudo e a preservação do acervo.

O projeto **Lendo e Criando** (VAZ, 2011) teve início em 2011, com o objetivo de valorizar o conhecimento do aluno a partir da leitura, e proporcionar a produção de textos diversos como artigos de opinião, crônicas, poemas, histórias em quadrinhos, desenhos. O projeto é feito em parceria com os professores de Língua Portuguesa, monitores do Programa Mais Educação<sup>3</sup> e professores da escola.

---

<sup>3</sup> O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. As escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal fazem a adesão ao Programa e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Dos 32 alunos que compõem a turma do 3º ano, nove, além de dois ex-alunos frequentadores da biblioteca da escola, transformaram-se em copesquisadores<sup>4</sup> neste projeto, que passou a ter como questões norteadoras: quais as **ideias e os conceitos dos jovens alunos do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Severiano Sousa sobre o que é leitura?** Qual é o perfil desses jovens? Quais os problemas que os atravessam e os mobilizam e que são vivenciados por eles com a leitura? Que outras formas de pensar e/ou de problematizar a leitura são produzidas por esses jovens? O que podem os jovens frente aos problemas enfrentados com a leitura?

Na busca por possíveis respostas a esses questionamentos, realizei a pesquisa, disposta neste trabalho da seguinte forma:

- No capítulo 2, **Páginas Coloquiais: jovens e leitura em pauta**, o diálogo com e entre autores que tratam as temáticas da leitura – Larrosa (2009, 2010), Chartier (1999), Freire (2009), Certeau (2011), Pennac (2008), Manguel (1997), Lajolo (2007); e das juventudes – Diógenes (2010), Abramo (2005);

- O capítulo 3, **Páginas Sociopoéticas: poiésis metodológica**, apresenta os motivos da escolha da Sociopoética como método, à luz da teoria de Gauthier (1999, 2003, 2013), Adad (2005, 2011, 2012), Petit (2012), também presentes no capítulo seguinte; e a oficina de negociação para formação do grupo-pesquisador;

- O capítulo 4, **Páginas Sociopoéticas: socius criador**, amplia a perspectiva da Sociopoética, mostrando a oficina de produção de dados, com a técnica **O corpo da leitura**; a análise coletiva dos dados, pelos copesquisadores; a análise plástica dos dados, pela facilitadora; as análises classificatória e transversal; e a contra-análise;

- **Páginas Filosóficas: saberes polissêmicos**, capítulo 5, coteja o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador com as teorias consagradas;

- Enfim, no capítulo **Páginas Interativas: final aberto**, as reflexões acerca da pesquisa. O caráter interativo é uma referência à técnica de proporcionar ao leitor a oportunidade de participar da ação e de construir seu próprio final: qual é a cota de cada um na promoção de um Brasil de leitores, conseqüentemente esclarecidos, possivelmente livres e capazes de decidir os rumos a seguir e de participar na construção de uma nova sociedade.

---

<sup>4</sup> Copesquisadores são as pessoas-alvo da pesquisa, que, unidas ao facilitador, formam o grupo-pesquisador.

## 2 Páginas Coloquiais: jovens e leitura em pauta

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem [...].

Deixai, pois, que minha Úrsula, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre vós.

(Maria Firmina dos Reis)

Maria Firmina dos Reis (2008), precursora do romance afrodescendente no Brasil, anuncia seu diálogo com o leitor usando sua **Úrsula** como intermediária. Nisso também a autora é original, muito antes de Machado de Assis e seu **Brás Cubas**. Dialogar é entabular conversa, é trocar ideias e opiniões. Desse modo, a proposta deste capítulo é promover o debate com e entre autores que analisam a leitura como prática de liberdade e como potencializadora do homem; que compreendem o leitor como sujeito ativo, proativo, inventivo, não como mero espectador, mas como aquele que dá forma e sentido a um universo antes particular, do autor, agora comum a ambos.

Como se produz um leitor? Que estratégias eficazes podem reverter os números relativos à leitura, sempre tão negativos? Há quem defenda o exemplo, no âmbito familiar, como fundamental no processo de formação do gosto pela leitura. Acusam-se métodos eficientes de aulas de leitura como relevantes para o interesse dos alunos. Cobra-se do Estado programas e projetos de acesso aos livros, de investimentos em espaços de leitura, em bibliotecas.

Certeau (2011, p. 241) censura as pesquisas sobre leitura: “Infelizmente, a abundante literatura consagrada à leitura só fornece precisões fragmentárias [...]”, e essas, segundo ele, são geralmente de tipo estatístico, que calculam as correlações entre objetos lidos, lugares sociais e lugares de frequência, não analisando “[...] a própria operação do ler, suas modalidades e sua tipologia.” (p. 265).

Em pesquisa de Estado da Arte<sup>5</sup> da Leitura, realizada por Penido (2010), envolvendo apenas os aspectos “[...] do seu ensino, das memórias de leituras, dos livros, dos leitores [...]”

---

<sup>5</sup> “Os estudos de tipo Estado da Arte permitem sistematizar um determinado campo de conhecimento, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos inexplorados abertos à pesquisa futura. [...] estado do conhecimento se refere à produção acadêmica discente dos programas nacionais de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, expressa em teses de doutoramento e dissertações de mestrado.” (HADDAD, 2002, p. 9).

(p. 85), a autora contabilizou 642 pesquisas em nível de pós-graduações *stricto sensu* no Brasil, no período 1980-2005, o que resulta, em média, 29 pesquisas por ano, entre teses e dissertações sobre leitura. Isso sem levar em conta os aspectos que dizem respeito à Alfabetização, ao Letramento e aos textos literários. Tamanho volume denota quão relevante é a temática, porém, corre-se sempre o risco de, ao tratar de tão debatido tema, apresentar, tão somente, mais do mesmo.

Assim, não há, nesta dissertação, a intenção do original, a preocupação com o caráter autoral. As ideias, aquelas que parecem minhas, não o são integralmente. Elas habitam em mim, ressoam da minha mente, mas não se compuseram sozinhas: foram apreendidas e aprendidas das vivências, das experiências, das observações, das audições, e, sobretudo, das leituras que fiz. Listo, agora, alguns dos autores imprescindíveis na constituição das opiniões, das interpretações, dos debates, das possíveis respostas, da promoção de novos questionamentos sobre leitura, pertinentes a esta pesquisa: Larrosa (2009, 2010), Chartier (1999), Freire (2009), Certeau (2011), Pennac (2008), Manguel (1997), Lajolo (2007).

Não são as fórmulas que orientam este diálogo. Tampouco os números ou os dados de pesquisas – acadêmicas ou oficiais –, têm peso superior para o colóquio, embora não as ignore: elas podem, sim, apontar caminhos para este trabalho. No entanto, o valor maior está nas ideias sobre a leitura em seu potencial cognitivo inventivo, que agregam todas as dimensões do corpo e do espírito; que potencializam o leitor; que pensam a leitura não apenas como necessária; que veem na leitura o movimento, a emoção, o prazer, os sentidos:

Lê-se com os olhos, mas também com o olfato e com o gosto, com o ouvido e com o tato, com o ventre [...]. O leitor [...] lê com o corpo todo e não só com as partes “altas”. [...] Ler bem é saber ver tudo aquilo que o texto mostra, e também adivinhar o que a literalidade do texto não mostra, isto é, a força que expressa. (LARROSA, 2009, p. 27-28).

A experiência vívida, carnal, da relação entre os sentidos e a leitura é latente nas emoções de Nascimento (2012, p. 101), quando relata o seu “romance com a literatura”:

No grupo escolar onde estudei até a terceira série primária, não havia biblioteca, mas os poucos livros que apareciam das séries seguintes ou para recortes, eram devorados por mim. Eu sentia de longe o cheiro dos livros. E, se eram novos, então [...]. Tinham um cheiro inconfundível. Eu só conseguia interromper minhas leituras para cheirá-los, tocá-los, senti-los em contato com minhas mãos, olhos, ouvidos [...].

Interessam para esta investigação: o entrelugar, espaço entre o texto e o leitor; a influência que o texto exerce sobre o leitor; e a metamorfose à qual o texto eleva o leitor, “[...]”

algo que afeta a totalidade de sua vida na medida em que o chama para ir além de si mesmo, para tornar-se outro.” (LARROSA, 2010, p. 101). Implica, ainda, o entendimento de que há um espaço pleno de visões deturpadas, entre o jovem leitor e o modo como a sociedade o vê, sobretudo a escola.

É comum, por parte dos professores, a queixa de que os alunos não leem, não têm interesse por leitura. A que tipo de leitura eles se reportam? Como é o leitor idealizado nesses jovens? Larrosa (2004) chama a atenção para a “realidade do leitor” como condição *sine qua non* da leitura, e assinala a obstinação monolítica do leitor que lê o que quer ler.

Deixa-se de aceitar como válidas as diferentes leituras realizadas por eles, quais sejam de livros, de revistas, de jornais, de textos lidos na internet ou qualquer outro meio. Há que se ter a compreensão de que é preciso aceitar e multiplicar as diferentes formas de leitura, não importando quanto ou o que lê. Interessa que leia e o quanto essa leitura influenciará em sua transformação. A multiplicidade de textos leva os leitores a conviver com outras formas de leitura. Chartier (1999, p. 77) esclarece que:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler.

Manguel (1997, p. 14-17), nas páginas introdutórias de seu livro **Uma História da Leitura**, mostra quadros e fotografias que aludem às representações de leitura e de leitores através do tempo. Do jovem Aristóteles, com uma das mãos pendendo ao lado do corpo e a outra apoiando a cabeça, lendo “languidamente” um pergaminho; passando por Virgílio, São Domingos, Paolo e Francesca – dois jovens amantes –; até Jorge Luis Borges – de quem Manguel era ledor<sup>6</sup> –, que apertava os olhos para melhor escutar.

Chartier (1999) também faz uso de telas, em **A aventura do livro: do leitor ao navegador**, para destacar as mudanças na forma de apresentação dos livros ao longo da história. Na obra, o autor analisa os elementos que envolvem a leitura – autor, texto, leitor, leitura, biblioteca e universalidade –, comparando a revolução virtual com as outras revoluções por que passou a história do livro. Segundo o autor (1999, p. 71), “A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega a cada vez, um outro significado”.

---

<sup>6</sup> Chama-se ledor àquele que lê para deficientes visuais. O escritor argentino Jorge Luís Borges começou a ficar cego na infância, devido a uma degeneração genética da retina, herdada do pai. Em 1950, já não conseguia ver. Além de ler para ele, Manguel redigia os textos que Borges ditava.

Assim, a história da leitura, paralela à do livro, é estabelecida por mudanças, como qualquer outra, e, como no passado, hoje, ela está ancorada em diferentes textos, como será possível perceber nas vozes dos copesquisadores deste trabalho.

Em todas as fases da vida, há inacessibilidades ou dificuldades de estabelecer elos, de promover diálogos. Nenhuma delas, no entanto, é mais problematizada do que as juventudes. Muitos relatos de experiências vivenciadas por educadores apontam certa “resistência” dos jovens em aceitar o que lhes é proposto. Talvez porque sejam imposições, apenas. Se há um bloqueio, eles estão querendo dizer alguma coisa, ou mesmo apontando que a direção que está sendo tomada não é a ideal ou não atende aos seus desejos, às suas necessidades e às suas expectativas. Não basta dizer que o jovem “não quer nada”. Mesmo porque, se a questão for percebida dessa maneira, sugere estar diante de um caso sem solução e, que, portanto, não haveria mais o que fazer.

O jovem é visto na perspectiva da falta, da incompletude, da desconfiança, o que torna ainda mais difícil para a escola perceber quem ele é, de fato, o que pensa e é capaz de fazer. Diante dessa postura, não é de se estranhar a dificuldade para estabelecer um diálogo entre professores e alunos e a desmotivação e o desinteresse dos jovens para com a escola. (DIÓGENES, 2010, p. 64).

Abramo (2005) critica a concepção clássica sobre a condição juvenil, que a considera como mera fase de vida transitória entre a infância e a fase adulta. A autora enfatiza a necessidade de considerar os atributos socioculturais desse período e lembra que a concepção atual de juventudes aponta como uma fase de moratória, não no sentido de suspensão dos “[...] deveres e direitos da produção, reprodução e participação [...]” (p. 41), mas no de “[...] possibilidade de vivência e experimentação diferenciada [...]” (p. 69).

Refletir sobre as juventudes é pensar as ideias com muita energia, a busca do que ser e do que fazer, as curiosidades e as possibilidades; é crer, ainda, na capacidade de realizar sonhos, de conhecer, de criar. Importante perceber os jovens com habilidades e capacidades específicas que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética.

Ressalta-se assim a importância da relação dialógica com o jovem, tendo por base a presença do facilitador, como condensador de experiência de vida, de saberes capazes de exercer influência construtiva, criativa e solidária na vida dos educandos. O jovem é então considerado parceiro, interlocutor, fonte de criatividade, de liberdade e compromisso. (DIÓGENES, 2010, p. 84).

Independente da idade, a leitura é prática cultural importante na vida de qualquer pessoa; leva ao exercício da cidadania; possibilita a inclusão social, a autonomia e dá suporte para a ação coletiva. Assim, a prática da leitura é aspecto fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento, seja por meio formal – os livros didáticos ou paradidáticos –, que são imperativos do currículo escolar; ou informal – a leitura voluntária, por prazer, lazer, desejo –, dentro da escola, em casa, em bibliotecas ou defronte ao computador.

Apesar de, nesta pesquisa, o limite estar dentro dos muros da escola, as juventudes são compostas por sujeitos sociais. Daí o interesse de conhecer suas ideias e os seus conceitos sobre leitura. Compreender o jovem leitor como sujeito da ação de ler e de significar as leituras, inclusive com conceitos inusitados, outras formas de pensá-las e de problematizá-las, indicando que seu uso potencializa seu corpo jovem.

Desse modo, objetivamente, esta pesquisa se propõe a analisar as ideias e os conceitos que os jovens da Escola Estadual Severiano Sousa têm sobre o que é leitura. E, de forma mais específica: identificar suas ideias e seus conceitos sobre o que é leitura; identificar os problemas que atravessam e que lhes mobilizam e que estão presentes nas ideias e conceitos produzidos a partir da leitura; perceber que outras formas de pensar e/ou de problematizar sobre a leitura estão presentes nas ideias e nos conceitos produzidos por eles; identificar o que os jovens podem frente aos problemas enfrentados com a leitura.

## **2.1 O corpo quando lê: estranhamento e desterritorialização**

O envolvimento com o universo da leitura, o gosto pela leitura, que leva ao hábito, tem início, segundo Pennac (2008), pela tradição oral: as crianças cujos pais ou responsáveis frequentemente leem para e/ou com eles, provavelmente despertarão interesse pelo universo das letras. A ideia do autor também é defendida por Certeau (2011, p. 240), no sentido de que: “[...] somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece as estratégias [...]. Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral”.

Ao ler para outrem, viver as personagens – dramatizar é preciso –, caprichando no ritmo, na entonação e usando todo o corpo para dar vida ao enredo, o que pode provocar entusiasmo, envolvimento. Acerca de tais vivências, Manguel (1997, p. 131-132) relata:

[...] encostado nos travesseiros, ouvia minha babá ler os aterrorizantes contos de fadas dos irmãos Grimm. Às vezes, a voz dela me fazia dormir; outras

vezes, ao contrário, deixava-me numa excitação febril [...]. Mas na maior parte do tempo eu simplesmente gozava a sensação voluptuosa de ser levado pelas palavras e sentia, num sentido muito físico, que estava viajando por algum lugar maravilhosamente longínquo, um lugar que eu dificilmente arriscava espiar na última e secreta página do livro.

A conduta do leitor proporciona na criança o estranhamento necessário para fazer com que ela saia da sua zona de conforto, do seu território e viaje por lugares jamais imaginados. Há um leitor oral, mas a criança que ouve vai para onde ela quer ir, para onde a imaginação ativa favorece. Ela cria mundos. Ao retornar desse passeio intenso, o pequeno ouvinte já não é mais o mesmo. Aqui se dá o contato do corpo com o texto, tanto para quem lê – a entonação e o timbre da voz, a movimentação do olhar, o gestual físico –; quanto para quem ouve – a respiração ofegante, a pulsação acelerada. A experiência da leitura possibilita deslocamentos, transformações, permitindo que o leitor e o ouvinte sejam atravessados pela materialidade das palavras, pelo seu jogo de sentidos. Alves (2012) confirma:

Todo o texto é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele desliza sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto – a beleza acontece. E o texto apossa-se do corpo de quem ouve.

Agora a criança cresceu e começou a ler sozinha. Agora ela já não ouve mais as leituras, ou sequer as compartilha. Ela lê para si. Os sentidos que serão provocados talvez jamais sejam percebidos ou revelados, mas, seguramente a transportarão a outro lugar, o entrelugar – intervalo entre o texto e o leitor; outro ser, além de si mesmo, constituído com a experiência sensorial da leitura: um corpo a corpo. Imagem nítida disso, Larrosa (2010) apresenta, ou presenteia aos leitores de sua **Pedagogia Profana**, com um poema de Rilke, considerado um dos maiores poetas da literatura alemã:

### **O leitor**

Quem o conhece, a este que baixou  
seu rosto, de um ser até um segundo ser,  
a quem apenas o veloz passar das páginas plenas  
às vezes interrompe com violência?

Nem sequer sua mãe estaria segura  
se ele é aquele que ali lê algo, mergulhado  
em sua sombra. E nós, que tínhamos horas,  
que sabemos de quanto se dissipou

até que, com esforço, ergueu o olhar?

carregando sobre si o que, abaixo, no livro,  
acontecia, e com olhos dadivosos, que ao invés  
de tomar, se topavam com um mundo pleno e pronto:  
como crianças caladas que jogavam sozinhas  
e de pronto vivenciam o existente;  
mas seus traços, que estavam ordenados,  
ficaram alterados para sempre.

O contato direto com o texto é o elemento central desse poema, aproximação ativa, corpo a corpo com a palavra escrita: o encontro do corpo-leitor com o corpo do texto, tirando-o de si e transformando-o. Larrosa traduz as letras de Rilke:

O poema contém três elementos que poderiam ser significativos para uma imagem da experiência da leitura. Em primeiro lugar, a relação entre o presente no texto e o ausente, entre o dito e o não dito [...]. Em segundo lugar, uma inversão da relação entre o leitor e o texto: não é o leitor que dá a razão do texto [...] mas é o texto que lê o leitor, o interroga e o coloca sob sua influência. Por último, o texto como origem de uma interpelação: a leitura seria um deixar dizer algo ao texto, algo que alguém não sabe nem espera, algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade de sua vida na medida em que o chama para ir além de si mesmo, para tornar-se outro. (LARROSA, 2010, p. 101).

Assim, um livro só passa a ser uma parte integrante da vida de qualquer ser humano, no momento em que se pode manuseá-lo, acariciá-lo, ou seja, promover o estabelecimento de uma relação íntima do leitor, obra e autor:

O ato de ler estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, e até mesmo o paladar, quando os dedos são umedecidos na língua. (MANGUEL, 1997, p. 277).

O autor destaca todos os sentidos, mas leitura é comumente associada aos olhos. E o olhar pode ser neurótico, objetivo, aliciado pelo olhar pronto, fechado, dado. Mas isso não significa dizer que a sonoridade não permita o estranhamento. Pennac defende o “direito de ler em voz alta”:

Estranho desaparecimento, esse da leitura em voz alta. [...] Não se tem mais o direito de pôr as palavras na boca, antes de enfiá-las na cabeça? Não há mais ouvidos? Nem música? Nem saliva? Nem gosto nas palavras? [...] Textos mudos para espíritos mudos? [...] Nossas palavras precisam de corpos! Nossos livros precisam de vida! (PENNAC, 2008, p. 148).

Algumas peculiaridades só podem ser atribuídas à voz: gemido, sussurro, balbucio, soluço, riso. Tais elementos podem representar fatores que proporcionarão o estranhamento necessário para dar vazão às sensações. Larrosa (2004, p. 38) acredita que “[...] só o hálito da voz do leitor é capaz de reviver [a palavra]. Como se houvesse uma vida das palavras que só está na voz, no hálito da voz, na alma da voz”.

Os olhos, percorrendo as páginas e a língua estática, representam a figura de um leitor solitário, de modo geral, nos dias de hoje. Mas, nem sempre foi assim. O ocidente demorou a vivenciar a leitura silenciosa. O costume era ler em voz alta, mesmo nos lugares públicos, incluindo as bibliotecas. O primeiro registro de leitura silente foi feita por Santo Agostinho, acerca de Ambrósio, então bispo católico de Milão, posteriormente alçado à santidade, no ano de 383:

Quando lia, seus olhos percorriam as páginas e seu espírito penetrava-lhes o sentido, mas sua voz e sua língua repousavam. [...] vi-o ler em silêncio, e nunca de outra maneira. [...] ficava eu por muito tempo calado, pois quem se atreveria molestar um homem tão atento? (AGOSTINHO, 2002, p. 122).

Santo Agostinho não traça nenhuma relação entre a leitura oral e a leitura para si, mas atribui aos olhos o poder de “penetrar os sentidos”, em que a ausência do som cede a vez às profundidades sensoriais. No entanto, Larrosa alerta que apesar do caráter de fugacidade, a voz se desdobra no tempo, assim como “[...] a vida e tudo o que está vivo: o pensamento, a atenção, a percepção, o sentir, o atuar.” (LARROSA, 2004, p. 42).

Para Certeau (2011, p. 247), com o advento “moderno” da leitura silenciosa, “[...] o corpo se retira do texto. [...] A autonomia do olho suspende a cumplicidade do corpo com o texto”. Assim, a leitura em voz alta representaria compartilhamento, e a leitura silenciosa, por sua vez, a relação sem restrições com as palavras, que, naquele momento, existem em um espaço interior, no qual os pensamentos do leitor as controlam ao seu sabor, comparando-as com outras leituras, outras artes, outras vivências. As letras se calam, sob a posse do leitor, dominadas em seu íntimo.

Os textos não existem em si mesmos, sem os suportes e os veículos. As formas que fazem com que sejam lidos – ouvidos ou vistos –, participam, também, da construção de sua significação. Assim, o texto não é o mesmo se os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação são modificados.

A experiência da leitura permite que, no diálogo com as palavras, sejam provocados no leitor deslocamentos e transformações, ou como diz Larrosa (2010), “metamorfoses”. O

texto, nesse entendimento, não seria subjugado pelo leitor, nem utilizado como aparelho de aprendizagem: o leitor é aquele que seria atravessado pela corporeidade das palavras, pelo seu jogo de sentidos. Assim, a leitura proporciona o inusitado, o efeito do estranhamento, uma vez que o que foge aos olhos de quem lê é o que leva o leitor a um lugar não previsto, a uma desterritorialização, como acentua Certeau:

[...] ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite [...]. O leitor é o produtor dos jardins que miniaturizam e congregam um mundo [...]. Ele se desterritorializa, oscilando em um não lugar entre o que inventa e o que modifica. (CERTEAU, 2011, p. 244-245).

Seja de forma silente ou sonora, durante a leitura, o leitor se desterritorializa, provocado pelo estranhamento de poder se deslocar, alterar o corpo, o deslocamento por meio da leitura como a capacidade de transportar-se para onde sequer imagina. É lugar-comum chamar a esses processos de desterritorialização de “a viagem da leitura”. Isto é, o texto pode ser vivido em sua dimensão sensorial, o que permite a produção de efeitos de estranhamentos no corpo do leitor, acontecidos no contato com os deslocamentos produzidos no interior do texto, com a densidade e a experimentação da palavra escrita e o encontro entre os corpos.

Desse modo, o texto não é mera informação, referência ou comunicação, mas se mostra em uma extensão sensível, carnal, viva. A palavra não se resume a um código ou a um conjunto de informações assimiladas, mas institui movimentos, faculta transformações. A palavra tem textura, potência. Trata-se daquilo que Paz (1982, p. 128) defende: “O valor das palavras reside no sentido que ocultam. Ora, esse sentido não é senão um esforço para alcançar algo que não se pode realmente ser alcançado pelas palavras”.

Um texto não se restringe a um amontoado de letras distribuídas em um determinado espaço como o papel, pois, no momento em que há um leitor que a lê, a palavra, antes descansando na página, é ocupada ao mesmo tempo em que ocupa um corpo vivo, denso. O texto, ao ser lido, é encarnado; e a palavra, ao adentrar o corpo do leitor, confere sensações, sentidos: uma relação forte entre leitura e corpo, em que texto suscita o estranhamento, promove sensações, distancia do modo comum de perceber o mundo, levando o corpo a uma nova dimensão: um infinito universo de sensações e de emoções a serem experimentadas, exploradas.

## 2.2 Ler é poder

Para Foucault (2000), somos seres de linguagem e não seres que possuem linguagem. A evolução da linguagem passa pela leitura. Essa é requisito fundamental para o desenvolvimento de habilidades sociais, proporcionando ao leitor: melhor entendimento de seu meio; construção da sua subjetividade; e capacidade de conviver com o diferente. Ler é uma das formas que o indivíduo tem de comunicar-se com o mundo, de ter contato com novas ideias, pontos de vista e experiências. Não ler, traz prejuízos que vão desde o desenvolvimento pessoal e profissional até a ampliação das desigualdades sociais.

Na medida em que a leitura intensifica a comunicação, potencializa o leitor, proporcionando-o autonomia e conferindo qualidade às suas ações e decisões, tornando-o mais crítico e menos propenso a aceitar discursos dominantes. Assim, a leitura pode ser considerada um processo que está atrelado à educação e não é à toa que a aprendizagem e o domínio da leitura estão encarnados no quadro dos direitos da cidadania.

O direito à leitura pressupõe, além do ensino gratuito via escola, a inclusão dinâmica no universo da cultura letrada, pois que as sociedades contemporâneas se caracterizam pela circulação democrática das informações, pelo avanço da ciência e da tecnologia, pela produção da literatura – todos esses campos têm na palavra escrita (manuscrita, impressa e/ou virtual) o seu veículo primeiro de comunicação. Nesses termos, a leitura é, também, um instrumento básico, insubstituível para que o sujeito possa exercer os seus direitos de cidadania e, ao mesmo tempo cumprir com os seus deveres.

Leitura não se restringe ao ato de ler livros, mas também de ler jornais, revistas, filmes, quadros, charges e outros textos. O importante é criar espaços no sentido de desenvolver o gosto pela leitura. “É preciso frisar também que a prática de leitura precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível”, salienta Lajolo (2007, p. 109), que propõe uma reflexão sobre o papel da leitura numa sociedade democrática. A autora constata que ler é essencial, e não só para aqueles que pretendem participar de uma produção cultural mais sofisticada, pois a própria sociedade do consumo utiliza a linguagem escrita para muitos de seus apelos. Ler jornal, procurar emprego, assinar contratos de trabalho e outra infinidade de atividades sociais do dia a dia requerem habilidades de leitura que precisam ser consideradas num projeto de educação democrática. E afirma também ser fundamental a leitura de textos literários, pois,

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos livros. (LAJOLO, 2007, p. 106).

O texto artístico, poético não se resume a um código ou a um conjunto de informações assimiladas, mas institui movimentos, faculta transformações. Pode, portanto, ferir, comover, provocar compaixão, medo, raiva, ternura, alegria, prazer.

O texto, naturalmente, faz ver, comunica uma visão, ensina a ver as coisas de certa maneira, transmite perspectivas, mostra a realidade a partir de certo ponto de vista, a partir de certa distância, enfatiza certos perfis e esfumaça outros, distribui cores. [...] Ler [...] é olhar ativamente, olhar com olhos múltiplos e interessados, saber utilizar “a diversidade das perspectivas e das interpretações nascidas dos afetos”. (LARROSA, 2009, p. 27-28).

Vale ressaltar que não basta apenas ler, mas é importante analisar, interpretar, conhecer para agregar valor à atividade ou à necessidade que se tem. Na seleção de determinado livro, revista ou jornal, existe uma intenção para justificar a escolha. É fundamental a interação dos elementos textuais com os conhecimentos do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, maior a probabilidade de êxito na leitura. Um dos objetivos principais da leitura é a compreensão, visto que é interação. Freire (2009, p. 12) diz que “[...] a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”.

Segundo o autor, é essencial saber valorizar a cultura popular em que o leitor está inserido, para, a partir dessa cultura, aprofundar seus conhecimentos, para que participe do processo permanente da sua libertação.

Nesse sentido, a atuação de uma biblioteca popular, tem algo a ver com uma política cultural, pois incentiva a compressão crítica do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto, para que o povo participe ativamente das mudanças constantes da sociedade.

Quando Jeca Tatu aprendeu a ler, conta Monteiro Lobato, encheu a casa de livros e sua vida mudou completamente. Jorge de Burgos, apesar de cego, era o guardião da biblioteca do mosteiro beneditino em **O Nome da Rosa**, e Umberto Eco deu-lhe esse nome em homenagem ao escritor argentino Jorge Luis Borges, citado anteriormente, autor de diversas

histórias ambientadas em bibliotecas. Mais que isso, seu conto **A Biblioteca de Babel** fala de uma realidade em que o mundo é constituído por uma biblioteca infundável.

A **Biblioteca** de Borges, infinita e universal, possui todos os livros possíveis e imagináveis, exaure todas as combinações alfabéticas. É viável a ideia de que há uma biblioteca infundável no universo virtual, por exemplo, que dispõe de uma profusão de ofertas. Contudo, não se deve prescindir da biblioteca material, para preservar a cultura escrita, para resguardar letras anteriores ao advento do computador.

É notável a preocupação do homem em guardar para si ou para os descendentes as informações e os conhecimentos que obtém. As bibliotecas, como preservadoras e geradoras de conhecimento, existem muito antes das que são registradas em compêndios históricos. Segundo Eco, “[...] as bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo. Foram e são ainda uma espécie de cérebro universal onde podemos reaver o que esquecemos e o que ainda não sabemos.” (ECO, 2003, p. 2).

Pelo Brasil afora, são muitos os municípios e as escolas desprovidas de biblioteca. E, em alguns casos, as que existem – inclusive nas grandes cidades –, possuem um acervo antigo, com livros deteriorados. Encontrar um título novo em uma biblioteca pública é quase uma utopia. Em Teresina, a biblioteca pública Cromwell de Carvalho, uma das maiores do estado – a maior é a Biblioteca Comunitária Carlos Castello Branco, da UFPI –, permaneceu fechada por mais de dois anos para reforma, sem que se houvesse determinado um local alternativo para unir as obras e a comunidade, o que ampliou a carência de espaços de leitura e denotou desinteresse do poder público estadual para com a causa.

Outra observação a ser feita é a ausência de obras regionais nas bibliotecas. As produções locais ou não existem ou não são colocadas em evidência. É essencial que se saiba valorizar a cultura popular em que o leitor está inserido, para, a partir dessa cultura, aprofundar seus conhecimentos, e participar do processo permanente da sua ampliação do universo do leitor. Nesse sentido, conforme Freire (2009, p. 38),

A biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação com o contexto.

Não obstante o avanço dos meios eletrônicos de armazenamento e de acesso à informação, o livro ainda destaca-se como o meio mais eficiente de apropriação do conhecimento que circula na sociedade. No mesmo patamar está a biblioteca, como local de acervo e de memória. Não basta ter acesso. É imprescindível que o indivíduo seja estimulado

à prática da leitura. Caso contrário, o livro não cumpre sua função, como questiona Chartier (1999, p. 154),

[...] um livro existe sem leitor? Ele pode existir como objeto, mas sem leitor, o texto do qual ele é portador é apenas virtual. Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para inscrevê-lo na memória ou transformá-lo em experiência?

Certamente o alemão Johann Gutenberg não imaginou que seus inventos, o tipógrafo e a sua **Bíblia de 42 linhas**, seriam precursores da produção de livros em escala. Apesar de o Brasil ser hoje um dos maiores produtores editoriais da América Latina, infelizmente, ouve-se muito a máxima de que o brasileiro não tem hábito de leitura. Pesquisa realizada em 2007 e divulgada em 2008, pelo Instituto Pró-Livro, denominada “Retratos da Leitura no Brasil”, aponta que:

Há uma grande, enorme fatia da população que não conhece os materiais de leitura, ou conhece muito mal. Há um claríssimo problema de acesso aos materiais de leitura, especialmente ao livro. Mesmo tendo-os por perto, falta a descoberta, a volta na chave que faz a súbita ligação e torna o sujeito capturado para a leitura. Ele não descobriu a senha. Por isso mesmo, à frente da leitura (5º ou 4º lugar, conforme o enfoque), depois apenas de ver televisão, ouvir música e (às vezes) ouvir rádio, os entrevistados (mesmo os mais novos) afirmam preferir ocupar seu tempo livre... descansando!!! Ao mesmo tempo, a falta de tempo (com índices de às vezes mais de 50%) é a alegação mais comum dos entrevistados, em várias respostas, para tentar justificar o não envolvimento com a leitura. (AMORIM, 2008, p. 50).

Esse baixo índice de leitura pode configurar-se como um dos obstáculos mais comprometedores para a superação das dificuldades e como uma consequência das condições socioeconômicas e educacionais da população do país.

[...] jovens brasileiros cujas famílias também não podem formar suas bibliotecas particulares devem, desde cedo, conviver com a leitura e os livros nas bibliotecas das escolas para se familiarizarem com o espaço e, quando adultos, irem ao encontro delas com naturalidade porque conhecem a importância social dos seus serviços. (SERRA, 1999, p. 40).

### **2.3 Percursos do fomento à leitura no Brasil**

A carência de políticas públicas voltadas para o fomento à leitura no país é uma realidade. Contextualizando as promoções de incentivo à leitura, emanadas pelo Governo Federal, vê-se que a partir da década de 1970, por intermédio do Instituto Nacional do Livro,

iniciaram-se os projetos de financiamento de obras literárias. Na década de 1980, a Fundação Nacional do Livro, em parceria com a iniciativa privada patrocinou projetos de incentivo à leitura. Na década de 1990, foi instituído o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) com o objetivo principal de coordenar, disseminar, articular, ouvir as propostas, as ideias para a dinamização de experiências na área da leitura, realizadas nas diversas regiões do País.

Em 1997, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) em parceria com a Secretaria de Ensino Fundamental (SEF), criou o Plano Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) com a intenção de prover recursos diversificados para a promoção da leitura no Ensino Fundamental. Em 2001, o MEC e a SEF criaram o Programa “Literatura em Minha Casa” com o objetivo de integrar nas práticas de leitura a escola e a família. Já em 2006, foi criado pelo Ministério da Educação e Cultura o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) um conjunto de projetos, programas, atividades e eventos na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas em desenvolvimento no país, empreendidos pelo Estado (em âmbito federal, estadual e municipal) e pela sociedade. Como foi possível observar, a partir dos números da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, as políticas públicas do país ainda se encontram distantes de atender as demandas do PNLL, que objetiva:

[...] assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo. (PNLL, 2006).

Portanto, a ideia central é de que se deva ler para melhor viver no mundo. Quanto maior for o entendimento de mundo, mais profundamente far-se-ão leituras deste, participando criticamente das relações e tomando posicionamentos firmes frente à realidade.

Este colóquio representa gota d’água no oceano das informações, das ideias, dos conceitos que envolvem a temática da leitura na perspectiva proposta: sonhar com um mundo de descobertas, de emoções, de devires, de imaginação, de capacidade de inventar e se reinventar a cada página virada, a cada *click*. A expansão e a socialização do suprasumo extraído das vivências, de modo que suplante a simples mensuração de dados; a exaltação da cultura, individual ou social, valores que alcancem e que expandam o potencial cognitivo de cada um, que exaltem a cultura que os jovens acumulam.

Procuro o encantamento. Aquele das minhas primeiras letras, dos meus primeiros devires: Heidi, Pollyana, Narizinho, Alice, Doroty, Phileas, D’Artagnan, Oliver, Huckleberry,

a borboleta Atíria... Ler é também paixão. Não ler por obrigação, ler por prazer. Porém, quanto ao amor, já seria uma história para ser contada/investigada/tratada de outra feita.

Na busca por tal arrebatamento, eis que surge a Sociopoética – método promotor do potencial criador dos copesquisadores, oscilando entre a Arte e a Filosofia –, sobre a qual discorro no capítulo seguinte.



### 3 Páginas Sociopoéticas: *poiésis* metodológica

“A mãe reparou que o menino  
gostava mais do vazio  
do que do cheio.  
Falava que os vazios são maiores  
e até infinitos”.  
(Manoel de Barros)

Mágica: papel em branco – o vazio –, juntar as palavras, misturar, organizar, construir, desconstruir. Ou seria, como bem diz Manoel de Barros (2010, p. 70, grifo meu), “[...] a terapia literária consiste em **desarrumar a linguagem** a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos”.

De posse da ideia, o que fazer? Ou melhor, como fazer para alcançar os objetivos da pesquisa? Eis o não saber que invoca movimento, que aciona o corpo para o caminhar, o buscar: “[...] o que importa é o andar e não o chegar. [...] o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto.” (LOURO, 2004, p. 13). Eis a oportunidade de construir ou de desconstruir a partir de um método. Eis o lugar onde a Sociopoética se instala. Abordagem filosófica de pesquisa e de ensino-aprendizagem, criada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier, a expressão Sociopoética surge de um neologismo que une o latim *socius* – aquilo que é coletivo –, ao grego *poiésis*, que significa criação. Desse modo, o termo designa a construção coletiva do conhecimento. Por que uma filosofia? Porque ela:

1- descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; 2- favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; 3- favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; 4- favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais. (GAUTHIER, 2003, p. 12).

Não há intenção de produzir, neste capítulo, uma cartilha sobre Sociopoética, mas cruzar os seus caminhos com os da minha pesquisa, não como um roteiro ou um passo a passo, mas como relato das trilhas percorridas, procurando perceber o que não foi visto no decorrer do percurso, captar as veredas que surgiram nos deslocamentos, nas desterritorializações e nas reterritorializações.

Tendo nascido como método para pesquisas, a Sociopoética inspira a criatividade em ambientes em que o conhecimento seja a pauta, em qualquer ramo da ciência desde que tenha como objetivos descolonizar o pensamento e democratizar os saberes. Apesar de não haver

fórmulas para sua execução, a abordagem tem suas especificidades: negociações com público-alvo para a formação do grupo-pesquisador; promoção de oficinas por meio de vivências, utilizando técnicas artísticas, por usar a arte como dispositivo<sup>7</sup> que aciona a produção por meio do estranhamento, que, por sua vez, possibilita “[...] tecer CONceitos com aFETOS, os CONFETOS ousam conjugar o verbo amar entre ciências e arte, sem temer as possíveis críticas que daí possam advir” (SATO; SENRA, 2013, p. 140, grifos dos autores). Os confetos, neologismo particular da Sociopoética, são produzidos na afetação do encontro nas vivências ao tocar o outro e ser tocado por ele. Assim, a Sociopoética é:

[...] abordagem de pesquisa ou aprendizagem que destaca, simultaneamente, os seguintes princípios: A importância do corpo como fonte do conhecimento; A importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; O papel dos sujeitos pesquisados como corresponsáveis pelos conhecimentos produzidos, copesquisadores; O papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; A importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes. (ADAD, 2011, p. 198).

Recorrer às referências da Sociopoética surge do desejo de despertar o potencial inventivo dos copesquisadores, estudantes do 3º ano do ensino médio do Colégio Estadual Severiano Sousa, explorando suas vivências, provocando emoções e manifestações artísticas. Ao refletir acerca da Sociopoética, Gauthier conclui que:

[...] o que instiga a produção metafórica na Sociopoética, é a utilização de múltiplas linguagens. Pois ao se respaldar seja no teatro, no desenho ou em outro recurso artístico, esse método possibilita ao grupo-pesquisador experimentar a arte na pesquisa. Isso não significa, contudo, que a Sociopoética tenha a intenção de formar artistas no sentido oficial que se atribui ao termo e sim atingir “a dimensão profunda da subjetividade”. (GAUTHIER, 1999).

Adotei esse método por entender que a relação entre pesquisar a leitura e valorizar a subjetividade dos alunos, normalmente pouco reconhecida, poderia se efetivar, pois a Sociopoética me anunciou possibilidades de envolver os jovens na pesquisa por meio do corpo todo e da arte, promovendo as dimensões da ludicidade, da sensibilidade, da afetividade.

---

<sup>7</sup> “Dispositivo é tudo aquilo que está no centro da própria possibilidade de analisar, criticar e autocriticar.” (ADAD, 2011, p. 199).

Em fevereiro de 2011, fiz o percurso – pesquisa + curso –, com o tema gerador O Corpo, experimentação de Sociopoética, na UFPI, facilitado pela professora Shara Jane. Posteriormente, na matriz curricular do mestrado, cursei a disciplina Sociopoética. Ocorre que é impossível dizer da Sociopoética sem tê-la experienciado. Portanto, a partir daqui vou relatar todos os passos da minha caminhada neste processo, acreditando que o que fiz, o que senti, o que vivi, foi único.

### 3.1 Lendo e Criando no Severiano Sousa

Antes do encontro efetivo com a Sociopoética na pesquisa, eis a trajetória que culminou na produção dos dados: no dia 10 de outubro de 2012, fiz a primeira visita à Unidade Escolar Severiano Sousa, ansiosa para conferir *in loco* as viabilidades para realização desta investigação. Apresentei-me à direção e à coordenação da escola, falei sobre a pesquisa, e dos motivos que me levaram até lá. A disponibilidade em aceitar a minha inserção no contexto escolar foi imediata, o que me deixou num misto de felicidade e alívio, dadas as impossibilidades anteriores, relatadas no capítulo introdutório deste trabalho. A coordenadora mostrou-se lisonjeada pela escolha da escola e apresentou-me à professora Maria do Amparo Viana Vaz, que é responsável pela biblioteca e coordena o projeto de leitura Lendo e Criando, desenvolvido com alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

#### Alunos na Biblioteca Professora Osmarina Andrade Silva



A Biblioteca Professora Osmarina Andrade Silva Souza possui aproximadamente 2.200 volumes, entre livros didáticos e paradidáticos, e revistas, tudo organizado com simplicidade e bom gosto. Cada turma representa um desafio para a professora Amparo Viana que organiza momentos diferenciados, considerando as necessidades de cada novo grupo de estudantes que entra na Biblioteca.

A escolha dos livros é muito subjetiva. Por isso, deixo que eles optem pelo que querem ler. A partir daí, elaboro uma forma de fazer com que o estudante interaja com a história. Podem ser com cartazes, com a ajuda da música, desenhando, vai da criatividade de cada um. (PROFESSORA AMPARO VIANA).

O Projeto Lendo e Criando surgiu, segundo a professora Amparo Viana, da observação do desinteresse dos alunos pela leitura e a consequente dificuldade de escrever, de interpretar e de raciocinar, de se expressar e até mesmo de sentar na biblioteca para folhear um livro ou uma revista. A ideia, então, era de buscar novas alternativas para conscientizá-los de que a biblioteca e a sala de aula não são apenas anexos da escola e sim lugar de aprender e de se obter conhecimentos.

A decisão de realizar este trabalho com os alunos foi por perceber a grande dificuldade que os mesmos têm de ler, de interpretar, de se expressar e até mesmo de sentar na biblioteca para folhear um livro ou uma revista. Queremos despertar e incentivar o interesse pela leitura e obviamente fazer com que ele passe para o papel suas emoções através da arte de escrever, desenhar e interpretar, motivados pelo conhecimento que adquiriram ao longo do ano. (PROFESSORA AMPARO VIANA).

Desse modo, os alunos são incentivados a ler livros, revistas, gibis, em sala de aula, na biblioteca, em casa, e, ao longo do ano, são cobradas produções de textos diversos: crônicas, textos de opinião, poemas, histórias em quadrinhos, desenhos etc. Os melhores trabalhos são selecionados e, no final do ano, é divulgado um livro artesanal, denominado **...entre linhas...**, lançado em dia festivo, para toda a comunidade escolar e com a presença dos pais ou responsáveis. A ideia foi tão bem recebida que, para a segunda edição, o projeto foi expandido para todos os alunos da unidade. A prova de que o projeto deu certo está na melhoria da qualidade dos textos produzidos pelos alunos e pelas boas notas, como relatou o diretor da escola:

É gratificante ver o quanto os alunos têm se interessado pela leitura, é claro que temos aqueles que têm mais dificuldade, mas mesmo assim procuramos trabalhar com eles, procurando mostrar a diversão que é a leitura e a importância de se fazer. Os livros que recebemos recentemente são muito bons, e as crianças têm gostado muito. O que percebemos

também é que muitos dos nossos alunos, não se contentam em ler somente na escola, eles têm ido até a biblioteca e adquirido livros também, quando eles chegam e nos contam sobre os livros que leem é sem dúvida gratificante, pois temos a certeza que a sementinha que estamos plantando está dando frutos. (FRANCISCO ARINALDO AVELINO).

### 1ª e 2ª edição do livro ...entre linhas...



Fonte: Biblioteca da escola pesquisada

Foi durante as visitas que fiz à biblioteca que conheci dois ex-alunos, frequentadores assíduos da biblioteca da escola e que se mostraram empolgados por esta pesquisa: Francisco e Lorena. Ele, muito mais do que leitor assíduo, atua, voluntariamente, como auxiliar da professora Amparo Vaz, na confecção artesanal do livro que divulga as melhores produções selecionadas nas categorias artigos de opinião, crônicas, poemas, desenhos e quadrinhos.

No dia 17 de outubro, fiz o primeiro contato com os 32 alunos do 3º ano do ensino médio. O horário estava vago. Fiz a minha apresentação pessoal e destaquei a importância e a necessidade de se fazer pesquisa, e de como na Universidade muitos caminhos levam ao pesquisar. Expus o tema do meu trabalho, falando da importância do desejo como propulsor da construção do conhecimento; de como o meu envolvimento com a leitura havia me levado até ali; e do quanto eu dependia deles para seguir em frente. Adiantei que não seria uma pesquisa do tipo perguntas e respostas, apresentando a Sociopoética e a perspectiva de fazer a investigação por meio da arte. Percebi que ficaram bem interessados com a proposta, e tão logo efetivei o convite, 19 alunos demonstraram interesse. Tomei os nomes e os contatos de telefone, para marcar a data e darmos início à pesquisa.

Após negociações com a escola e com os alunos, na tentativa de não prejudicá-los, para que não perdessem aula, ficou determinado que no dia 7 de novembro seria realizada a oficina de negociação e a formação do grupo-pesquisador. A Sociopoética potencializa o grupo como elaborador de conhecimento coletivo. Os passos da pesquisa são decididos em comum acordo no grupo. Isso não significa que o pesquisador, aqui visto como facilitador, não coordene. Mas boa parte das decisões é direcionada a fim de que o grupo determine o que fazer. Nas pesquisas sociopoéticas, os temas-geradores são escolhidos pelo grupo ou levados pelo facilitador. No caso desta, o tema já estava escolhido, e coloquei na pauta sem imposição, persuadindo-os, de forma que eles se sentiram motivados.

A formação do grupo-pesquisador é um dispositivo para envolver todos os atores na produção de conhecimento. Não há um pesquisador e sujeitos. Há um pesquisador oficial, o facilitador, geralmente ancorado por cofacilitadores – o aparato necessário para a realização das oficinas exige trabalho em grupo –, e os copesquisadores. Da escolha do tema à análise dos dados, todos são envolvidos. Por isso, a necessidade da oficina de negociação.

As pessoas-alvo da pesquisa instituem-se num grupo-pesquisador, com poder de decisão sobre o processo inteiro da pesquisa (como se faz, para que e para quem), participando das análises, interpretações e experimentações, assim como da socialização (publicação acadêmica, peça de teatro, multimídia etc). Esse princípio, com origem na análise institucional (LOURAU, 1995), torna a pesquisa mais complexa e rica do que as pesquisas baseadas na onipotência dos pesquisadores acadêmicos. Na Sociopoética, estes pertencem ao grupo-pesquisador, com um papel diferenciado, já que não são autores dos dados produzidos; mas eles cuidam de estudar esses dados com um carinho metodológico profissional (a esse estudo realizado pelas facilitadoras, contrapõem-se as “contra-análises” dos demais membros do grupo-pesquisador, chamados de “copesquisadores”). Obviamente, os copesquisadores chegam na pesquisa com seus próprios quadros de conhecimento do real que, geralmente, são diferentes dos quadros acadêmicos. (GAUTHIER, 2013, p. 8).

Petit (2011, p. 269) aponta para a probabilidade de questionamentos acerca de similaridades da Sociopoética “[...] com outras investigações realizadas em grupo, notadamente da pesquisa-ação e da pesquisa participante [...]”. A seguir, um quadro que apresenta os desencontros entre as três modalidades de investigação:

<b>Principais diferenças entre Pesquisa-ação, Pesquisa Participante e Sociopoética</b>		
<b>Pesquisa-ação</b>	<b>Pesquisa Participante</b>	<b>Sociopoética</b>
<p><b>Tem caráter transformador, de mudança do comportamento e da realidade.</b></p> <p><b>O pesquisador é um líder.</b></p>	<p><b>Possui caráter conscientizador; político.</b></p> <p><b>O pesquisador conduz os copesquisadores a um estado superior de consciência.</b></p>	<p><b>Não tem intenção de conscientizar, de modificar, mas de conhecer o inconsciente coletivo.</b></p> <p><b>O pesquisador é o facilitador que instiga o grupo-pesquisador à produção filosófica.</b></p>

Fonte: Adad (2011), Petit (2012).

Assim, na manhã daquele 7 de novembro de 2012, acompanhada da minha filha Luciana, encontrei-me com 16 jovens na biblioteca da escola, dos quais 11 participariam da etapa de produção de dados. Como íamos sentar no chão, em tapetes de EVA, iniciamos com um alongamento em duplas. Em seguida, sentamos no chão, apresentei-me e à minha cofacilitadora; expus a pesquisa, apontando o papel de cada um; ofertei o tema-gerador<sup>8</sup>; falei da importância das brincadeiras, do relaxamento, dos momentos de coletividade e de individualidade, da necessidade de haver confiança e respeito. Marcamos a data das oficinas de produção de dados para o dia 15 de novembro, feriado nacional, Dia da Proclamação da República, que seria o que alcunhei de “um dia diferente na escola”, quando passaríamos manhã e tarde, com direito a café da manhã, lanche e almoço. Uma quinta-feira em que a escola seria só nossa.

Propus aos alunos a criação de pseudônimos, mas eles optaram por utilizar os seus prenomes. Em seguida, ouviram a leitura e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A, p. 147).

Passamos, então, ao momento de relaxamento, seguido da viagem imaginária, que proporcionaria a apresentação dos alunos. Esse momento exige grau de concentração elevado do grupo-pesquisador, e, especialmente, total desprendimento de cada copesquisador. Ele deve esvaziar-se do que há em torno de si, de sua vida, do ambiente no qual está inserido, e chegar em nível zero, mente aberta para ser invadida. A seguir, a condução da viagem imaginária, produzida por mim:

<sup>8</sup> “A proposta da Sociopoética de que o próprio público-alvo escolha o tema que irá investigar, garante maior motivação do mesmo, e, sobretudo, visa descobrir a demanda de saber do grupo.” (ADAD, 2011, p. 193).

## Vivências anteriores às apresentações dos copesquisadores



Fonte: Fotos de Luciana Lís (cofacilitadora).

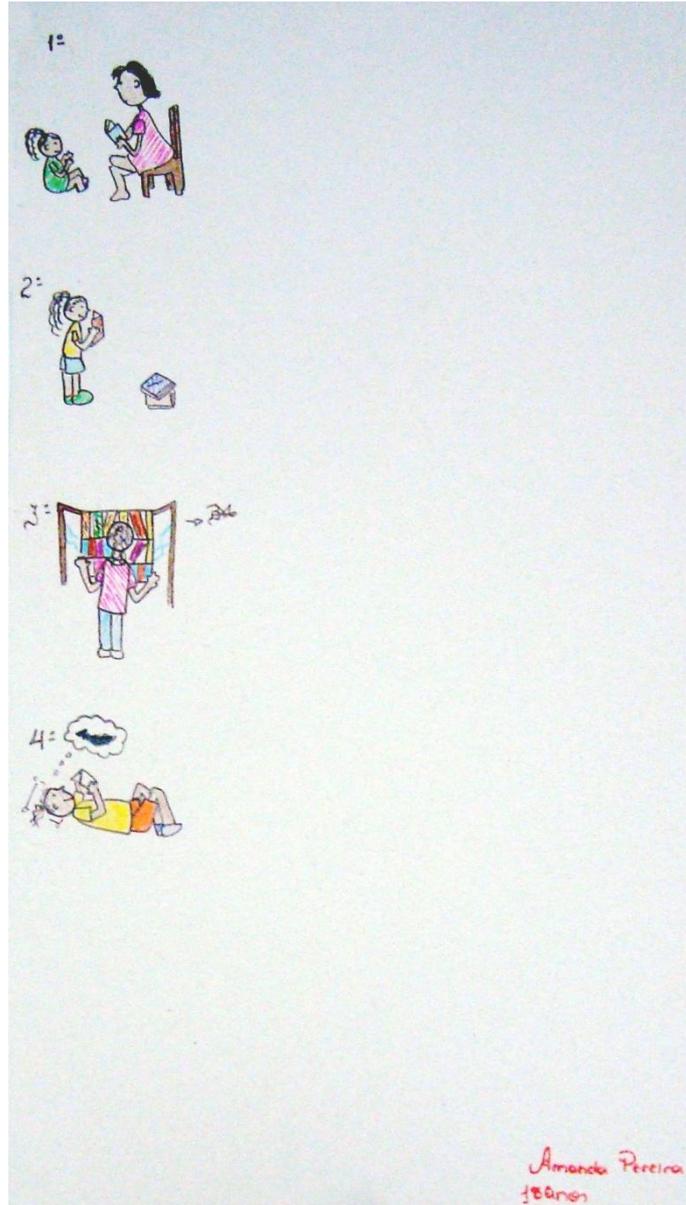
Nós vamos fazer uma viagem, certo? Pra gente fazer essa viagem, a gente vai começar respirando, vamos colocar a mão sobre o diafragma. Vamos tentar nos desligar do mundo lá fora. Fechando os olhos, nós vamos respirar profundamente, respiração profunda, sentindo o ar entrando. Vamos procurar relaxar. Profundo, respirem profundamente, vamos tentar nos concentrar nesse momento. [murmúrio] Gente, é o seguinte, eu não disse pra vocês confiarem em mim? Vamos relaxar, vamos relaxar. Procurar nos desligar das coisas, não nos preocupar, não pensarmos em quem tá do nosso lado, não tem ninguém olhando pra vocês além de mim e da Luciana. Então, fechar os olhos e respirar... Respirando profundamente. Vamos tentar, respirando profundamente. Você vai sentir o ar penetrando no corpo, sinta o ar entrando no seu corpo, perceba por onde ele passa, vá sentindo que o ar vai tomando conta de todo o corpo, respira profundamente, sente o ar entrando no corpo. Seu corpo vai ficando leve, você vai ficando leve, encha o seu pulmão de ar, procure se concentrar nesse ar que está entrando no seu corpo, o seu corpo precisa de ar, e ele vai deixar você leve. Esse ar vai deixar você tão leve que você vai ficar como uma pluma. Como uma pluma, levinho como uma pluma, você vai começar a voar. Seu corpo vai sair da escola, ele vai se deslocar, ele vai levar você pra um lugar longe, esse lugar é escuro, muito escuro. Seu corpo está neste lugar escuro. Você não consegue ver nada, e tenta tatear com as mãos pra conhecer o espaço. Pra saber onde você está. De repente, você vê uma luzinha lá longe, e você começa a se guiar por essa luz. Você vai chegando perto e a luz vai ficando um pouquinho mais forte, aí, você vê um baú. Você chega perto do baú. Você abre o baú, você está abrindo o baú. É o baú das suas memórias, dentro desse baú tem muitas coisas que você conhece, da sua vida. Você vai procurar algumas coisas dentro desse baú, mas não todas as coisas. Você vai procurar as memórias da sua leitura. Você vai encontrar lá as memórias de quando você aprendeu a ler. Com quantos anos você aprendeu a ler? Quem ensinou você a ler? De que maneira você aprendeu a ler? Qual foi o primeiro livro que você leu? Qual foi a primeira revista? Procure no baú da sua memória, as suas lembranças estão lá. Quais foram os livros que você já leu? Qual foi aquele que você mais gostou? Qual foi aquela revista que você mais gostou? Qual foi aquela leitura que você nunca esqueceu? Qual foi a revista, a personagem, que você guardou dentro desse baú? Que memórias da leitura estão dentro desse baú? Pegue essas memórias, arrume essas memórias, cuide, cuide, pegue as memórias da sua leitura, porque o seu corpo está deixando de ficar leve. Você já vai voltar. Pegou as memórias? Todas elas? O máximo que pode? Olha só, o seu corpo já não está mais tão leve, você já começa a sentir o seu corpo e começa a mexer os pés, você começa a mexer os pés nesse momento, nesse momento os seus pés começam a mexer. Você mexe as pernas, você está sentindo suas pernas. A sua mão não está mais sobre o diafragma, você começa a sentir as mãos, você começa a sentir seu corpo, e, aí, você acorda.

Ao retornarem da “viagem”, os copesquisadores foram orientados para reproduzirem em cartaz as memórias que “pegaram no baú”, os lugares por onde “passaram”, as emoções, as sensações; retratarem a “viagem” da maneira que entendessem como melhor: poesia, desenho, recorte e colagem – mas o recorte não era com tesoura, e sim rasgando com as mãos, sentindo o papel. O material de que eles dispunham: o verso de um cartaz publicitário, reaproveitando de material descartável; canetinhas de ponta porosa coloridas; lápis de cor; revistas; cola. Todos ficaram concentrados, porque as memórias eram individuais, e não deveriam se perder: como eu aprendi a ler? Quando? Quem me ensinou? O que senti quando aprendi a ler? Se eu li muitos livros, qual livro mais me emocionou? Que personagem eu nunca esqueci? Se eu gosto de ler revistas, que revistas eu leio? Se eu gosto de ler jornais, o que mais leio neles? O que vi na viagem?

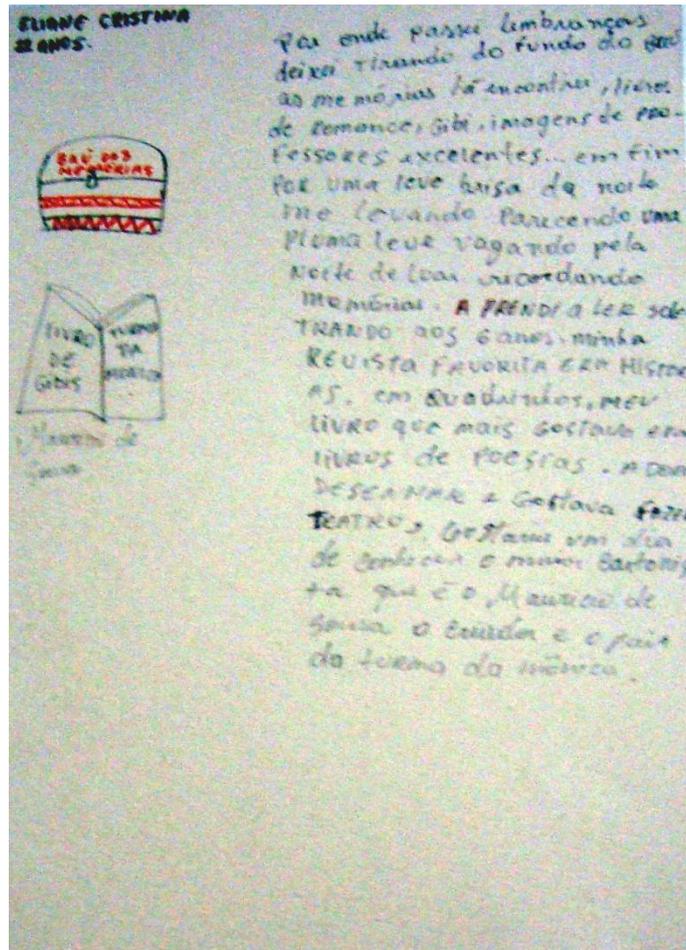
E assim, os copesquisadores reproduziram suas emoções, suas sensações, através da arte:

A integração pela arte como modo de produção de conhecimentos é um processo mesmo de integração do ser – no sentido psicológico da palavra. Pois se trabalha com o inconsciente, sem desconhecê-lo, e ainda menos contra ele – o que acontece em muitas pesquisas meramente racionalistas. Favorecendo o surgimento de parte do recalcado, trabalhando no sentido de desbloquear a mente, deixando lugar para o acaso criador, a integração acontece em estados distantes do equilíbrio, que favorecem novos tipos de integração. Uma alteração do ser. Ou seja: a integração acontece em movimento, a integração constitui-se como uma problemática. A pergunta surge: como estamos integrados? Em nós? Entre nós? Aí não utilizamos técnicas artísticas com ingenuidade, pois poderíamos nos contentar com o prazer proporcionado pela alegria criadora do grupo, sempre intensa. Este prazer é importante, mas também é um passo rumo a um momento decisivo: o momento mesmo da problematização filosófica da vida. A arte revelou parte do desconhecido de cada uma no grupo, mas ainda há de se relacionar este inconsciente revelado com as perguntas conscientes que norteiam a pesquisa. E construir novos problemas, novos conceitos, novos confetos. A integração é uma integração cognitiva, que institui o grupo como pensador, como filósofo singular. (GAUTHIER, 2013, p. 12).

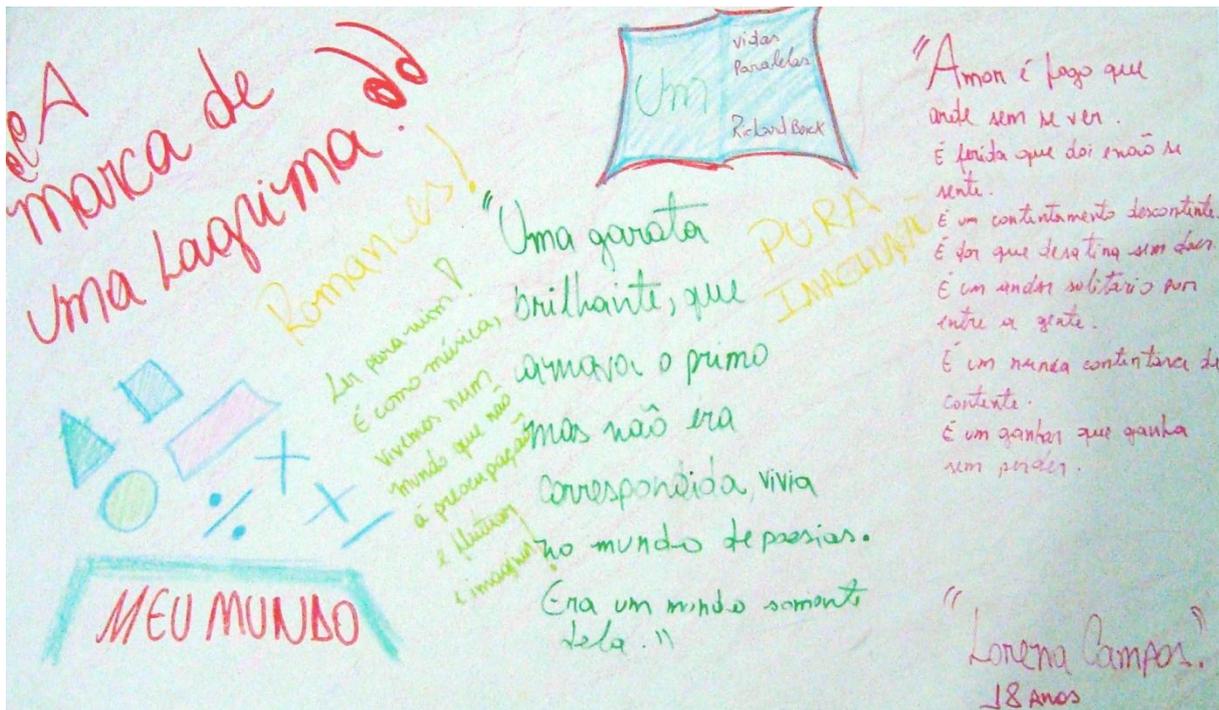
Quando todos terminaram de experimentar artisticamente a memória extraída do baú da leitura, começaram as apresentações. Para organizá-la, levei uma bola que foi entregue para quem se dispôs a dar início aos relatos. Cada aluno escolhia o próximo a se apresentar e jogava a bola. Agora, é o momento de conhecer 11 copesquisadores, aqueles que produziram os dados desta pesquisa:



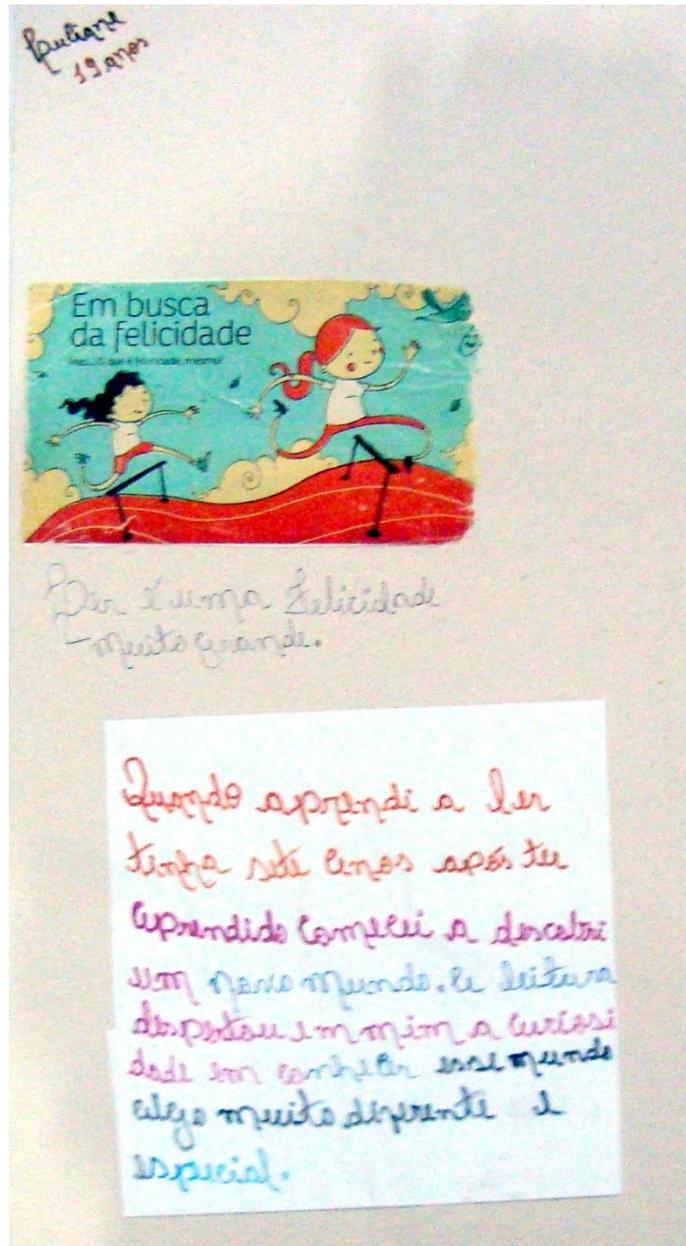
Meu nome é **Amanda**, eu tenho 18 anos, a maioria daqui já me conhece. O primeiro contato que eu tive com leitura foi quando eu era pequena, minha tia lia pra mim. Como eu não sabia ler, eu decorava, porque ela lia. Eu pegava o livro depois, de novo, aí eu sentava e fingia que eu lia. Só falava o que ela já tinha falado, que já tava decorado. Depois, no colégio, quando eu aprendi a juntar a palavra e formar frases, aí eu comecei a ler normal mesmo. Meu segundo contato com livro foi depois que eu vim pra cá, pro Severiano, as tias incentivavam muito a gente a ler. O primeiro livro, assim que eu peguei mesmo por escolha própria, pra ler mesmo, foi o Conde Drácula. Foi um livro que eu gostei muito. Até hoje, já li ele umas cinco, seis vezes, me cativa muito, é muito legal a história, a temática assim, de terror. Fala também sobre algumas coisinhas que eu gosto e é isso. Foi tudo isso que eu vi na viagem.



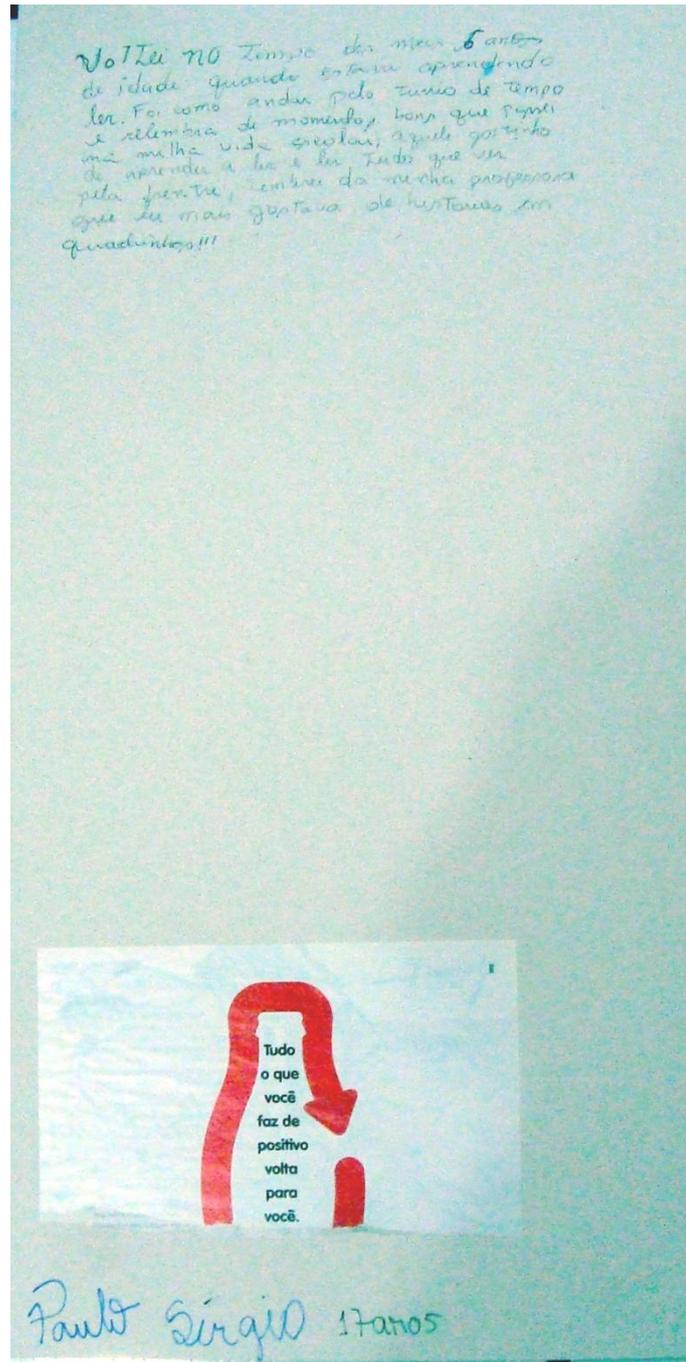
Meu nome é **Eliane**, tenho 22 anos. Quando eu estava de olho fechado, o que eu pensei foi, é assim: Por onde eu passei, lembranças deixei, tirando do fundo do baú, as memórias lá encontrei, livros de romance, gibis, imagem de professores excelentes da alfabetização, e até hoje eu lembro vagamente um pouco das palavras que eu aprendi a ler soletrando. Um dos livros que eu mais gostava de ler eram as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Eu também gosto de ler muito livro de poesia, de versos. Esse desenho representa aqui embaixo, umas histórias em quadrinhos, outra do baú que eu tirei as coisas.



Meu nome é **Lorena**, tenho 18 anos. Eu coloquei mais ou menos o que eu vi no baú. Primeiro livro que eu li foi de Matemática, na segunda série, foi quando eu aprendi a ler. O livro que eu mais gostei foi "A Marca de uma Lágrima", de Pedro Bandeira, tem uma história muito boa de uma garota que se apaixona, e ela gosta muito de poesia. Foi o que eu mais achei interessante, que uma garota de 15 anos pra gostar de poesia, no nosso mundo de hoje, é muito estranho. E um que meu pai me deu, o nome do livro é "Vidas Paralelas", gosto muito também. E li uma vez a poesia de Camões. Pra mim, ler era um obstáculo porque eu não gostava de ler de jeito nenhum. Hoje em dia, eu pego um livro, um dia só eu leio todinho, normal pra mim agora. E é isso.



Meu nome é **Luciane**, eu tenho 19 anos. Eu coloquei aqui só quando eu aprendi a ler, era quando eu tinha seis, sete anos. Quando eu aprendi a ler acho que foi, acho que pra todos foi descobrir algo novo, um mundo novo, despertar a curiosidade, alguma coisa assim do tipo. Eu tava pensando que eu gosto muito de ler revista, acho que todo jovem o que mais gosta é revista, acho que são poucos os que se interessam por jornais. Revistas, livros, são coisas interessantes. Eu coloquei essa foto aqui, os obstáculos que acho que muitos têm pra ler... Tem algumas pessoas que não se interessam muito pela leitura, eu coloquei isso aqui.



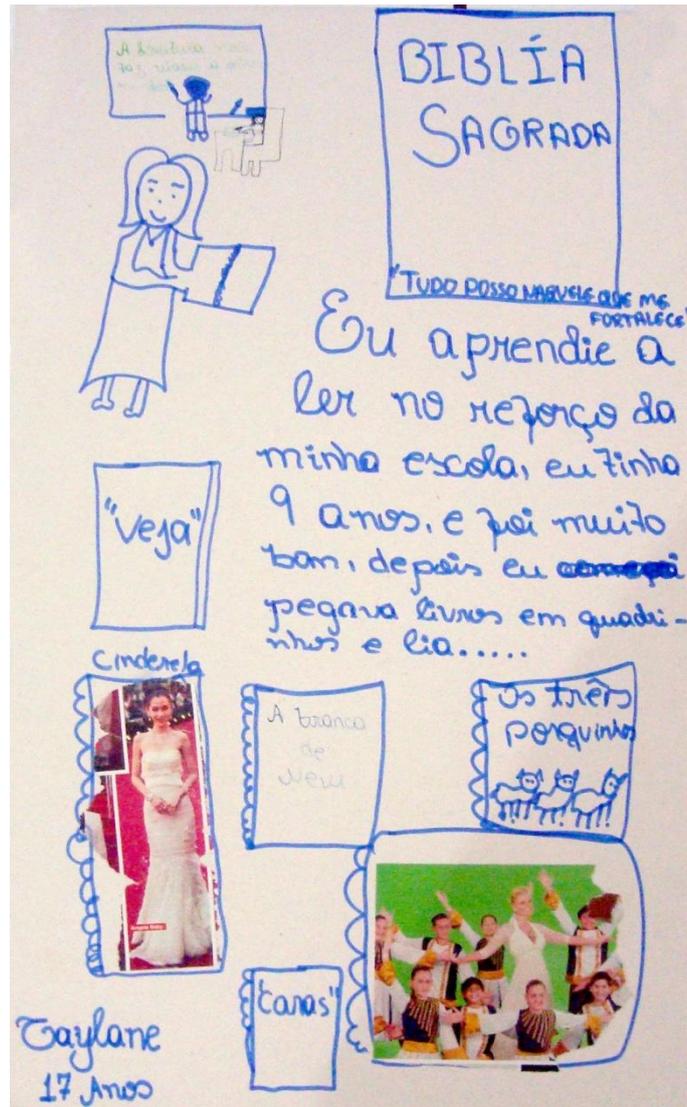
Meu nome é **Paulo Sérgio**. Eu tenho 17 anos. Foi uma viagem no tempo. Um túnel do tempo, voltei, relembrei quando eu tinha seis e eu aprendi a ler e os momentos bons que eu passei na vida escolar, com a professora que me ensinou a ler. Nunca morei com minha mãe e meu pai juntos, não me incentivaram, tudo que eu faço no colégio é sempre vontade minha. Nunca tive pai que se interessasse no colégio pra saber como é que eu ia no colégio, entendeu? Nunca tive, sempre tive a vontade que meus pais fossem assim, pegassem muito no meu pé pra ir no colégio, mas eu não tive, nunca foram. Eu estudo porque eu gosto de estudar mesmo. Eu rasguei uma frase da revista, eu achei muito interessante: “tudo que você faz de positivo, volta pra você”. Só isso.



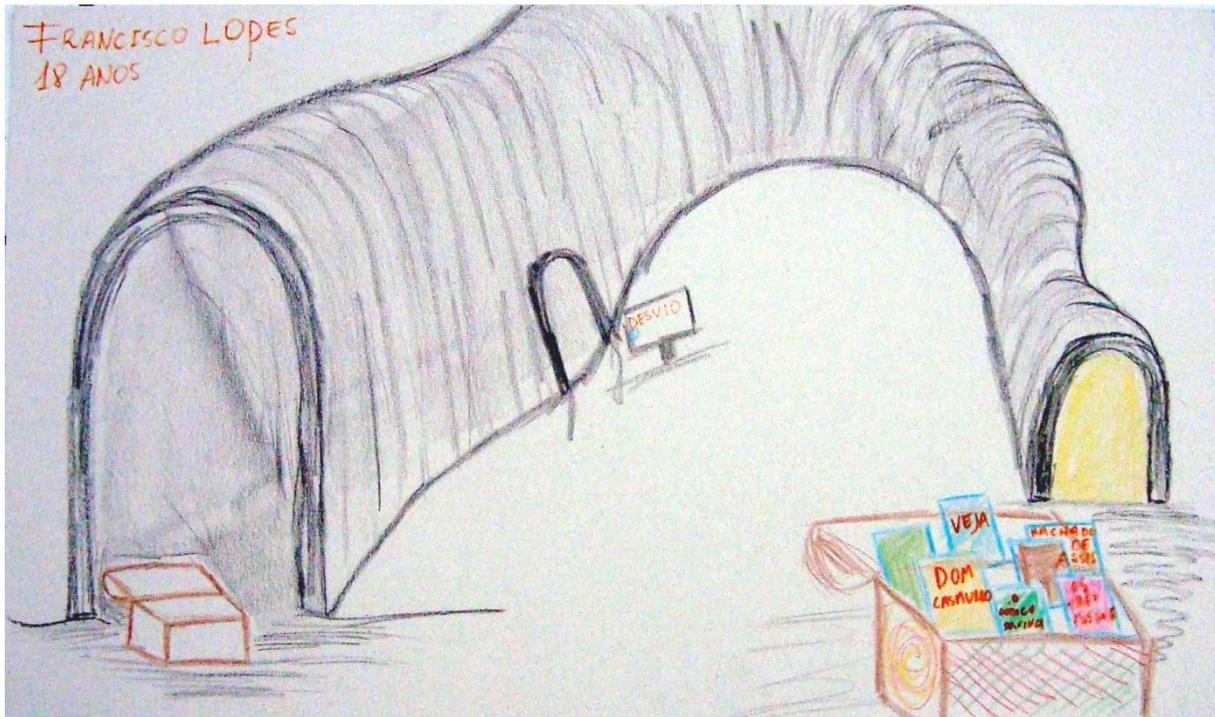
Meu nome é **Vanessa**, eu tenho 20 anos. O que eu vi, o que eu lembrei no baú, foi o tempo que eu comecei a estudar. Primeira vez, cheguei na escola, foi no Bezerra de Menezes. O primeiro contato que eu tive com livro, foi com a minha primeira professora. O primeiro livro que ela me emprestou foi da Rapunzel, não gosto mesmo da menininha, até hoje eu nem gosto da história. Mas só que foi assim, eu fui aprendendo a ler pouquinho, gaguejando mesmo. Chorava mais do que outra coisa, eu não gostava de ler, mas sempre houve incentivo da minha mãe. Do meu pai, no entanto, ele nem ligava, tava nem aí. Mas a minha mãe, como ela também não sabia ler, ela não podia me ensinar, mas sempre houve incentivo dela. [O desenho mostra] quando a professora me mostrou um livro, que a gente foi pra biblioteca em uma atividade lá da sala, aí foi isso; aqui, eu retratei o Bezerra de Menezes, eu, na sala; aqui, a professora, e o livro.



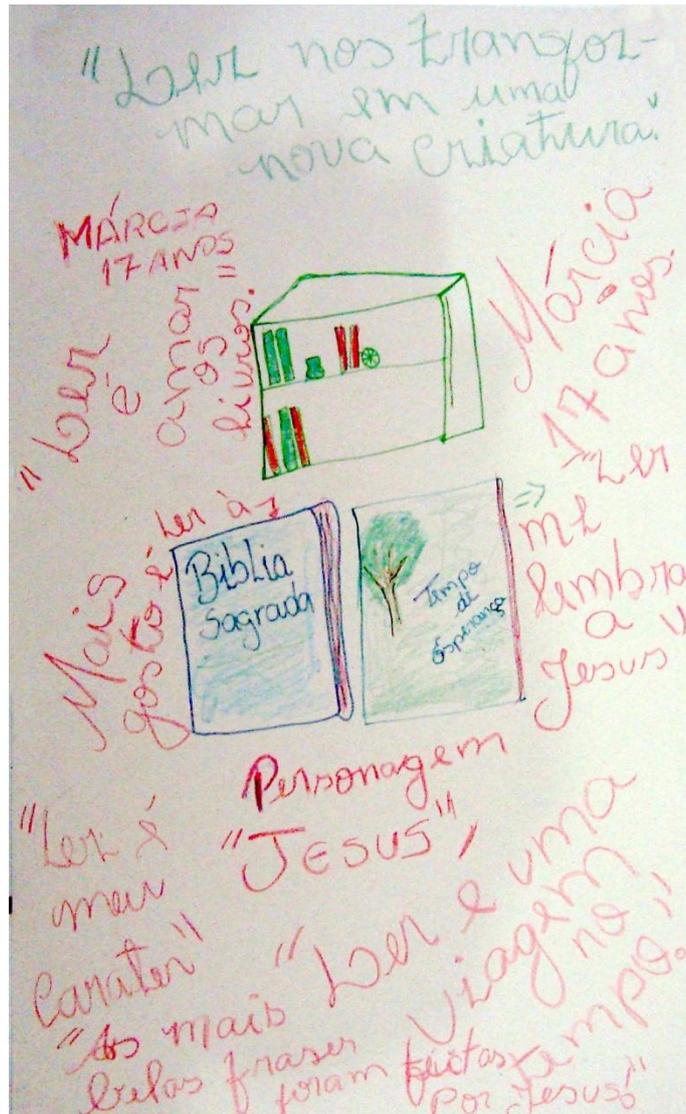
Meu nome é **Yasmim**, tenho 17 anos. Meu primeiro contato com leitura, eu acho que foi no jardim de infância. Aquela revista que eles dão pra gente colorir, eu gostava muito, eu lia. A gente nem lia né? A gente via imagem e inventava a história. O que eu mais gostava assim de ler era a Turma da Mônica. Acho que é o primeiro livro que eu li foi da Turma da Mônica. Minha mãe nunca soube ler, nem aprendeu a ler, por isso não pode ensinar a nós, mas sempre ali no pé: “vai estudar, Yasmin, vai”. Eu queria saber só de brincar mesmo, tava nem aí. Nesse negócio aí do baú, lembrei do meu primeiro professor, foi ele que me ensinou a ler, e eu acho que eu gosto mais de ler até hoje é a revista de fofoca de famoso. Até hoje, eu gosto é disso. Eu acho que é isso, e foi o que eu retratei: meu professor, meu livrinho, revista de fofoca, e a Turma da Mônica, aqui é o Cebolinha.



Meu nome é **Taylane**, eu tenho 17 anos. Eu aprendi a ler muito tarde, eu tinha nove anos já. Eu nunca tive incentivo de ninguém na minha família pra mim ler. Aí, no reforço, que teve na minha escola que foi ali em José Ribeiro, a professora me incentivou, eu não me interessava pelos estudos, aí a professora disse assim: "venha para o reforço". Eu ia pra escola de manhã e reforço à tarde. Aí eu fui, fui indo, e foi lá que eu aprendi a ler. Quando eu aprendi a ler, eu pegava sempre assim historinha de desenho, a Branca de Neve, Cinderela, Os Três Porquinhos, sempre historinha assim, aí isso foi o que eu representei: aqui é o meu professor de Teresina, que era um professor de reforço, e ele tá aqui; aqui é eu lendo um livro, revista eu também gosto muito de ler, de fofoca também; aqui é a Cinderela, Branca de Neve.



Meu nome é **Francisco**, eu tenho 18 anos. Eu não lembro quando eu aprendi a ler, eu sei que eu não sabia de nada. Aí eu fiz aqui um baú vazio, em branco, e um túnel que era pra ser maior, com inúmeros desvios que sempre tem diante das nossas vidas, independente da situação e no final do túnel, um grande conteúdo. O livro que eu mais gosto é Dom Casmurro, de Machado de Assis. Gosto de ler a Veja, que não é só de fofoca, não gosto de revista de fofoca.



Meu nome é **Márcia**, tenho 17 anos. Eu não me lembro quando eu mais ou menos eu aprendi a ler, mas pelo o que eu lembro a minha mãe me botou pra fazer reforço muito nova, como ela não sabia ler e não sabe até hoje, que eu tou incentivando ela muito mesmo a ler. Mas, mesmo assim, com a ajuda dela, eu aprendi a ler e quando eu cheguei aqui no Severiano, com a professora Osmarina ela incentivou muito a gente a ficar frequentando a biblioteca, pegar livros. Eu só pegava livros de poesia ou então suspense, também. Um livro assim que eu mais gostei foi "Tempo de Esperança", que eu não encontrei aqui na biblioteca, eu encontrei na igreja que eu me batizei recentemente. Esse livro eu tenho até hoje e assim, esse livro me ensinou como agir no dia a dia e como me comportar, porque esse mundo de hoje tá muito agitado, a gente não tem tempo mais pra nada. Bom, aqui eu retratei a estante que representa, as estantes aqui [da biblioteca da escola], e uns livros que eu encontrei no baú. Eu encontrei só dois livros nesse baú que eu acho que eles são muito interessantes, principalmente a Bíblia Sagrada, que ela retrata não só a história de Jesus, mas os tempos antigos, que foi de lição de vida. Do Rei Davi, que ele foi um personagem, que é a junção do coração de Jesus e que, assim, nos trouxe muita esperança pra nunca desistirmos de nossos objetivos, porque tem muitas pessoas que desistem de seus objetivos, deixam de estudar, por problemas maiores, mas mesmo os problemas do mundo nunca me desestimulam a ler, a estudar e a seguir as nossas vidas.

AOS 4 ANOS DE IDADE, CHEGUEI COM  
 MINHA MAMÃE EM UM LUGAR MUITO ESTRANHO, COM  
 MUITAS PESSOAS E CRIANÇAS. ERA A ESCOLA.  
 SEIS MESES APÓS ESTE FATO, DESCOBRI  
 UM MUNDO EM QUE TODO TIPO DE MAGIA ACONTECIA.  
 ESTE MUNDO SE CHAMAVA ONCE UPON A TIME  
 (ERA UMA VEZ).  
 NELE CONHECI VÁRIOS PERSONAGENS QUE AINDA  
 HOJE MARCAM A MINHA VIDA.  
 EM MEU BAÚ DE LEMBRANÇAS ENCONTREI  
 ESTAS MEMÓRIAS NAS QUAIS NEM ME RECORDAVA MAIS.  
 LEMBREI DE MINHA PRIMEIRA REVISTA DA MÔNICA  
 QUE LI POR AQUELA EM QUE ME INCENTIVOU A GOSTAR  
 DE LER.

LUCAS WANDERSON  
 18 ANOS.

Meu nome é **Lucas**, tenho 18 anos. Eu vou ler o meu texto: “Aos quatro anos de idade, cheguei com minha mãe em um lugar muito estranho e assustador, com muitas pessoas de olho grande e crianças chatas, era a escola. Seis meses após este fato terrível, descobri um mundo em que todo tipo de magia acontecia. Nele, conheci vários personagens que ainda hoje marcam a minha vida. Em meu baú de lembranças, encontrei essas memórias nas quais eu nem me recordava mais. Lembrei da minha primeira revista da Mônica que li, e foi aquela em que me incentivou eu a gostar de ler, ainda hoje”.

Terminadas as apresentações, perguntei se alguém gostaria de falar algo, de dizer como se sentiu naquela vivência, sobre o relaxamento, a produção – o momento de produzir, de se deparar com "agora eu vou produzir algo" –, as sensações, as impressões:

No relaxamento, você vai tentando imaginar, vai formando as imagens na sua cabeça, tudo o que a senhora foi dizendo a gente foi tentando imaginar, tipo a hora do túnel escuro, de estar tocando nas coisas pra ver se achava um lugar na hora de ver a luz, encontrar o baú e abrir... Tudo isso, passou na nossa mente como se fosse um filme, como se a gente estivesse imaginando mesmo, como se tivesse acontecendo. (AMANDA).

Eu gostei, né? Na parte de respirar, quando a gente respira, a gente já sente a leveza no corpo. Quando chegou na parte que a senhora pediu pra imaginar, eu imaginei o contrário, eu imaginei um lugar escuro e aí uma luz em cima do baú, aí eu toquei naquele baú e encontrei aqueles livros que eu representei. Eu gostei muito, assim, eu acho que aquilo ali era uma lembrança que não tá no passado, mas tá no presente, eu gostei muito dessa parte. Quando eu leio a Bíblia, na parte das histórias de guerra eu imagino tudo detalhadamente. A gente seguindo aqueles detalhes de como era, de onde eles estavam... eu imagino tudo aquilo. (MÁRCIA).

Eu, particularmente, gostei, não sei se todos aqui têm essa habilidade de ter a confiança em ter confiado na senhora quando a senhora falou pra fechar os olhos. Eu acho que são poucas pessoas que conseguem isso. Eu acho que, assim, no início, quando começou, eu achei que ia sentir um pouco de medo e sei lá... não sei se alguns sentiram, mas eu acho que surgiu uma confiança ao fechar os olhos. (LUCIANE).

Eu tava tão relaxada na hora de fechar os olhos que eu quase dormi. (VANESSA).

Foi como se a gente tirasse fotografias, a parte em que a gente retratou foi como se a gente tivesse tirado algumas fotografias da nossa memória, vamos colocar assim, no papel, como se fosse um álbum, que você está tirando aquelas recordações e colocando no papel, foi mais ou menos isso que eu senti. (AMANDA).

### **Vivências que encerraram a oficina de negociação**



Fonte: Foto de Luciana Lís (cofacilitadora)

Das falas dos jovens copesquisadores, com idades entre 17 e 22 anos, é possível constituir a personalidade leitora do grupo-pesquisador: possui relação íntima com a leitura, que pode não ser frequente, mas quando ocorre, é intensa, de só “soltar um livro” quando

termina – de preferência de aventura, de suspense, de terror, e, por vezes de autoajuda –, lendo de um fôlego só.

A ideia da família como promotora do incentivo à leitura é presença constante nas falas, seja para apontar a mãe – mesmo quando analfabeta –, ou uma tia, como a pessoa que impulsionou o gosto pela leitura; ou, ainda, para queixar-se de não ter tido qualquer incentivo por parte dos pais.

A maioria dos jovens aprendeu a ler na escola, com o professor, mas poucos relataram visitas à biblioteca nos primeiros anos. O grupo lembrou da leitura das imagens, muito além da leitura das palavras, o brincar de ler, a capacidade de criar a partir das imagens das primeiras histórias de conto de fadas, e o envolvimento com as personagens, de tal forma a comparar-se e a renegar as imagens criadas, tão distantes da sua realidade – não habitam palácios, não são loiros de olhos azuis, não há príncipes em cavalos brancos etc –, como a Rapunzel, por exemplo: “[...] O primeiro contato que eu tive com livro, foi com a minha primeira professora. O primeiro livro que ela me emprestou foi da Rapunzel, não gosto mesmo da menininha, até hoje eu nem gosto da história.” (VANESSA).

Parte dos jovens anunciou que gosta de ler poesia, mas admitiu certa preferência por revistas, especialmente as de fofocas, e que não gosta de ler jornais. Apenas o Francisco demonstrou interesse por periódicos informativos: “Gosto de ler a Veja, que não é só de fofoca, não gosto de revista de fofoca”. Porém, certamente o que é mais comum no grupo-pesquisador é o gosto por revistas em quadrinhos, os gibis. A leitura de quadrinhos preenchem as expectativas do imaginário, que é um exercício constante, além de preparar para outras leituras.

O grupo-pesquisador demonstra crer na importância da leitura e a associa a algo positivo que pode trazer bons retornos, coadunando com o que afirma (LAJOLO, 2007, p. 7): “Lê-se para entender o mundo, para viver melhor”.

Finalizamos o encontro com uma roda de embalo: o grupo formou um círculo, todos abraçados, de olhos fechados, para, bailando ao som de uma música suave, dizer, cada um, em uma palavra, o que a vivência havia significado. As palavras surgidas foram: alegria, leitura, memória, lembranças, medo, respeito, relaxamento, escola, amizade, riso.

Apesar de ter tido, anteriormente, duas experiências como sociopoeta-facilitadora, a oficina de negociação, da maneira como foi conduzida, orientou-me para o que estava por vir. Formado o grupo-pesquisador, feitas as negociações, o próximo passo: as oficinas de produção de dados, relatadas nas páginas sociopoéticas, a seguir.

#### 4 Páginas Sociopoéticas: *socius* criador

“A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida”.

(Friedrich Nietzsche)

É trivial compreender como arte apenas aquilo que está nos museus, nas galerias, nas exposições. E que o artista é um ser dotado de inspiração, de dom. Fazer arte é transformar o ordinário, o cotidiano, em extraordinário. O artista recria a realidade, cria mundos. Cada pessoa vive, cotidianamente, situações no plano de imanência que faz pensar, criar. As ideias que Deleuze e Guatarri (1992, p. 10 apud GALLO, 2008, p. 34) defendem sobre a criação de conceitos servem, também, ao fazer artístico: “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Como um mágico, cada ser pode moldar a realidade, conceituar a vida conforme aquilo em que acredita e a partir do que percebe, criando novas formas de ver e de entender o mundo, criando arte.

A arte dá autonomia e liberdade, dá um novo sentido à vida, formando indivíduos além do convencional, favorecendo a construção da corporeidade, dos sentimentos e da espiritualidade. É, também, responsável por construir pessoas mais críticas, no sentido da descolonização do pensamento e da existência, capazes de criar, de fruir, de espantar-se e de inventar novos mundos, outros modos de existência:

A vida [...] é força criadora presente não só no homem, mas em tudo o que vive. É por isso que criar não é uma escolha, não depende de nossa vontade. Criar é movimento da própria natureza – do universo. Todos os seres vivos criam e se renovam. A vida é um fenômeno artístico, portanto. E no caso do homem, ele cria para dar vazão a este processo. A arte como produto humano é uma elaboração desta força que existe na vida. É possível levar adiante e estimular esta força criadora no homem, e moldar obras de arte grandiosas. Além disso, o homem pode tomar a si mesmo nas mãos e fazer de sua vida uma obra de arte [...]. (ADAD, 2011, p. 2).

Pesquisar com arte, significa estimular a criatividade, a sensibilidade e a capacidade do grupo-pesquisador, levando-o a criar outras ideias e conceitos sobre a vida e os problemas que o mobiliza, de forma lúdica, imaginativa e poética. A arte provoca o deslocamento, proporciona o estranhamento e possibilita outras formas de pensar o tema-gerador.

#### 4.1 Precessão criativa

Naquele 15 de novembro, o ritmo da cidade não condizia com o meu. As ruas estavam desertas. Era uma quinta-feira, feriado da Proclamação da República, e enquanto Teresina curtia a modorra, eu estava excitada. Na época de colégio tive algumas oportunidades de subir ao palco da escola em comemorações várias e de vivenciar a tensão que se instala no corpo, o “frio na barriga”, instantes antes da atuação. Era bem assim que eu estava me sentindo. Nada deveria fugir ao roteiro, sob pena de algo dar errado, confabulava com meus medos. Para mim, aquele seria o momento crucial da minha pesquisa: a produção dos dados. Não somente por levarem à produção científica, filosófica, mas, sobretudo, por ser o momento de cuidar dos copesquisadores, proporcionando-lhes a participação efetiva na pesquisa, potencializando suas ideias, seus conceitos sobre leitura. A minha condução deveria favorecer o eco de suas vozes, sempre tão estigmatizadas por serem alunos de escola pública, com pouco ou nenhum acesso aos bens culturais.

[...] Ouvir as pessoas, ler o conjunto dos dados com um olhar ou ouvido indígena, camponês, afro-brasileiro, operário, traz dimensões amplas e descolonizadoras à pesquisa; favorece, também, o questionamento do olhar acadêmico e das redes de poder e de desejo que formam o que é chamado de cientificidade [...]. Isso aponta para um outro aspecto da complexidade, ligado à necessária análise das implicações dos pesquisadores na constituição do seu tema de pesquisa [...]. (GAUTHIER, 2013, p. 8).

Levantei bem cedo para comprar pães e bolos. Tudo mais eu já havia organizado na noite anterior. Cheguei ao Severiano Sousa uma hora antes do combinado, às 7h, ao mesmo tempo em que as cofacilitadoras Pollyana e Elisângela, meus baluartes. Entreguei para a merendeira da escola – que eu havia contratado para preparar as refeições daquele dia –, os alimentos para que pusesse a mesa da refeição matinal: mamão, melão, melancia, café, leite, pão, margarina, requeijão, bolo doce, bolo de sal<sup>9</sup>.

Enquanto isso, fomos organizar, eu e as cofacilitadoras, a biblioteca da escola. Sobre uma das mesas, um bilhete alentador e, sobretudo, uma autorização às minhas incursões por aquele espaço: “Conceição, bom trabalho, boa sorte. Amparo”. Repassamos nossas atribuições. Considero que é humanamente complicado fazer Sociopoética sem auxílio. Éramos uma equipe, e com Polly e Elis, mais experientes do que eu, foi muito fácil

---

<sup>9</sup> Bolo típico do Piauí, feito com goma – polvilho de mandioca, comumente usado na preparação de tapiocas, mingaus, papas etc. –, ovos, leite, óleo e sal.

compartilhar as tarefas – auxiliar na brincadeira, no relaxamento, colocar a música certa no tempo exato, fotografar, gravar as falas, tirar e colocar o material das oficinas no lugar etc.

Quando terminamos de arrumar o espaço, voltamos ao pátio da escola. Vários alunos já estavam lá. E foram chegando. Como alguns avisaram que não poderiam participar porque tinham compromisso naquele dia, dos 16 presentes na oficina de negociação, 11 alunos participaram da produção de dados. Tomamos café juntos e os jovens, antes tímidos e silentes, libertaram-se entre os sabores, provocando um clima de alegria e de descontração.

Encerrado esse momento, os alunos foram convidados para irem à biblioteca. Antes de entrar na sala, foram orientados a colocar o celular em modo silencioso ou desligar o aparelho, e a pôr bolsas, mochilas e calçados em local previamente determinado.

Dispostos em círculos, inicialmente foi reiterada a necessidade de respeito e de confiança; em seguida, as sociopoetas cofacilitadoras foram apresentadas ao grupo; e a conversa foi encerrada com a ratificação de que as vivências seriam gravadas em áudio e vídeo e fotografadas.

Em seguida, fizemos alongamento em dupla, a fim de preparar os músculos do corpo para as atividades seguintes. Feitos os exercícios, os copesquisadores foram instruídos a andarem livremente pela sala, sem se olharem, indo de encontro, mas sem se esbarrarem, acelerando o passo conforme a ordem recebida, desviando rapidamente, enquanto eu inseria bolas gradativamente, que deveriam passar de mão em mão, sem cair no chão, e sem que houvesse a busca pelo outro para passar a bola, passar apenas para quem naturalmente cruzasse consigo. No segundo momento desse exercício de educação somática, a Polly conduziu o grupo a movimentar-se nos planos baixo, médio, alto, conforme orientação.

O próximo passo foi deitar no chão, sobre os tapetes de EVA, com os olhos fechados. As luzes foram apagadas, teve início a respiração diafragmática – com a mão sobre o diafragma, inspira-se pelo nariz suave e profundamente, sentindo o movimento da barriga expandir; expira-se pela boca, lentamente. Ao expirar, a barriga retrocede. Sob efeito do relaxamento, os alunos foram levados a um passeio especial, seguindo os passos da viagem imaginária ao lugar da leitura. A técnica foi muito produtiva, mas os dados produzidos não serão analisados neste trabalho. Inicialmente por causa do tempo exíguo, depois porque a técnica seguinte, realizada à tarde, causou mais estranhamento que a primeira. Assim, por sugestão da banca de qualificação, os dados da viagem imaginária ao lugar da leitura serão analisados a posteriori, e publicados por meio de artigo científico, por exemplo.

Terminada a primeira oficina, para o fechamento da manhã, o grupo-pesquisador formou uma roda de embalo, bem unida. O almoço – “maria isabel” de frango – espécie de risoto de frango –, saladas crua e cozida e refrigerante –, já estava nos esperando.

## 4.2 O “Corpo da Leitura” produz ideias e conceitos

“Há mais razão no teu corpo do que na tua melhor sabedoria. E quem sabe para que necessitará o teu corpo precisamente da tua melhor sabedoria?”.

(Friedrich Nietzsche)

No conto infanto-juvenil **Quando a Escola é de Vidro**, Ruth Rocha (1986) trata da urgência e da necessidade de a escola se reeducar, de rever os conceitos, de transpor os preconceitos, de respeitar as diferenças, de soltar as amarras, de derrubar os muros, de quebrar os vidros. O Firuli, personagem central do conto, aquele que vai promover tal revolução, pode ser qualquer um ou qualquer uma. Basta se permitir o poder de ser afetado.

[...] uma vez, veio para minha escola um menino, que parece que era favelado, carente, essas coisas que as pessoas dizem pra não dizer que é pobre. Aí não tinha vidro pra botar esse menino.

Então os professores acharam que não fazia mal não, já que ele não pagava a escola mesmo... Então o Firuli, ele se chamava Firuli, começou a assistir as aulas sem estar dentro do vidro. O engraçado é que o Firuli desenhava melhor que qualquer um, o Firuli respondia perguntas mais depressa que os outros, o Firuli era muito mais engraçado... E os professores não gostavam nada disso... Afinal, o Firuli podia ser um mau exemplo pra nós...

E nós morríamos de inveja dele, que ficava no bem-bom, de perna esticada, quando queria ele espreguiçava, e até mesmo que gozava a cara da gente que vivia preso.

Então, um dia um menino da minha classe falou que também não ia entrar no vidro. Dona Demência ficou furiosa, deu um coque nele e ele acabou tendo que se meter no vidro, como qualquer um. Mas no dia seguinte duas meninas resolveram que não iam entrar no vidro também:

– Se o Firuli pode por que é que nós não podemos?

Mas Dona Demência não era sopa. Deu um coque em cada uma, e lá se foram elas, cada uma pro seu vidro...

Já no outro dia a coisa tinha engrossado. Já tinha oito meninos que não queriam saber de entrar nos vidros. Dona Demência perdeu a paciência e mandou chamar seu Hermenegildo que era o diretor lá da escola.

Seu Hermenegildo chegou muito desconfiado:

– Aposto que essa rebelião foi fomentada pelo Firuli. É um perigo esse tipo de gente aqui na escola. Um perigo!

A gente não sabia o que é que queria dizer fomentada, mas entendeu muito bem que ele estava falando mal do Firuli.

E seu Hermenegildo não conversou mais. Começou a pegar os meninos um por um e enfiar à força dentro dos vidros.

Mas nós estávamos loucos para sair também, e pra cada um que ele conseguia enfiar dentro do vidro – já tinha dois fora.

E todo mundo começou a correr do seu Hermenegildo, que era pra ele não pegar a gente, e na correria começamos a derrubar os vidros.

E quebramos um vidro, depois quebramos outro e outro mais [...] (ROCHA, 1986).

Histórica e culturalmente, em nossa sociedade ocidental e moderna, o que a escola normalmente quis foi um corpo dócil, estático, preso dentro do vidro, sem movimento: costumamos acreditar que só se aprende estando sentado na carteira e quietos. O corpo todo aprende, e todo e qualquer aprendizado se ancora nas experiências corporais. Na medida em que valorizamos apenas a mente como potencializadora cognitiva, esquecemo-nos de vivenciar a corporeidade.

O corpo inteiro é ator na produção do conhecimento, ou seja, não apenas a razão (tradicionalmente privilegiada como razão de tipo matemático), e sim a emoção, a intuição, a sensualidade, a gestualidade. Mesmo ao considerarmos a razão, existem, no povo, modos de raciocinar que mobilizam formas de razão mais relacionadas à palavra certa dita no momento certo, à astúcia ou ao “jeitinho”, às dinâmicas do fazer que perpassam os saberes proletários, ou ainda ao conhecimento intuitivo dos elos que tecem o saber comunitário. Trabalhar com o não-racional abre os caminhos do subconsciente, do implícito ou do recalcado [...]. (GAUTHIER, 2013, p. 8).

O pensamento não advém de meras abstrações vazias, mas de experiências viscerais. É superficial a impressão de que a mente é superior ao corpo: mente e corpo são um só, e que o que é chamado de espírito ou de alma não é senão um aspecto da natureza basicamente física dos seres humanos. Pensar que a mente é controladora do corpo é ilusão.

Desde a oficina de negociação, as vivências proporcionaram aos copesquisadores a percepção de seus corpos. As técnicas mexeram com a experiência sensorial, em especial a segunda oficina de produção de dados, que será relatada a seguir. É peculiar da Sociopoética promover a interação entre o físico, o intelectual, o espiritual, o sensorial, com a finalidade de fazer eclodir ideias e conceitos singulares. E foi com base nisso que os jovens esculpiram ideias naquela tarde.

A manhã se foi, sem imprevistos, deixando o ar aparentemente leve. Mas a minha ansiedade renovou-se com a chegada da tarde. Tão logo terminaram de almoçar, os copesquisadores voltaram para a biblioteca, dessa vez para fazer a sesta. Eu e as cofacilitadoras Polly e Eliz deitamos nos tapetinhos de EVA por 15 minutos. Depois saímos, deixando os alunos na sala. Fomos preparar o material para a técnica da escultura. Cortamos o bloco de argila em 11 pedaços com volumes aproximados e deixamos cobertos a fim de que os alunos não vissem, caso contrário, não causaria o estranhamento necessário. Assim como o estranhamento, tudo mais é dispositivo: a reunião em torno de uma mesa farta, o relaxamento, as técnicas, as viagens, as brincadeiras. Segundo Adad (2011, p. 232):

[...] numa pesquisa sociopoética não se deve planejar a técnica com os copesquisadores, para que a mesma não perca sua função de estranhamento e propicie multiplicidades de sentidos na produção de dados. Assim, quanto mais estranha for a vivência da técnica, mais polifônica, heterogênea e múltipla será a produção inusitada de confetos para determinada temática.

Quando terminamos de organizar o material – máscaras, argila, água, copo descartável –, convidamos os copesquisadores para iniciarmos as atividades da tarde. Como depois do almoço, o corpo costuma ficar desacordado, fizemos uma brincadeira: assentados em círculo, com um membro ao centro, os participantes deveriam mudar de lugar, combinando a mudança apenas com um olhar, ao tempo em que quem estava ao centro, deveria tomar o lugar de alguém na hora da troca, de modo que aquele que perdesse o lugar iria para o centro da roda. Os alunos se divertiram muito.

Chegou o momento de vender os copesquisadores. Inicialmente eles ficaram entre a curiosidade de saber o que viria em seguida e o medo. Quando todos estavam “cegos”, foram orientados a andar aleatoriamente pela sala, procurando pescoços para vampirizar. Cada vez que uma pessoa fosse tocada pela primeira vez, ela teria sido vampirizada e daria um grito de dor. Na segunda vez, o grito seria de prazer, pois estaria sendo desvampirizada.

Enquanto os alunos brincavam de vampiro, sob minha observação – para não correr riscos, já que estavam vendados –, as cofacilitadoras preparavam o espaço para possibilitar àqueles jovens a oportunidade de produzir arte por meio da argila. Quando tudo estava preparado, orientei que ficassem estáticos, para, lentamente, serem conduzidos a sentar no chão. Foram formadas quatro duplas e um trio, para fazerem o balé das mãos – toque suave com as pontas dos dedos –, explorando suavemente o outro. Após esse relaxamento, os copesquisadores tiveram o primeiro contato com a argila, ainda vendados, orientados a molhar, se achassem necessário – havia um copo com água ao alcance de suas mãos. À medida que foram se familiarizando com a argila, os copesquisadores receberam os comandos, sempre pensando na leitura: fazer uma bola; rasgá-la; reuni-la; e produzir a escultura do corpo da leitura.

### Vivências que antecederam a produção da escultura do Corpo da leitura



Fotos: Cofacilitadora Pollyana das Graças.

Na Sociopoética, os relatos dos copesquisadores são apresentados integralmente, pois, como acentua Adad (2011, p. 212): “[...] os saberes e os não saberes são produzidos coletivamente [...] quando um corpo se encontra com outros corpos. [...] É sensibilizado que cada copesquisador, ao falar de suas experimentações com os dispositivos vividos [...]”, aflorem a produção dos dados através da profusão de oralidade, de sentidos, de emoções, de imagens. Todos são envolvidos na pesquisa: “[...] os intelectuais confirmados pela academia, como as pessoas do povo, cidadãos no pesquisar, copesquisadores, membros iguais em direitos e deveres do grupo-pesquisador.” (GAUTHIER, 1999, p. 12).

Desse modo, quando terminaram a escultura, suas vendas foram retiradas e foram orientados a nomear a escultura. Em seguida, fizeram um passeio pela sala, conhecendo de perto todas as esculturas, como em uma exposição. Imediatamente – em sentindo anti-horário, tomando como ponto de partida a minha localização –, foram iniciados os relatos orais, individuais, da escultura do corpo da leitura, das sensações vividas naquela tarde, transcritas a seguir.



**Passarinho**

### **Yasmim**

Na brincadeira que nós tivemos na primeira de correr aqui pela sala, foi bom porque às vezes ninguém olhava um no olho do outro. Muitas poucas vezes nós fazíamos isso com o outro, de olhar um no olho do outro. Eu nunca olhei no olho da Amanda assim. Foi legal na hora da faixa no rosto, nos olhos, fiquei com medo de me tocarem e me machucar, mas eu confiei em vocês e não achei estranho vocês tocarem em mim não, achei engraçado, legal. No momento da argila, eu pensava que era um monte de massinha de modelar, quando eu toquei achei que era massinha. No momento que você pediu pra rasgar, eu achei que foi legal. Por exemplo, normalmente criança, quando a gente pega massinha, criança pega pra modelar, achei legal! No momento de rasgar e juntar, acho que tipo quando a gente, como é que posso dizer, a gente rasga um livro como ela [Lorena] falou, rasgando um livro. No momento de raiva, rasga ele e depois nós ficamos: "poxa, rasguei aquele negócio". Nós tentamos reconstruir aquela coisa, foi assim. Meu passarinho voa pro meu mundo da imaginação, da leitura. Pra onde eu gosto, quando a gente lê, vou pra outro lugar. Esse passarinho da leitura pode tudo. Liberdade. Acho que quando a gente lê a gente tem uma liberdade total pra gente e é isso que ele representa, a minha liberdade na minha leitura. Eu quis expressar isso, ele tá bonito, apesar de eu não ter enxergado quase nada praticamente. Eu acho que a única dificuldade da leitura é a gente não saber ler. A gente acha que lendo e, a gente se interessar bastante na leitura, eu acho que a gente... Tem assim, uma dificuldade, né? O passarinho da leitura faz descobertas novas como a gente quando a gente lê um livro. Descobertas novas, novas descobertas, eu acho que fazendo leitura não só de um tipo, mas pegando pra conhecer vários outros tipos de leitura como romances e essas coisas. Acho que é assim que vai obtendo o conhecimento de cada um, de cada coisa. Durante a exposição, eu achei curioso, eu não entendi assim o da Márcia ser assim diferente. Eu normalmente pensei que era aqueles negócios de pré-história. [risadas] Fiquei assim na curiosidade, não tinha entendido, aí foi quando eu li que ela falou "A Porta" que eu entendi. Eu achei só curiosidade, igual aquele negócio da pré-história. É isso.



**Bem-estar da leitura**

### **Lorena**

A brincadeira dessa tarde serviu pra interagir uns com os outros e quando eu tava aqui, eu acho que era com a Amanda, eu pensei que fosse duas pessoas, ou ela ou a Luciane. Depois que eu peguei na fita do braço dela que eu lembrei que a Luciane não tava usando. Eu tinha percebido que ela não tava usando, por isso que eu distingi que era a Amanda. Eu fiquei insegura na hora da brincadeira do vampiro de estar procurando outra pessoa. Na hora da escultura, eu digo: "o que é que eu vou fazer com argila?", aí eu digo: "eu vou fazer o que vier na mente". Eu não sei nem o que é isso! Mas o que eu veio, eu comecei a fazer. Tentei fazer um coração e não consegui de jeito nenhum, acho que é porque tava muito dura e eu tava botando água, mas não resolvia. Aí eu fiz isso aqui. Cada coisa dessa é relacionada a uma coisa pra mim, mas agora aqui eu não tou lembrando. Era um livro, só que não deu esse aqui ó, e ainda tá de cabeça pra baixo. Eu me senti muito bem. Eu ia botar criatividade só que isso aqui passou bem longe, né? Então eu botei o que eu tava sentindo, uma coisa boa, bem-estar; por isso que eu botei bem-estar. O corpo bem-estar da leitura é superrelaxado e confiei em tudo que você disse. Eu fechei o meu olho e não abri por nada, abri só agora. A relação que eu faço com a leitura é que é um mundo diferente, é uma busca diferente pelo propósito. Eu tentei fazer o que eu achava, o que eu tava pensando eu tentei demonstrar aqui na argila, e é a mesma coisa com a leitura. A gente fica pensando o que é que vai acontecer, a gente tá lendo e fica pensando o que vai acontecer

depois, foi isso que eu pensei. No livro, tudo isso que você tá vendo é um arco íris. É uma flor, um coração, um livro, isso aqui não sei o que é que eu acabei de inventar. [risadas] Em cima de um arco-íris, tudo junto. É como ele olhar a capa de um livro e não gostar, já eu olhei e gostei. Só que assim, como eu gosto de ler a síntese do final do livro pra mim saber o que vai contar a história, porque se for uma história que eu não goste, eu nem leio, eu fico só ali na síntese. Então, ele tinha que ler a síntese pra saber se ele ia gostar, que era pra ele entender o que a história contava, o que era que tinha na capa. Pronto. O contato com a argila no primeiro momento foi estranho, [risadas] porque a minha tava um pouco gelada. Eu peguei e: "o que é isso?" Foi diferente. No toque das mãos, eu já tava sentindo mais firme e confiante. No momento de rasgar a argila, eu senti rasgando a página de um livro. [risadas] Eu me senti rasgando a página de um livro, e depois que eu juntei, eu fui colocando. Rasgar a página de um livro foi muito ruim, com certeza, muito ruim. Eu até despedacei em vários pedaços porque eu tava rasgando um livro. Antes de falar já tava juntando. Antes de dizer pra juntar eu já tava juntando de novo. Da exibição das esculturas, a que provocou uma sensação foi a do Francisco. Uma vez eu li um livro e imaginei uma coisa tipo o que ele fez ali. O que ele demonstrou, o abrigo no natural.



Conexão

### Amanda

Bem, na primeira experiência em que tinha que estar todo mundo se tocando, tocando na ponta do dedo e tudo mais, eu senti uma mão da Lorena muito pequeninha. A cabeça do dedo pequeno, num primeiro momento, eu pensei que fosse a mão da Márcia, porque a mão da Márcia é pequeninha, gordinha, e não tem a unha grande. Aí eu fiquei pensando: "não, não, acho que é a Márcia". Aí quando foi subindo aqui no ombro, aí eu peguei num negocinho aqui da blusa dela, aí eu pensei: "não, deve ser a Lorena, que a Lorena tem um negocinho na blusa."

Eu também imaginei que fosse a Eliane, mas não era, aí eu pensei: "não, então não é ela." Na hora da brincadeira de ficar procurando o pescoço de todo mundo, eu me senti um pouquinho estranha, um pouco desconfortável porque é muito estranho você ficar tocando nos outros, sendo tocada, eu acho um tanto quanto desconfortável. A leitura, diferente do que a gente fez aqui agora, a gente toca não no físico, não aqui no palpável, a gente toca numa coisa imaginária. É como se, por exemplo, eu nunca vou conseguir tocar na juba do leão, do Aslam no caso, das Crônicas de Nárnia, mas eu sinto como se eu tocasse. Já aqui não, a gente tava tocando um no outro e é diferente, até pra estreitar as relações mesmo, uns com os outros aqui, porque eu tenho certeza que quase todo mundo aqui, ninguém nunca tinha se abraçado. Eu abraço todo mundo né, então todo mundo já tava acostumado. Mas acho que alguns aqui nunca tinham se tocado, se abraçado, nem tocado na mão um do outro, aí de repente você tem que estar tocando um no outro, se encostando, é meio estranho, meio constrangedor. Quanto ao toque na argila, de início, quando eu trisquei a mão, eu pensei que fosse uma caixinha de metal que fica gelado, né? Aí eu toquei assim, eu nem toquei com a pontinha do dedo, eu fiz assim com a mão. Eu levei um susto, né? Depois quando eu fui esticando a mão e tocando aí eu vi que era, eu fui pegando, senti a sensação e disse: "isso é argila", aí eu comecei a pegar, apertar, tava um pouquinho duro. Aí eu cacei a água aqui, ela botou a água perto de mim e eu comecei a molhar. É legal pegar na argila porque é frio e é gostoso ficar pegando. Na hora de socar a argila. Eu acho que socar a argila que é ficar batendo em uma mesma tecla, assim, eu não entendo um livro, mas não, vou ler de novo até entender. Acho que é socar. O meu corpo tá meio estranhinho, né, porque eu queria que fossem três cérebros disso, esse aqui era pra ser. Mas tão parecendo três coxinhas. São três cérebros aqui. Assim, demonstra a tua conexão tanto com a história do livro quanto a do autor, porque é assim, são três cérebros, o teu, o do personagem e o do autor. Porque tu tá viajando nas ideias de outra pessoa, a partir do momento que tu pega um livro pra ler, tu tem que botar na tua mente que tu vai viajar na imaginação de outra pessoa, uma pessoa bem mais, com um cérebro bem mais complexo que o teu. Que foi capaz de inventar uma história que te fizesse, e contar de um jeito que te fizesse imaginar, de um jeito que tu se esforce pra tentar formar aquela imagem na tua cabeça, e foi isso que eu tentei demonstrar aqui. Os três cérebros, conectados uns aos outros. O cérebro da leitura não passou por dificuldade, no meu caso aqui ele não passou por dificuldades, ele conseguiu se conectar de uma forma bem fácil. Eu achei. Tanto se conectou com o cérebro do personagem quanto o do autor, porque ele encontrou ideias iguais, ideias semelhantes, o que tornou bem mais fácil a conexão, a comunicação entre um cérebro e outro. A diferença de ideias, o pensar diferente, às vezes, é uma dificuldade da leitura, porque, às vezes, você pega um livro que, por exemplo, você tem uma ideologia, uma ideia colocada na sua cabeça e tá lá, você acredita naquilo. Aí, às vezes, você pega um livro e aquele livro tá defendendo uma tese que condena o que você acredita, que faz com que aquilo que você acredite seja posto de forma chula, às vezes de forma arbitrária, e você não gosta. Essa é a maior dificuldade, é você não gostar do que você vê, do que você lê, de início. Às vezes, é isso, eu acho que essa é a maior dificuldade dos cérebros. Na exposição, a que eu mais gostei, que eu gostei muito foi a da Vanessa, o livro aberto, porque eu achei muito bonita e outra coisa, não é só o livro aberto no sentido assim da figura do livro mesmo. Pode ser a sua mente aberta pra novas ideias, pro mundo novo, pra uma ideia nova, que você vai achar dentro de um livro. Toda vez que você abre um livro é como se você abrisse uma janela pra um mundo, um universo que seja diferente. É muito bom essa sensação, eu acho. Toda vez que eu abro um livro é como se eu me desligasse do Brasil, do planeta Terra, e viajasse pra qualquer outro planeta. Qualquer. Sem precisar de nave, de nada. Só meu pensamento, só isso.



Cabeça  
de Cuia

## Taylane

As brincadeiras, ah, foi legal tudo. Assim, o começo, foi legal a tarde. Quando a senhora pediu pra gente segurar na mão que a gente tava de olhos vendados, a gente segurar na mão, tocar nos dedos, sentir, acho que eu toquei na Yasmin e no Francisco. Eu senti segurança neles dois quando eu tava tocando neles. Eu senti segurança, e eu não entendia. Porque ele pegava na mão e ela pegava também, e eu não entendia. Eu não sabia qual era a mão, porque ela tava com a minha mão, aí ele foi pegar a minha outra mão e ela arrancou a outra mão. [risadas] Aí sei lá, foi legal a parte também de a gente tocar no pescoço. Foi bem estranho, mas foi legal, foi uma sensação boa. Tem vezes que a gente não confia em todo mundo, então assim passam confiança pra nós, a gente fecha os olhos, sai andando, procurando. Foi legal! Muitas vezes, a gente pega assim, não sei, a gente não tem confiança. A gente pega assim um livro, a gente quer ler, mas a gente: "ah, a história não é boa". A gente não confia, pode ser melhor. Pode botar confiança no livro. Eu vou ler mesmo que não seja legal e procurar uma história por dentro daquilo que o autor quer passar pra gente. A gente tem que ter confiança. Mesmo que no livro, a capa do livro, quando a gente olha pro livro: "ah, mas esse título aqui não tem nada a ver", a gente descarta logo pela capa. Não confia no livro, não confia naquilo que o autor quer passar pra gente. A gente até pode até conhecer o autor, mas não confia. Dizemos assim: "ah, mas deve ser um assunto chato, então não vou ler". Então a gente assim tem que confiar. É só a gente mesmo lendo, abrindo um livro e entender como a Vanessa Ferreira no dela, o livro aberto. Tem que ler, buscar ler as coisas. É isso. Eu nem sei porque inventei o Cabeça de Cuia. Na verdade, quando tava tocando na argila achei muito estranho, uma coisa gelada, pensei assim: "meu Deus do céu, o que é isso". Cada vez ela se deslizava mais, passava mais no meu dedo, foi uma sensação estranha mas ao mesmo tempo legal, a gente ter contato com as coisas. A maioria das pessoas tem nojo de pegar as coisas na mão, sentir, e a gente não. A gente pegou, sentiu, fez aquilo que a gente fez. Cada um fez, foi legal! Deslizar é quando a gente pega um livro. A gente lê, a gente vai deslizando naquele assunto, a gente vai se interagindo com aquilo por dentro, pegando mais conhecimento daquilo, do que o autor quer passar pra gente, então acho que é isso. Ter nojo é aquilo que fala, "ah, você tá lendo um livro?", "eu, ler? não, não gosto de ler não.". Acho que a gente confunde ler com outra coisa, outra coisa que não tem nada a ver. Tem gente que tem nojo de ler, tem gente que não gosta um pingão de ler, é isso. Eu também representei aqui não só como Cabeça de Cuia mas assim, quando a gente tá lendo, a gente vai crescendo. Vai crescendo o conhecimento da gente, a gente vai crescendo, se desenvolvendo mais. Então eu não representei somente o Cabeça de Cuia, mas como a gente vai crescendo, se desenvolvendo mais com a leitura. Foi isso que eu representei. Eu nunca, assim, procurei a fundo na história do cabeça de cuia, o que aconteceu de verdade, mas sei lá, ele é uma pessoa que tá sempre assim de olho. De olho como muitos falei, nesse negócio dele aí que eu esqueci o nome, dessa história dele que diz que ele tá sempre procurando jovens virgens, jovens marias virgens. Então é isso, é isso que eu representei. Como ele, a gente tem que sempre procurar mais conhecimento. Assim, como ele, dizem que a noite toda ele fica procurando essas virgens, eu acho que a gente amarra a noite, a meia noite, eu vou sair, me divertir na festa, e não podendo pegar um livro e ler. Eu representei isso. E das demais esculturas a que mexeu comigo foi a da Vanessa que eu achei legal. Eu senti uma sensação, sei lá, porque ela representou bem o que ela tava sentindo, que eu acho que foi assim um livro aberto. Destacou ali várias coisas num livro, várias coisas, bonecos, ela tá representando ali em um livro aberto, que a gente tem que ter sempre um livro aberto na nossa vida, e sempre a gente estar buscando mais conhecimento. Acho que foi isso que ela quis representar, foi legal dela.



**Coração da leitura**

### **Paulo Sérgio**

Bom, eu gostei muito das brincadeiras, foi um sentimento de confiança, de alegria. O toque das mãos foi um sentimento de amizade verdadeira que eu senti da Vanessa. Toquei nela, já sabia que tava tocando nela por causa da pulseira dela. Gostei muito do abraço também. E só. Ao ser vendado, eu me senti como um cego. É interessante que eles fazem as coisas, mas eles sabem o que estão fazendo. Eles tão fazendo, mas com confiança que tão fazendo aquilo, mesmo sendo cego. Tem pessoas que põem muita dificuldade em ler um livro, ler uma história em quadrinhos. O segredo da leitura é a dificuldade de ler alguma coisa. Na hora que eu trisquei na argila, só trisquei assim. Aí eu pensava que era doce de goiaba. [risada] Aí na hora que eu trisquei aqui e fui cheirar aqui pra saber o que era mesmo, disse: "não, mas não tem um cheiro é nada". Depois vocês disseram que era argila. Ela pediu pra amassar o barro, e depois começar a rasgar ali foi como rasgando as dificuldades que as pessoas têm de ler um livro, sentir medo assim. E de juntar um sentimento bom, sentimento de vontade de ler o livro mesmo. O coração da leitura sente todo sentimento de bom que a leitura tem, quando a pessoa vai ler um livro transmite sentimentos de alegria, de emoção, todo sentimento. De amor, carinho. Das demais produções artísticas, a que mais despertou a atenção foi a da Lorena. Eu cheguei lá e olhei bem e disse: "você tá bem mesmo?". [risadas] Do jeito que tava ali, achei muito interessante a dela, foi como o menino ali disse, foi tipo eu ler um livro e não gostar do livro. Já ela ler esse livro e gostar desse livro. [risadas] São diferentes gostos.



**Abrigo  
natural**

### **Francisco**

Em relação à dinâmica, o que eu mais vi assim foi relação de confiança com os demais. Eu me senti, eu tentei ver assim como se eu fosse um deficiente visual, como é que ele se sente diariamente, no dia nele, sem enxergar nada e ter que andar entre as pessoas. Às vezes, as pessoas tocam nele e a pessoa não tem, às vezes, quer saber como é o roxo, quem é, mas não consegue sem ter que falar. A chance que ele tem é só de ouvir, e nós nem ouvimos, não podiam falar, né? quem era. Só sentir, mas não sabíamos quem era. Em relação à essa obra aqui, era pra ser uma árvore. É uma árvore. Vendo em outros países, outros lugares, as pessoas conseguem ler, às vezes ir para debaixo de uma árvore e ler. Lá eles têm segurança, que é o que aqui nós não temos. Eu nunca vi, por exemplo, uma pessoa embaixo de uma árvore lendo por aqui, né? Um abrigo porque uma árvore com uma copa bem grande ela se torna realmente um abrigo, muita gente vai pra baixo pra se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo. Foi isso o que eu tentei retratar aqui. Pra ler, eu acho que nós precisamos de segurança. Ultimamente, não dá pra ler em qualquer lugar. Porque nós não temos concentração tentar entender um livro, viajar com aquilo, entrar na história. Um abrigo porque, quando eles pegam essas crianças da rua, eles tentam levar ela, mostram proteção à ela, segurança à ela. Calma, paz. Aí foi isso que eu tentei

retratar. Em relação às brincadeiras, o que mais me despertou foi a relação de confiança que deveria ter. Na primeira, foi difícil porque eu conheço mas não falava muito com os demais, eu só falava com a Lorena. Aí eu: "ixi, e agora, como é que...", se a Lorena tá no meio... Aí fui me livrando mais, fui prestando mais atenção. A dificuldade inicial, eu pensava: "vai que eu olho, vou trocar e ele não troca, aí vou ficar lá no meio...", a dificuldade é essa. A relação que eu faço com a leitura é pelo fato de não julgar o livro pela capa, não conhecer bem, não procurar conhecer. Isso mostra a dificuldade, "ah, não vou ler esse livro não, achei a capa dele muito feia", vou procurar outro. Não procuro ler, às vezes, atrás do livro, que traz uma síntese bem pequena e interessante do livro. Não procurar conhecer o livro é a dificuldade. Na hora do toque das mãos, nós estávamos em trio, aí eu pensei porque as diferenças da mão, não tem como uma mão ser diferente da outra. É aquela mesma relação assim de confiança, porque de olhos abertos não é comum a gente ficar tocando nos dedos, na mão de outra pessoa. O meu corpo sentiu uma relação de liberdade, de segurança, de confiar no outro. A principal relação foi essa. Na exposição, duas me deixaram em dúvida. Que foi a da Lorena e a da Márcia. Eu tentei ver uma porta na da Márcia, mas não consegui. O da Lorena em relação ao bem-estar, tava tudo bagunçando, então deixar tudo bagunçado é... relação de bem-estar? Não entendi. As duas. Com a leitura, fico curioso, às vezes. Em relação ao livro, quando eu não entendo uma época, às vezes um livro fala em relação ao que aconteceu na época da Guerra Fria. Eu não conheço, aí eu vou procurar entender, procurar descobrir, me desperta curiosidade um tema dentro do outro. Os das duas foi o que eu não consegui entender mesmo. Eu tentei interpretar a da Lorena, ela viu organizado, mas eu vi bagunçado. Na minha opinião, achei que tava bagunçado, pra ela, é estar confortável, um bem-estar. Acho que em relação à leitura é isso, algumas pessoas encontram conforto na leitura que outras não encontram. Às vezes, eu leio, por exemplo, eu leio, eu: "não, não gostei", e ela lê e gosta desse tipo de leitura. E eu não consigo ver como é que ela está gostando, me desperta curiosidade, entendeu?



**Livro  
aberto**

## Vanessa

A brincadeira foi legal! Como o Francisco, eu também tava com medo, aceito tudo com os outros, mas com a Lorena e com ele assim, eu não sou assim não, né? Aí eu até troquei olhar com ele pra nós trocar, foi diferente porque eu não conhecia ele. Ele me olhava assim, "vou ou não vou?". E se ele me deixa lá no meio? O momento que eu olhei pra ele, ele me passou confiança também. Eu acho que isso varia muito nas pessoas, ter confiança nos outros que não conhece. Então, gostei da brincadeira. Na hora que se tocar aqui os dedos, achei que tava... eu fiquei em dúvida se eram eles dois. Porque os únicos dois homens aqui são grandão, né? Na hora ele ligeiro chegou no meu ombro: "vamo pegar no ombro dele?" No meu relógio, e ele seguiu aqui querendo pegar no ombro dele. Opa, não, não era o Francisco. Também não dava pra ouvir, foi uma sensação legal. Eu acho que ele gostou das minhas unhas, porque ele toda hora pegando nas minhas unhas. E puxava, acho bem pra saber se era verdadeira. Foi legal! Eu gostei. A de vendiar os olhos, eu ficava com medo mesmo de cair, de bater a minha cara em alguma coisa aí. Mas na medida que vocês tavam falando, fui me acalmado mesmo, fui tentando ouvir o som ambiente pra saber onde é que tava as pessoas pra mim pegar, pra mim interagir. Acho que é muito difícil a gente parar pra tentar ouvir o que está se passando. Foi isso, gostei. E do meu livro em aberto, a minha escultura que eu fiz... O toque na argila foi bom, tava gelado. Foi legal! Já tinha tocado mas pra mim fazer com os olhos vendiados foi, foi... Mas assim ficar pegando, e aí rasgar ela, eu gostei mais da parte de rasgar. Na hora de juntar tinha uns pedaços longe, aí fui caçando. Hora de juntar foi mais difícil porque o negócio não queria se juntar, tava duro. Não juntar é, ah, sei lá, gosto, gosto da pessoa. Acho que o que eu gosto, ele pode não gostar já ela ali pode gostar. Acho que é isso. É juntar diferentes gostos. Rasgar a leitura é descobrir, não é? Você procurar, se interessar, caçar algo novo pra você fazer. Acho que é isso. O que eu tenho aqui... [risadas] cara, tá engraçado demais. Assim, o livro aberto assim, porque como a Amanda falou ali né, eu tentei abrir novos caminhos, foi o que eu tentei fazer. Em um livro fechado você não vai conseguir descobrir o que que tem dentro dele, não. A não ser pela capa, mas você só vai saber o que tem dentro lá se você ler. E se ele tiver fechado, é aí que você não vai ler mesmo. Então assim, pra tudo você tem que ter um objetivo. Então assim, pra você descobrir algo novo, vá lá, abra um livro, interaja, se coloque no personagem. Acho que é isso. Ao abrir o livro, saiu conhecimento, imaginação, viagem mesmo, é louco. E assim, proporciona felicidade, foi o que eu tentei desenhar aqui um boneco, sorrindo. Acho que livro, pra mim mesmo, proporciona muita paz, liberdade. Das outras esculturas, da que eu gostei foi da Amanda. Quando eu vi, eu jurei que ela tava com fome. [risadas] Porque eu vi umas coxinhas, "oh a Amanda fez coxinha", quando eu vi como é que são eu: "ahn, como assim como é que são?" Eu vi assim porque elas tavam tudo juntinha, achei que ela juntou umas coxinhas ali e depois ela veio falar de cérebro. Aí eu entendi. Legal! Mas eu gostei da intenção de botar cérebro. Acho que a fome na leitura é querer. Você tem que querer. Fome, sei lá. É possível saciar essa fome. Eu tinha muita vontade de conhecer o mundo afora, tinha não, tenho. Um dia eu vou. Como eu li um livro do Zeca Camargo, como eu falei pra vocês, eu conheci muitos lugares que eu queria ir, curiosidades. Pra mim eu tava lá dentro, eu conheci, conheci os lugares. Ele detalhava muito os lugares, por isso eu me senti dentro do lugar.



Livro

### Luciane

Acho que, fora a Lorena e o Francisco, aqui, eu, o resto todo sempre jogamos juntos, mas eu acho que a gente nunca assim, olha cara a cara, poucos os que se falam aqui, nunca assim tem o hábito de chegar, dar um bom dia, essas coisas. Acho que na dinâmica deu pra olhar cara a cara um pouco, pelo tempo que a gente não faz isso. Na parte lá das vendas dos olhos eu senti um pouquinho de medo, nunca fui assim, mas senti um pouquinho de medo na hora que eu fechei os olhos. Já lá na parte do toque nas mãos eu não estava vendo, mas eu sabia que era a Márcia porque eu escutei ela falando. Aí eu descobri que era a Márcia e depois na hora do toque das mãos fui tocando aqui, "nossa, que braço grande" e o meu bem pequenininho. Na hora do abraço então, que ela teve que se levantar um pouco pra me abraçar, foi estranho. A parte da argila também, na hora que comecei a tocar, nunca tinha tocado na argila, primeira vez que eu toquei. Quando eu comecei a rasgar ela foi como se eu tivesse tirando um peso, um alívio, quando eu comecei a rasgar a argila. Depois eu juntei e foi uma coisa mais totalmente diferente ainda, que eu não consegui entender bem. Aqui no meu desenho, eu coloquei um livro, eu coloquei um livro porque eu pensei assim: "fazer alguma coisa...", aí eu pensei, corpo da leitura... que que eu vou colocar? Meu Deus, a primeira coisa que veio foi um livro, eu comecei a fazer e, "cara, isso aqui não vai ficar igual um livro". Foi uma dificuldade enorme, aí eu coloquei criatividade justamente por isso, eu não sabia o que eu ia criar, aí acabei criando um livro. A primeira coisa que veio na minha mente foi um livro. É o livro criatividade. Acho que vem lá da parte, a pessoa escreveu um livro, pra mim aquilo é uma criatividade que a pessoa tem na mente. Um leitor tem muita criatividade, acho que atrás do meio, não só assim, tipo eu tou lendo aqui um livro eu posso criar outras coisas, imaginar outras coisas através desse livro, eu posso criar. Quando rasguei a argila eu senti um alívio, uma sensação... Acho que, como falei na primeira parte, que quando a gente compra livros de motivação, quando a gente lê esses livros a gente sente um alívio dentro da gente. Um sentimento melhor, eu acho. Na exposição eu achei bem estranho essa do Lucas, flecha do destino. Assim, eu pensei assim também que ele pode falar que essa flecha, depois que a flecha é lançada ela não volta mais, eu pensei algo assim. Mas achei estranho o dele. Acho que ela leva à descobertas, novas descobertas. Descobrir algo novo, acho que é isso.



### A porta

#### Márcia

Bom, eu gostei muito da primeira brincadeira porque assim, logo conheci que todo mundo, principalmente esses dois aqui, apesar de não estarem aqui mais, eu conheço mesmo assim. Foi bom porque acho que nunca ninguém se interagiu entre si, raramente. Tem uns três aqui que eu interajo, nunca abracei, nunca olhei um na cara do outro, mas foi bom. Naquela brincadeira do vampiro eu fui reconhecendo cada um pelo pescoço, pelo grito e pelo cabelo. A Luciane acho que peguei nela umas três vezes. Quando eu tava aqui eu soube que era a Luciane por causa das unhas e também por causa do cordão da camisa. Em questão de rasgar argila, eu me senti rasgando um livro, porque um livro, acho que um livro é tão precioso pra gente, que é uma fonte de conhecimento que é ruim a gente estar rasgando aquele bem ali que a gente tem. Como foi na hora de moldar eu não sabia nem o que realmente moldar, então moldei a porta porque nos leva a outro mundo. A partir de quando a gente abre um livro a gente abre uma porta pra outro mundo, foi isso que eu me inspirei. O que abre a porta da literatura é as mais diversas formas de personagem. O que tranca a porta da literatura é a dificuldade. A dificuldade porque a partir de quando a gente fecha um livro, a gente sente aquela necessidade de abrir ele de novo. Porque quando a gente tá naquele mundo não sentimos vontade de voltar. Eu pelo menos não sinto vontade de voltar. E pela porta que você entra não tem mais como voltar. Esse caminho sem volta leva para um novo mundo. Um novo mundo que eu criei para mim, que é o mundo das palavras, o mundo das histórias, eu acho que pra mim não tem uma fechadura fixa ali pra fechar. Acho que ela tá sempre aberta. Da exposição, o que eu mais gostei, o que mais me trouxe curiosidade foi o da Amanda. Que eu jurava que ela tava com fome. Eu tava pensando em perguntar pra ela depois, eu achei muito esquisito, como é que a Amanda foi inventar comer coxinha, assim, pra ela né? Em questão de leitura, ela foi inventar a coxinha. Pra saciar essa fome, acho que procurando mais fontes de conhecimento e fontes principais nela, a literatura, as fontes de riqueza. De um novo mundo. No início eu pensei assim, que pessoas se abraçam, né? Raramente. Acho que a relação com a leitura é porque como a gente tava falando, muitos julgam o livro pela capa. Que muitos dizem: "não, não gostei desse livro não, a capa é muito feia." Mas não sabe o que ele tá oferecendo, não sabe o que ele realmente está nos mostrando, quer nos mostrar realmente. Acho que julgam antes de conhecer.



**Flecha do destino**

### **Lucas**

Bom, em relação às brincadeiras, foram muito legais, claro. Eu achei um fato na brincadeira em que todo mundo tava cego e andando pra estrangular os outros. Vampirizar. É, vampirizar, mas eu tava tentando estrangular. Bom, eu achei bem legal porque, não sei se foi porque eu tenho costume de fingir de doido lá em casa e ficar com os olhos fechados, mas eu reconheci o lugar mesmo de olhos fechados e quem eu tocava já sabia quem era. Por exemplo, eu tentei estrangular a Amanda umas nove vezes. A Luciane eu peguei seis. A Eliane umas cinco, e vai indo. Foi muito legal essa brincadeira. Mesmo a gente passando por uma fase que praticamente nossos olhos fiquem às escuras, se a gente já leu o livro, a gente vai ter ele em nossa mente. E vamos identificar mesmo se a pessoa te der algum fato, alguma palavrinha, e nós vamos reconhecer aquele livro de qualquer jeito. Mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre e pronto. Bom, o momento que eu toquei o dedo da Eliane eu reconheci ela porque o dedinho dela é sequinho, reconheci na hora. Eu achei muito interessante porque eu senti até o sangue circulando. A minha mão é sensível. Eu senti algum sangue assim, tum tum, foi bem legal. Quando a gente lê um livro, quando ele toca mesmo na gente, a gente guarda aquelas informações no nosso cérebro e quando a gente, por exemplo, lembra alguma coisa que é referente a aquele livro, que nos emocionou naquele exato momento. Provocam reações tipo, se o livro foi um livro romântico que na hora você chorou e você lembra dele, você acaba chorando de novo. No contato com a argila, eu tenho um olfato muito sensível. Foi o primeiro contato com a argila, foi bem legal porque eu senti um cheirinho de água, de terra. Eu não sabia nem o que tava acontecendo. Senti o cheirinho de terra pensei até que tava chovendo. Bom, voltando, ao tocar nela, eu me espantei várias vezes porque eu não sabia o que era, era um troço molhado, frio. Eu peguei assim, mas não senti nojo. No momento que eu peguei na sacola eu pensei: "tem inseto aqui dentro, ai meu Deus ela botou um monte de inseto aqui dentro e agora é pra mim identificar". Aí depois que eu peguei na argila, "meu Deus, que tipo de bicho é esse aqui, é uma lesma". O que era, eu não sabia o que era. Aí, depois... "é terra!!" Mas foi bem legal tocar na argila. O meu corpo da leitura, essa flecha do destino, é assim, a leitura ela nos indica um caminho a seguir, por exemplo, se você não aprende a ler você vai seguir uma vida muito complicada e cheia de barreiras. Mas já você aprendendo a ler, ela vai lhe indicar um caminho específico para você quebrar essas barreiras e encontrar o futuro em que você possa ser feliz, com um bom salário. Comida. E vai indo. Saber ler traz um caminho diferente, um caminho próspero. Existem vários caminhos, dependendo de qual a opção da pessoa, mas a leitura sempre proporciona você a ter um caminho de felicidade. Porque além de você ter

conhecimento, você também vai utilizar dessa leitura em algum momento da sua vida pra poder adquirir alguma coisa. No caminho da exposição, duas obras me tocaram. A da Amanda, e da Márcia. A da Amanda me tocou porque eu pensei que ela tava com fome, também. Porque eu vi um monte de coxinha, deu vontade de mastigar uma, ficou bem legal, eu gostei demais dela. E a da Márcia, sinceramente, eu olhei daqui mesmo, antes de levantar, olhei e imaginei um bonequinho com o bumbum pra cima. Eu fiquei espantado. Aí depois que eu rodiei, que eu vi o nome "Porta", cadê essa porta? Eu fiquei meio assustado, fui olhando direitinho, aí entendi mais ou menos a ideia da Márcia. Eu entraria naquela porta se ela me coubesse... Para mim a fome da leitura é a fome que, por exemplo, você gostou de um livro, e tem outros na mesma temática e vocês quer ler eles, você vai fazer de tudo pra ler eles, essa é a fome da leitura. Fazendo de conta que a porta me cabe, o que você acha que encontraria atrás da porta, primeiro escuro, porque pelo jeito ele parecia uma cavernazinha. O escuro da leitura... seria mais que as dificuldades, a preguiça também, porque é uma das principais dificuldades que muitas pessoas como eu não gostam de ir à biblioteca para poder ler livros. Só sou incentivado pela Márcia, pela Amanda vim pegar um livro de vez em quando, às vezes, nem isso. O que fazer diante da dificuldade, da preguiça, se tiver um apoio como o da Márcia e da Amanda que elas sempre me dão, enfrentar e dar um jeito de ler. Gostei do nomezinho, ou leio um pouquinho a sinopsezinha, aí vou e leio e acabo gostando de ler mais. É isso.



### **Eliane**

Na hora da brincadeira de caminhar, tipo como se tivesse caminhando pelo centro, eu já brinquei dessa brincadeira no teatro e várias outras brincadeiras, desse tipo assim. Foi bom, rasgar, sei lá, parece que eu tava rasgando toda a minha raiva, descontando na argila. Na hora do soco também. No toque das mãos eu me senti meio constrangida porque o Lucas me bulinou. [risadas] Aí depois na hora que ele começou: "Lucas, devagar." Que o Lucas é um bicho danado, aí ele segurando pelas minhas unhas, segurando e eu: "meu Deus". Aí na hora que eu toquei nele, eu já sabia que era o Lucas, pelo sorriso. Ele: "meu Deus, quem é que tá aqui na minha frente?" Eu: "Hm, pois pronto." Aí na hora de formar aqui a coisa aqui o que veio na minha cabeça foi a palavra amor, coração. O amor da leitura é que algumas pessoas gostam muito de ler. Amam ler. Eu, por exemplo, eu gosto de ler. Eu não vou dizer que amo assim não, eu gosto. Gosto de ler. Das demais obras de arte a que me tocou foi a da Márcia, a porta. Parece mais uma coisa da pré-história, uma pedra em cima da outra.

Findos os relatos orais, fizemos uma roda de ciranda, em que todos, facilitadora, cofacilitadoras e copesquisadores tomamos parte, e em que cada um deveria ir ao centro da roda fazer um cumprimento diferenciado, que não poderia se repetir, para o grupo. Com essa socialização, encerramos a etapa de produção dos dados.

A tarde foi chegando ao fim com um lanche regado a frutas, sucos e biscoitos. Os jovens estavam bem descontraídos e alguns perguntaram se poderiam levar a escultura para casa, o que foi assentido por mim. Fiquei feliz com a ideia de eles quererem guardar para si uma recordação daquele dia. A despedida foi calorosa, com agradecimentos vindos de todos os lados. Agora, era seguir em frente. O próximo passo da pesquisa, então, foi a transcrição dos relatos dos copesquisadores. Feito isso, para dar início às análises, convoquei os copesquisadores para novo encontro, dessa vez para que fizessem a análise coletiva dos dados, apresentada a seguir.

#### **4.3 Análise dos dados pelos copesquisadores**

No dia 28 de janeiro, uma segunda-feira, final do período letivo, que fora estendido até aquela data por causa de uma greve dos professores ocorrida no início de 2012, voltei ao Severiano Sousa para proporcionar aos copesquisadores a análise coletiva dos dados que produziram. Dessa vez, a cofacilitadora foi minha filha, Giovana. Levei, mais uma vez, a refeição matinal: ameixa, maçã, iogurte, achocolatado, biscoito, petá e sanduíches de queijo e presunto. Dos 11 que tomaram parte das oficinas de produção de dados, apenas duas copesquisadoras não participaram desse momento: Lorena, que chegou no final da oficina; e Taylane, que não compareceu.

Como não foi possível realizar a oficina na biblioteca, porque era período de devolução dos livros didáticos pelos alunos, optamos pela sala de aula do 3º ano. No alongamento, dispostos em círculo, de pé, cada copesquisador imitou um bicho diferente. Foi muito divertido. Em seguida, sentados na carteira, em círculo, com o corpo o mais relaxado possível, os olhos fechados, e a cabeça pendida sobre o peito, fizeram o relaxamento da respiração acelerada: o início é lento, inspirando e expirando, depois vai acelerando, até o máximo que consiga, e voltar aos poucos, até respirar devagar e bem profundamente. Como havia transcorrido muito tempo das oficinas de produção de dados, quase três meses, pensei que seria interessante recordar o que eles viveram na ocasião. Assim, convidei-os para a viagem à memória e à imaginação, inspirada nos jogos para atores e não atores (BOAL, 2011, p. 229):

Você vai lembrar agora do dia 15 de novembro de 2012, o dia das oficinas de produção de dados da pesquisa, era um dia de quinta-feira, um feriado. Procure lembrar a partir da hora que acordou... respira... o que você fez depois que se levantou? Reconstrua cada passo, cada coisa que fez até sair de casa, com que roupa você saiu de casa... respira... ao sair de casa para vir pra escola, você encontrou alguém conhecido? Como estavam as ruas? ... respira profundamente... você lembra de ter visto algo ou alguém especial a caminho da escola? Quando chegou na escola, que ou o quê você viu primeiro? O que você fez em seguida? Procure lembrar dos momentos que viveu quando chegou na escola... respira, respira profundamente... o que mais aconteceu naquela manhã? Quem eram as pessoas que estavam com você? Procure lembrar os nomes delas... cada uma... os rostos... o que você fez naquela manhã? O que as pessoas fizeram? Você lembra de algo importante? Você consegue lembrar o que disse? ... respira... respira... Você lembra da fala de alguém, de algo que alguém disse que lhe marcou? Consegue recordar o que viveu? O que teve de importante naquela manhã? Um gesto? Uma fala? ... respira... Como acabou a manhã daquele dia? ...respira... chegou a hora do almoço... como foi esse momento, você lembra do que comeu? ... lembra de quem estava ao seu lado na hora do almoço? E depois do almoço, o que você fez? Como começaram as atividades da tarde? Que lembranças você tem? Como foi a sua participação nas atividades da tarde? Algo lhe marcou? ... respira profundamente... naquela tarde, alguma palavra ficou na sua memória? Que momentos daquela tarde foram especiais? Que sentimentos ficaram em você?... respira... Como as atividades da tarde foram encerradas? O que você fez depois que saiu da escola? Para onde foi? Com quem encontrou? Você contou para alguém a experiência que viveu? Para quem? ...respira... a noite chegou e você estava onde? Fazendo o quê? Com quem? O seu dia foi intenso e você vai se deitar... A que horas você foi dormir naquele dia? Hora de dormir, dia 15 de novembro de 2012... respira... respira profundamente... hora de acordar, dia 28 de janeiro de 2013...Abra os olhos... Permaneça em silêncio...

Quando retornaram da “viagem”, os copesquisadores tinham ao seu alcance uma folha de papel e uma caneta, para escrever, sem pensar muito, duas coisas: primeiro algo real, que tenha sido marcante, naquele dia 15 de novembro; e algo que você viveu somente no mundo da fantasia, da imaginação e que também ficou na sua memória. Eis as memórias reais (R) e imaginárias (I) dos copesquisadores:

(R) Quando vim para a oficina de literatura fui logo dá um bom dia para a professora Ceíça, depois encontrei a Luciane e toda a turma da oficina, fomos tomar café e depois começar a oficina, fizemos escultura com argila. Foi muito bom!

(I) Voltamos no tempo quando aprendemos a ler, foi ótimo! (ELIANE).

(R) Quando eu cheguei na escola, a primeira pessoa que eu vi foi a Eliane, o café da manhã com todos, a parte da oficina durante a tarde, na qual tive a minha primeira experiência com argila.

(I) A viagem que eu fiz ao mundo da imaginação. (LUCIANE).

(R) No momento do almoço, quando todos nós estávamos reunidos na mesa, trocando ideia, rindo, ou seja, se conhecendo e interagindo uns com os outros.

(I) O mundo da leitura que criei na hora do relaxamento, uma memória imaginária, mas que vou levar por toda minha vida. (YASMIM).

(R) Eu não lembrei de muita coisa, mas lembro que nesse dia eu encontrei o Lucas e a Márcia e a gente veio pra cá, chegando aqui eu vi a Eliane e a Luciane e eu lembro que eu tava com a orelha inflamada por causa do alargador.

(I) As nuvens coloridas. (AMANDA).

(R) Após o almoço, quando fomos p/ sala, deitei no chão e descansamos um pouco; e, após isso, começamos a fazer escultura de argila que ficaram bem legais e estranhas.

(I) Quando fui p/ o mundo dos livros que ficava nas nuvens. A Amanda me ajudou a ir p/ lá e a primeira coisa que eu vi foi um pé com livros nascendo dele. (LUCAS).

(R) A escultura da Lorena [Amanda], ela dizia ser uma paisagem natural, mas pareciam umas coxinhas.

(I) quando minha mãe me conduzia sobre uma ponte para o mundo da leitura, no qual se situava numa nuvem bem fofinha. (VANESSA).

(R) Contato com a argila de olhos vendados.

(I) Como era o meu mundo da leitura – Tapete voador – A ponte. (FRANCISCO).

(R) Maria isabel – almoço – Lucas fazendo graça – Riso da Amanda – A escultura de argila.

(I) O mundo dos livros – a sensação de estar com os personagens dos livros. (MÁRCIA).

(R) As brincadeiras, os momentos de alegrias a hora do café da manhã, do almoço.

(I) Naquela viagem que quando vimos de casa encontramos um tapete e nele fomos até uma nuvem. (PAULO).

Na verdade, todas essas memórias se misturam, e tudo o que eles citaram é, a um só tempo, real e imaginário. A minha intenção não era de dissociar o inseparável, pois o real e o imaginário são feitos da mesma matéria, porque na narrativa oral tudo se mistura e o que importa é a intensidade do encontro entre a matéria e a imaginação. No entanto, quis me valer disso como um dispositivo que, mesmo de forma virtual, pudesse aproximá-los das vivências daquele 15 de novembro.

Em seguida, fiz sorteio para formar os grupos e entreguei para cada grupo uma pasta de cor diferente, com material para análise – lápis, canetas e folhas A4, tudo bem colorido, para acentuar a ludicidade –: os relatos orais, transcritos, que não traziam identificação dos autores das falas; e as fotografias das produções artísticas. Assim, cada grupo analisou uma parte do material produzido, que, ajuntados, alcançaram o total dos dados.

A orientação era de que a análise dos dados fosse escrita, em qualquer gênero textual – paródia, poema, cordel, rap, conto. Os copesquisadores deveriam observar as repetições e as diferenças das ideias sobre leitura criadas por eles. Ou seja, realçando o que percebessem como sendo o pensamento deles sobre leitura. A seguir, apresento suas análises, a primeira, em forma de poesia, com base nos relatos orais:

## Motivos para Ler

Ler é...

É viajar sem sair do lugar  
 É ver o mundo com outros olhos  
 É fantasiar um mundo novo  
 É realizar sonhos incomuns  
 É criar motivo pra rir  
 É ter motivos para viver  
 É vivenciar novas aventuras  
 É rir sem motivos.

É devorar livros  
 como se estivesse com fome.

A outra análise foi objetiva, dividida em tópicos, a partir das imagens das esculturas:

## Repetições e Diferenças das Ideias

\* Observamos que há poucas repetições entre as imagens. Mesmo que o tema tenha sido o mesmo, as imagens retratadas são totalmente opostas visualmente, mas que ligadas levam ao mesmo caminho.

Descrição das Imagens

. “Bem-estar”

Imagem de certa forma confusa, porém que desperta uma dúvida em cada um de nós: Todo “Bem-Estar” é o mesmo?

. “Coração da Leitura” e “Amor”

Abrangem o mesmo aspecto visual. E nos levam à mesma conclusão: como não amar a leitura!

. “Flecha” e “A Porta”

Essa é fácil! Indica a direção de onde encontrar a leitura. O difícil é saber para onde ela aponta.

Quem sabe, ela aponta para “A Porta”. Cabe a nós sabermos como abri-la.

. “Abrigo da Leitura”

Para que melhor abrigo se não o próprio livro?

. “Conexão”

Existem vários tipos de conexão para inúmeras finalidades. Com a leitura não é diferente, o diferente é a conexão de cada um.

. “Passarinho” e “Cabeça de Cuia”

Essas duas retratam o que muitas pessoas buscam ao ler um livro: iniciar novos voos para alcançar grandes alturas proporcionadas pela imaginação.

A Mistura da Imaginação

Coração da leitura e o livro aberto podemos ler e assim sair de uma tristeza, passando para uma alegria. Uma história de tristeza como a do Cabeça de Cuia, ou até de alegria com uma flecha lançada para um grande amor, a flecha do destino.

No abrigo da leitura, portas abrem com a imaginação de lugares lindos, com muitos passarinhos, mas, às vezes, podemos não estar naqueles melhores dias.

A leitura junto com a imaginação pode deixar-nos de bem-estar com a vida que é uma conexão toda.

Com o término das apresentações das análises dos dados pelos copesquisadores – todas bastante aplaudidas –, sentamos para uma conversa sobre o nosso próximo encontro, que será o da contra-análise, etapa da pesquisa em que

[...] o facilitador volta a se encontrar com os copesquisadores para submetê-las ao crivo de sua avaliação bem como para fazer perguntas de esclarecimento. [...] é fundamental para que o pesquisador oficial retifique, re-examine e torne mais precisas suas reflexões. (PETIT, 2013, p. 13).

#### 4.4 Análise dos dados pela facilitadora

Na Sociopoética, após a análise dos dados pelos copesquisadores, iniciam-se as análises pela facilitadora. A primeira delas diz respeito aos dados plásticos – produção artística dos copesquisadores. Para tanto, é necessário distanciamento dos relatos orais, evitando relacionar as imagens à narrativa dos copesquisadores. Petit (2013, p. 12) explica que

O objetivo é descobrir, mediante leitura intuitiva, o que os próprios desenhos/figuras em argila nos comunicam. Geralmente, este exercício é difícil para nós acadêmicos, de tão contaminados que estamos pela linguagem escrita [e oral]! Mas é muito salutar este efeito de estranhamento, pois faz da análise um momento fortemente criador.

Os relatos transcritos, posteriormente, são submetidos às análises classificatória, transversal, filosófica e surreal. Adad (2011, p. 255) explica de que se constitui cada uma delas:

A análise *classificatória* diz respeito às oposições (por exemplo, as dicotomias), alternativas e escolhas; a *transversal* é considerada por Jacques Gauthier uma não análise, porque destaca as ligações, as ambiguidades e as convergências; a análise *filosófica* faz referência às teorias escolhidas pelo facilitador, segundo suas inclinações, pois na Sociopoética temos a liberdade de escolher nossas próprias abordagens. Isto é, desde que não se sobreponham aos conceitos e confetos criados pelos copesquisadores. E quanto à análise *surreal*? Esta análise consiste em brincar, em festejar, em subverter a estrutura do pensamento do grupo, criando uma outra lógica. Ela é, portanto, nada convencional. (Grifos da autora).



passarinho não voa  
 passa longe a imaginação...  
 Livro não é abrigo,  
 não abre nem fecha portas  
 não aponta qualquer destino.  
 Quando o livro está aberto,  
 letras não se juntam,  
 palavras não nascem,  
 ideias não se conectam,  
 linhas não se multiplicam,  
 mentes não se ligam,  
 imaginação não voa.

#### 4.4.1.1 Contra-análise da análise plástica dos dados

Para a contra-análise das “desverdades”, iniciei explicando a importância daquele momento para a pesquisa, reiterando o papel do grupo como pesquisador, e expliquei que, do mesmo jeito que o grupo havia feito a análise dos dados, também fiz a análise plástica da escultura do corpo da leitura. Assim, entreguei para o grupo pesquisador a cópia da página 83 do texto que foi qualificado. Quando viram a Imagem 5, ficaram bem alegres, sorrindo e apontando quem havia feito o quê. Mas na hora de dar início à análise, eles me pareceram muito tímidos, ninguém quis ler, então eu me ofereci, e ao final, os convidei a colocar as impressões sobre o poema. O grupo ficou reticente, murmúrios, sorrisos... Algumas impressões:

[...] cada um tem uma participação nessa poesia, que, além de bonita, conta fatos irreais sobre o que realmente é o livro, tipo, tudo o que está dizendo aqui que não é, na verdade, é. Causa meio que uma dúvida. O livro causa todas essas emoções, tudo o que tem aqui nessa poesia, só que causa, tipo, a poesia, essa poesia contrai tudo o que envolve mesmo a leitura, o livro e tudo mais. [...] muito inteligente, contorcer, escrever ao contrário, o que cada figura queria passar. Desverdades... Inteligente.

O que teria acontecido naquele momento? Apesar de eu os instigar, parece que o texto surreal não havia surtido efeito e provocado o desdobramento que eu esperava. Será que o grupo não se interessou pelo texto? Ou talvez tenha sido eu quem não soube fazer a condução? Fiquei me fazendo esses questionamentos, e acabei por acreditar que não foi nada disso, e que os jovens estavam tão somente preparando o corpo para o texto transversal dos relatos orais, que viria a seguir.

#### 4.4.2 Análise classificatória dos dados orais

Este é o momento em que os relatos orais dos copesquisadores são debulhados e catados pelo facilitador para a extração do suprássumo das ideias e dos conceitos, que são, inicialmente, categorizados. Como Soares (2009, p. 16), entendi que a Sociopoética me instigou “[...] a perceber e a valorizar a heterogeneidade [...], em detrimento das ideias ‘homogeneizantes’”. Segundo a autora,

Na sociopoética, conceitos são metáforas que o grupo-pesquisador produz ao relacionar o tema-gerador da investigação às técnicas utilizadas numa pesquisa, os quais denomina confetos. Eles apresentam visões diferenciadas seja por deslocamento de palavra de um local diferente de sua origem, seja por meio da criação de expressões inexistentes. O que confere status de confeto a uma expressão é o sentido diferente ou novo que ela traz. (SOARES, 2009, p. 26).

Assim, “[...] a Sociopoética possibilita colocar as certezas em suspenso, favorecendo formas inéditas de problematizar a vida, bem como oportunizar que os conhecimentos inesperados possam vir à tona, do que como uma prática determinista.” (SOARES, 2009, p. 27).

Dos dados produzidos nas falas, surgiram as seguintes categorias – conferir detalhes dessa seleção no Apêndice A (p. 125-134):

1. Sentidos, sentimentos e sensações dos jovens no momento das vivências;
2. Processo de criação da escultura;
3. Escolha do nome da escultura;
4. Conceitos de leitura;
5. Efeitos da leitura;
6. Dificuldades da leitura;
7. Mecanismos de escolha da leitura;
8. Tipos de leitor.

Após a categorização, fiz a análise classificatória (ver Apêndice A, p. 125-134) para cruzar os pensamentos complementares, divergentes, ambíguas e opostas, dentro de cada categoria, para, em seguida, transversalizá-las, “[...] utilizando os mesmos elementos colocados pelos copesquisadores, [...] propondo, assim, combinações e inversões

inesperadas ao grupo.” (PETIT, 2002, p. 7). Assim, a partir dos cruzamentos, fiz os estudos transversais que resultaram em um conto<sup>11</sup> – um texto lúdico, mais literário, menos científico –, tomando por base as metáforas, os confetos, fazendo uso, sobretudo, de suas falas, o que confere ao texto, em alguns momentos, informalidade:

### **Jovens leitores: artistas filósofos ou filósofos artistas?**

Olá! Tudo bem? É, é para você mesmo que eu estou digitando estas palavras. Quer me ler? Venha, seja meu leitor neste momento. Prometo que farei de tudo para você gostar. Vou contar uma história. Parece imaginação, mas aconteceu...

Certa vez, onze jovens estavam com muita **fome da leitura** que é a leitura que quer saciar a fome de ler porque gostou de um livro e têm outros na mesma temática e vai fazer de tudo para lê-los, e para saciar essa fome também tem que procurar mais fontes de conhecimento, as fontes de riqueza, de um novo mundo, como a literatura. **Responda-me, leitor, na hora de ler, você tem fome de quê?**

Assim, os jovens com o confeto **fome da leitura** na mochila resolveram sair pelo mundo à procura de novos mundos ao **deslizar na leitura cabeça de cuia** que é aquela leitura que acontece quando se pega um livro, lê, vai deslizando naquele assunto, vai interagindo com aquilo por dentro, porque ao ler vai crescendo o conhecimento, se desenvolvendo mais com a leitura pegando mais conhecimento do que o autor quer passar, porque a leitura é tão potente, o leitor toca sem tocar fisicamente, ou seja, faz uso da imaginação, sem hierarquias.

Que legal! Imagine aí, leitor, uma **leitura cabeça de cuia** que faz a gente deslizar e interagir por dentro, que faz uso da imaginação, tocando sem tocar, pegando mais conhecimento do que o autor quer passar! Esse confeto potente dilui as hierarquias, produz o **devir cabeça de cuia** porque reinventa a força do autor, não por ele ser um “cabeção”, alguém mais inteligente do que os outros. **Quem é mais potente, o autor ou o leitor?**

Interessante este conceito porque é diferente do **Corpo estranhozinho três cérebros da leitura** que é a leitura que faz a conexão entre o teu cérebro, o do personagem e do autor, demonstrando a conexão do leitor com a história do livro e do autor, pois a partir do momento que se pega um livro para ler, se viaja na imaginação de outra pessoa com o cérebro mais complexo que o teu, que foi capaz de inventar uma história que te fizesse imaginar ou formar uma imagem na cabeça, por isso, os três cérebros conectados uns nos outros. Fiquei a pensar: Quem dá mais potência ao leitor, a leitura **Corpo estranhozinho três cérebros da leitura** ou a **Deslizar na leitura cabeça de cuia**? **Quais os efeitos da potência dessa leitura no corpo do leitor?**

Entre o **Deslizar na leitura cabeça de cuia** e o **Corpo estranhozinho três cérebros da leitura**, os jovens em meio aos seus sentidos, sentimentos e sensações pensavam que poderiam achar a solução para deixar de andar a esmo, vendados, feito cegos, sendo vampirizados sem saber por quem, ou tentando estrangular os outros, apesar de acharem interessante a maneira como os deficientes visuais fazem as coisas, porque sabem o que estão fazendo, com confiança que tão fazendo aquilo, mesmo sendo cegos.

<sup>11</sup> “O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada esta como a sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participam. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente.” (MOISÉS, 1973, p. 39).

Eles achavam que era a mesma relação de confiança, de quando foram vendados, porque de olhos abertos não é comum ficar tocando nos dedos, na mão de outra pessoa. Mas o corpo pode sentir uma relação de liberdade, de segurança, de confiar no outro. Os jovens viveram a sensação de ser deficiente visual, como ele se sente diariamente sem enxergar nada e ter que andar entre as pessoas, saber como é o roxo, saber quem toca nele, com um agravante: os jovens não podiam falar, conseqüentemente, não podiam ouvir, só sentir.

Mas, há controvérsias, os jovens tiveram sensações diferentes no ato de ler às cegas, apesar da confiança, não deixaram de ter medo, cada um do seu jeito: uns ficaram com medo de ser tocado e se machucar e outros com medo de cair e bater a cara em alguma coisa. Então, leitor, **o que pode o corpo deficiente visual da leitura?**

Como estavam determinados a viajar, a sair do lugar, subiram nas asas do **Passarinho coisa imaginária da leitura** que é a leitura que voa para o mundo da imaginação, quando a gente lê vai para outro lugar, porque pode tudo, tem liberdade total na leitura porque é leitura coisa imaginária, a gente toca não no físico, não no palpável, a gente toca numa coisa imaginária, por exemplo, a gente não consegue tocar na juba do leão Aslam, das Crônicas de Nárnia, mas sente como se tocasse.

Os jovens, enquanto viajavam, debateram o quanto há no mundo leitores diferentes entre si. Uns são **leitores cabeça de cuia**, que são aqueles que a noite toda estão sempre de olho, sempre procurando mais conhecimento. Outros, são do tipo **leitor amarra a noite** aquele que sai à meia-noite, sai para se divertir na festa, em vez de pegar um livro e ler.

Que complexa é essa diferença entre leitores. **Ler é diversão? O leitor cabeça de cuia se diverte ao ler? Há leitura na diversão? O leitor amarra a noite lê enquanto se diverte?**

Há ainda o **leitor livro na mente** que, mesmo passando por uma fase que praticamente seus olhos fiquem às escuras, se já leu o livro, vai ter ele na mente, e vai identificá-lo quando alguém der algum fato, alguma palavrinha, e reconhecer aquele livro de qualquer jeito, mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre, e pronto. Um dos efeitos da leitura, em alguns leitores, acontece quando se lê um livro, se ele toca mesmo, as informações ficam guardadas no cérebro, e quando lembra alguma coisa que é referente ao livro, que causou emoção, que provocou reações, se foi um livro romântico e fez chorar, ao lembrar dele, acaba chorando de novo. **E você, leitor? De que tipo é?**

Pois bem! Prosseguindo viagem, do alto, procurando com os olhos da imaginação, avistaram a **Porta coisa pré-histórica da leitura livro fechado**, que é uma pedra em cima da outra da leitura, que impede a entrada e que não se vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro e é aí que não vai ler mesmo, a não ser pela capa, só vai saber o que tem dentro se ler, e, se ler, vira **leitura negócios de pré-história**, que é a leitura na qual se fica na curiosidade porque não se entende, e que vai ter que socar até entender. E agora, leitor, **o que pode o seu corpo diante de uma porta da leitura que é fechada com pedras?**

Ao chegarem perto, eles perceberam que as pedras eram de argila, muito duras e muito geladas. Eles se puseram a pensar o que fazer com a argila, e, de início, resolveram fazer o que viesse na mente. Alguns pegavam, apertavam, achavam gostoso ficar pegando, outros cheiravam, até que resolveram: para conseguir ultrapassar talvez fosse preciso molhar as argilas, rasgar as argilas. Quando começaram a rasgar, acharam estranho e legal, ao mesmo tempo, alguns se sentiram muito leves, como se tivessem tirando um peso, sentiram alívio. Outros acreditaram que estavam rasgando a página de um livro, e acharam muito ruim, com certeza, muito ruim, despedaçar em vários pedaços, tanto que foram logo tratando de juntar, porque rasgar é sinônimo de destruir. **Em que situações rasgar um livro proporciona alívio?**

Mas rasgar também pode levar a descobertas, ao alcance de algo novo, como quando não se entende uma época, não se conhece e vai procurar entender, procurar descobrir, quando desperta a curiosidade de um tema dentro do outro. Como quando se tem muita vontade de conhecer o mundo afora e, ao ler um livro do Zeca Camargo, por exemplo, conhece muitos lugares, e é como se estivesse lá dentro, conhecendo os lugares porque o autor detalha. É muito boa essa sensação, toda vez que se abre um livro é como se se desligasse do Brasil, do planeta Terra, e viajasse para qualquer outro planeta. Qualquer. Sem precisar de nave, de nada. Só no pensamento, só isso... Possibilitando, inclusive, sentir o cheiro que o autor viveu, pois uma **leitura livro aberto** tem a ver com o **leitor mente aberta** para novas ideias, para um mundo novo, dentro de um livro, pois toda vez que abre um livro é como se abrisse uma janela para um mundo ou uma porta para o mundo, um universo que seja diferente. E o que abre a porta da literatura são as mais diversas formas de personagem. Quando se fecha um livro, sente aquela necessidade de abrir ele de novo. Porque quando se está naquele mundo, não se sente vontade de voltar. E pela porta que você entra não tem mais como voltar. Esse caminho sem volta leva para um novo mundo. Um novo mundo que eu criei para mim, que é o mundo das palavras, o mundo das histórias, a **leitura mundo diferente**, uma busca diferente pelo propósito de tentar fazer o que se acha, o que se está pensando: o que é que vai acontecer depois quando a gente está lendo. Esses modos de pensar a leitura são contrários à **leitura livro fechado**, que é aquela que não se consegue descobrir o que tem dentro do livro e aí é que não vai ler mesmo, a não ser pela capa.

Pois foi rasgando, uns com raiva, outros com alegria e ainda outros com tristeza, que encontraram uma argila esculpida em que estava grafada uma charada, em forma de poema:

*Como cego, vaguei,  
Como louco, rasguei  
Como artista, moldei  
Como filósofo, criei.*

Os jovens se puseram a pensar o que aqueles versos poderiam significar. Pensa daqui, pensa de lá, entenderam, assim, o significado:

**Como cego, vaguei** = eles estavam procurando, interessando-se, caçando algo novo para fazer, ficando curiosos. Procurando, por exemplo, não julgar o livro pela capa, sem conhecer bem, porque isso mostra uma dificuldade, uma cegueira, quando se acha a capa feia, quando não se lê antes a síntese atrás do livro.

**Que cegueiras atrapalham a leitura?**

**Como louco, rasguei** = Porque rasgar a leitura é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo.

Os jovens acreditaram que já haviam decifrado dois versinhos. E os outros dois?

**Como artista, moldei** = precisavam dar forma a algo. Mas... o quê? Para quê?

Começaram então um debate e decidiram que possivelmente teriam de esculpir uma chave... Observando o buraco da fechadura, moldaram a **leitura flecha do destino**, que é a leitura que indica um caminho a seguir, por exemplo, se você não aprende a ler você vai seguir uma vida muito complicada e cheia de barreiras. Mas já você aprendendo a ler, ela vai lhe indicar um caminho específico para você quebrar essas barreiras e encontrar o futuro em que você possa ser feliz, com um bom salário. **Só a leitura é caminho para a felicidade?**

Apesar de a chave estar feita, alguns jovens encontraram dificuldade para enfrentar aquela etapa: é que tem leitor que só entra na porta da leitura se lhe couber. **Como se faz para caber na porta da leitura?** E esses são diferentes daqueles que aceitam ajuda, apoio, e dão um jeito de ler, e até gostam. Mais diferentes ainda são aqueles que tomam a atitude de amassar e de rasgar as dificuldades, como o medo de ler. **O que pode o corpo contra o medo de ler?** Ora, afinal, o leitor pode ou não gostar de ler, pode ou não sentir conforto com a leitura. **O que pensar sobre isso?**

Há também o tipo de leitor que apesar de não ter confiança na leitura, não confiar no livro, vai ler mesmo que não seja legal e procurar uma história por dentro daquilo que o autor quer passar, mesmo que ao olhar a capa do livro, pense que não “tem nada a ver”. Outro tipo de leitor é aquele não lê porque acha a capa do livro feia, não procura ler atrás do livro, não procura conhecer o livro.

As dificuldades com a leitura são vividas de modo diferente, pode ser a preguiça e o fato de não gostar de ir à biblioteca para poder ler livros, pode ser o nojo da leitura, que é quando se confunde ler com outra coisa, que não tem nada a ver. Tem gente que tem nojo de ler, por que a pessoa não gosta um pingote de ler. **O que é ter nojo de ler?**

Há quem acredite que a dificuldade da leitura é não saber ler e saber ler, e que o segredo da leitura é a dificuldade de ler alguma coisa. **O que é a dificuldade saber ler? E a dificuldade segredo da leitura, o que é?**

Por outro lado, há os leitores que ao lerem sentem alegria, emoção, amor, carinho, sentem-se livres, em paz e com liberdade. E, para além das dificuldades, os jovens alcançaram a **Leitura porta aberta do livro aberto flecha do destino** é aquela que quando é lançada não volta mais, porque leva a novas descobertas, abre novos caminhos, porque ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo, porque não tem fechadura fixa para fechar a leitura, ela está sempre aberta.

Ao atravessarem a porta, os efeitos do **Coração da leitura livro aberto** são todos sentimentos de bom que a leitura tem, como quando a pessoa vai ler um livro, este transmite sentimentos de alegria, de emoção, de amor, carinho, proporcionando um caminho de felicidade, paz e liberdade, porque além de ter conhecimento, você também vai se utilizar dessa leitura em algum momento da sua vida para poder adquirir alguma coisa.

Ao passar pela porta, os jovens se deram conta de que, na verdade, ela era um portal, e ao atravessá-lo, depararam-se com certa bagunça: **o corpo bem-estar da leitura** estava bagunçado, porque deixar tudo bagunçado é relação de bem-estar, de conforto para algumas pessoas. Em relação à leitura é isso, algumas pessoas encontram conforto na leitura e outras, não. Às vezes, uma pessoa gosta de um tipo de leitura e outra, não, não consegue ver como a que está gostando, e isto desperta curiosidade, ler um livro e não gostar, ou ler e gostar.

Perceberam, também, que livros fechados são apenas um monte de folhas juntas e que um livro só se torna um livro depois que alguém confia nele e o lê, porque muitas vezes não se tem confiança no livro, não se confia naquilo que o autor quer passar, pode até conhecer o autor, mas não confia. Diz-se assim: "ah, mas deve ser um assunto chato, então não vou ler". Então, tem que confiar, e isso só é possível abrindo o livro e entendendo o livro aberto. Assim, para os jovens, como um livro só se torna livro quando alguém confia nele e lê, a leitura só acontece, quando se abre o livro e se lê.

Ter confiança para abrir um livro e ler tem a ver com a **leitura árvore abrigo**, que é a leitura que as pessoas de outros lugares conseguem ler debaixo de uma árvore com copa bem grande que se torna um abrigo, porque tem segurança, e muita gente vai para baixo para se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo, porque ultimamente não dá para ler em qualquer lugar, pois para ler precisamos de segurança, de concentração para tentar entender um livro, viajar com aquilo, entrar na história.

**Porque o leitor precisa ter confiança para abrir o livro? O leitor corre riscos com a leitura de um livro? O que pode acontecer ao leitor quando ele abre um livro e lê?**

E foi com essas últimas questões que os jovens acreditaram ter achado a explicação para o último verso da charada: *Como filósofo, criei...*

#### 4.4.2.1 Contra-análise dos dados

Domingo parece ser um bom dia para sociopoetizar. Pelo menos funcionou nesta pesquisa. Houve algumas tentativas de realizar a oficina de contra-análise no sábado, 6 de julho, mas, entre encontros e desencontros de horários, de datas em que pudéssemos reunir o maior número possível de copesquisadores, o domingo, dia 7 de julho, foi a data precisa.

Nesse dia, acompanhada, mais uma vez, da minha filha Giovana, cheguei ao Severiano Sousa meia hora antes do combinado, 8h, para arrumar a mesa do desjejum e separar o material que seria usado. Os copesquisadores foram pontuais. O encontro foi na biblioteca. Depois do café da manhã, composto por suco, biscoitos e requeijão, foi dada início à oficina de contra-análise, que é o momento de “[...] apresentar, discutir, comentar e até rever [minhas] análises.” (SOARES, 2009, p. 45).

Comecei explicando que as ideias estavam transversalizadas, cruzadas, alertando-os de que, quando lessem, poderiam perceber ou lembrar a presença de alguém, de quem fez determinado relato, mas isso não era tão importante, que o que valia naquela vivência seria captar o uso feito das ideias e dos conceitos produzidos por eles nas oficinas. Conduzi-os, inicialmente, à leitura silenciosa, adiantando que no texto havia alguns questionamentos. E que se tivessem algum desejo de responder, poderiam fazer anotações no verso. Passados cerca de 30 minutos, propus fazer um levantamento geral do que acharam do texto transversal, não procurando, naquele momento, responder aos questionamentos, mas falar dos efeitos, se gostaram, o que gostaram, o que os havia tocado, suas impressões gerais:

[...] o texto. [...] é mais interessante na hora que ele fala sobre o livro aberto, aí eu fiquei pensando que o livro poderia ser logo aberto, nunca ser fechado, chegar em um lugar e o livro já está tudo aberto. Aí no texto foi logo respondendo, porque vai despertar curiosidade e vinha realmente a fome da leitura antes de ler o livro. [...] bem interessante a análise das nossas artes, principalmente essa parte final, que tem essa frasezinha, "como filósofo eu criei". Bem interessante, citou a gente como se a gente estivesse realmente filosofando com o que a gente criou, com o que a gente falou sobre cada escultura que a gente fez. O texto debate cada momento que a gente teve aqui nas nossas reuniões. Ele exemplifica cada fato que aconteceu, explicando principalmente cada ideia de como é a leitura, como cada um se sente envolvendo a leitura. Incrivelmente eu me identifiquei muito mais com a leitura quando eu li esse texto porque consegui trazer uma coisa que nós já sabíamos, que nós fizemos, só que de uma forma diferente e que despertasse curiosidade na gente através desse texto. Tem alguns conceitos aqui, no início, que falam da potência da leitura, realmente, a leitura tem uma potência, começa devagar, depois vai trazendo emoções, sentimentos, quando chega no final, uma conclusão, uma opinião. O texto é muito bom mesmo, apesar de que algumas perguntas não têm respostas.

Com essa avaliação geral do texto, iniciamos a releitura, em voz alta, feita por mim, e o grupo ia parando para conversar sobre os questionamentos, sobre aquilo que estivesse lhes tocando, pois aquele era o momento da contra-análise, em que eles iriam dizer o que, da minha análise acharam interessante, o que poderia ser complementado, a oportunidade de dirimir as dúvidas, de fazer sugestões.

Como os debates se deram precisamente após cada indagação do texto transversal, e com a finalidade de facilitar a leitura e evitar a prolixidade, apresento, sinteticamente, os questionamentos, na ordem do texto, seguidos das impressões do grupo-pesquisador.

Já no segundo parágrafo do texto, sobre a **fome da leitura...**

Certa vez, onze jovens estavam com muita **fome da leitura** que é a leitura que quer saciar a fome de ler porque gostou de um livro e têm outros na mesma temática e vai fazer de tudo para lê-los, e para saciar essa fome também tem que procurar mais fontes de conhecimento, as fontes de riqueza, de um novo mundo, como a literatura. **Responda-me, leitor, na hora de ler, você tem fome de quê?**

... o grupo-pesquisador complementou:

[...] na hora de ler, a fome é de uma história que faça sentir emoções e sensações diferentes, que faça interagir com o texto, fazendo viajar para outros mundos, outros lugares, fazendo conhecer novas pessoas. Fome de descobrir o que está escrito no livro, de ter mais conhecimento e descobrir novos mundos. [...] fome de respostas que acabem com a curiosidade. Todo livro traz uma curiosidade e se busca a resposta quando se está lendo. Cada vez que se vai ler um livro, cada vez mais mata a curiosidade e cada vez mais vem mais curiosidade, aí a fome aumenta, de ler um belo livro e de ler revistas em quadrinhos.

Sobre a relação de poder entre o autor e o leitor...

Que legal! Imagine aí, leitor, uma **leitura cabeça de cuia** que faz a gente deslizar e interagir por dentro, que faz uso da imaginação, tocando sem tocar, pegando mais conhecimento do que o autor quer passar! Esse confeto potente dilui as hierarquias, produz o **dever cabeça de cuia** porque reinventa a força do autor, não por ele ser um “cabeção”, alguém mais inteligente do que os outros. **Quem é mais potente, o autor ou o leitor?**

...os jovens debateram:

Por parte, o autor, pois ele inventa textos dos quais fazem muitas pessoas viajarem em novas sensações, em novas experiências. No caso, ele pode fazer um texto no qual, digamos, uma pessoa imagina uma cena triste, uma cena emocionante, outras uma cena

assim, coisa chata, por exemplo. Aí por outra parte o leitor, porque ele transforma literalmente tudo aquilo que o autor quis mandar para ele, tipo, ele cria uma nova ideia da leitura, um novo objetivo para aquele texto. Ou seja, é uma balança bem equilibrada, porque sem o leitor, completamente não iria existir o autor, os dois são bem importantes, mas o autor sempre vai pesar mais, pelo fato de ele tentar transmitir uma ideia para poder existir o leitor, para que a pessoa leia e descubra alguma coisa, para que o leitor compreenda o que o autor quer mostrar, porque dependendo do que o autor escreve, o leitor tem realmente que pensar. O autor lança um desafio para quem vai ler o livro dele, tentar interpretar o que ele quer passar em uma história, lançar um personagem que realmente captive o leitor.

### Acerca do confetos leitura **Corpo estranhozinho três cérebros da leitura e Deslizar na leitura cabeça de cuia...**

Interessante este conceito porque é diferente do **Corpo estranhozinho três cérebros da leitura** que é a leitura que faz a conexão entre o teu cérebro, o do personagem e do autor, demonstrando a conexão do leitor com a história do livro e do autor, pois a partir do momento que se pega um livro para ler, se viaja na imaginação de outra pessoa com o cérebro mais complexo que o teu, que foi capaz de inventar uma história que te fizesse imaginar ou formar uma imagem na cabeça, por isso, os três cérebros conectados uns nos outros. Fiquei a pensar: Quem dá mais potência ao leitor, a leitura **Corpo estranhozinho três cérebros da leitura** ou a **Deslizar na leitura cabeça de cuia**? **Quais os efeitos da potência dessa leitura no corpo do leitor?**

... Houve divergência entre as ideias dos jovens:

A leitura 'Cabeça de Cuia' faz o leitor interagir com o texto, fazendo ele querer ler mais e mais o texto, provocando reações em cadeia em forma de emoções das mais diversas, como um sorriso, uma tristeza, um ódio, uma vontade de matar, uma comoção, um amor.

O "Corpo estranhozinho, três cérebros da leitura", ele faz uma conexão do personagem, do autor e do leitor. Quando um leitor busca um livro, é isso o que ele procura, conexão principalmente com o personagem, nem tanto com o autor. [...] o efeito dessa potência faz com que o leitor se conecte com a leitura.

Quando a indagação foi sobre o confeto corpo deficiente visual da leitura...

Mas, há controvérsias, os jovens tiveram sensações diferentes no ato de ler às cegas, apesar da confiança, não deixaram de ter medo, cada um do seu jeito: uns ficaram com medo de ser tocado e se machucar e outros com medo de cair e bater a cara em alguma coisa. Então, leitor, o **que pode o corpo deficiente visual da leitura?**

...os jovens deliberaram:

Talvez a deficiência da leitura seja uma deficiência que nós temos em relação a uma outra atividade. E também saber que a leitura pode não ser perfeita, que nós também não precisamos ser perfeitos. Apesar de você não estar lendo palavras, você também vai estar

lendo tudo ao seu redor, todas as reações das pessoas, o que elas fazem, o que está acontecendo no seu dia a dia [...].

Buscando compreender como são o **leitor cabeça de cuia** e o **leitor amarra a noite...**

Os jovens, enquanto viajavam, debateram o quanto há no mundo leitores diferentes entre si. Uns são **leitores cabeça de cuia**, que são aqueles que a noite toda estão sempre de olho, sempre procurando mais conhecimento. Outros, são do tipo **leitor amarra a noite**, aquele que sai à meia-noite, sai para se divertir na festa, em vez de pegar um livro e ler. Que complexa é essa diferença entre leitores. **Ler é diversão? O leitor cabeça de cuia se diverte ao ler? Há leitura na diversão? O leitor amarra a noite lê enquanto se diverte?**

... o grupo-pesquisador divergiu:

Ler é, sim, uma diversão, por causa de inúmeras reações ao leitor. No caso, você pode estar lendo e estar se divertindo também, sentindo reações, sentindo sensações diferentes. Pode se divertir sim, pois ele se imagina naquela situação, sentindo e interagindo o contexto. Pode haver, sim, um tipo de leitura na diversão, pois aprendemos coisas novas que ficam marcadas em nossa mente. [...] O leitor cabeça de cuia, é uma pessoa aberta aos conhecimentos, tem um bom entendimento, sabe responder todas as perguntas. Quanto mais lê, mais conhecimento tem. Eu acho que quando ele se diverte e entende mais ainda a leitura do texto.

[...] Depende da interpretação. Se interpretar de uma forma divertida, pode ser uma diversão. Muita gente não consegue interpretar como uma forma divertida, mas como uma forma buscando uma resposta para algum problema, eu acho que aí, nesse caso, não pode haver uma diversão. Em relação ao leitor cabeça de cuia, eu acho que ele se diverte ao ler, porque como foi dito, ele usa a imaginação, tem interação dentro de si.

E o leitor amarra noite, aí depende. Uma leitura visual, talvez sim, que ele pode fazer quando ele está se divertindo, agora, dependendo do que ele faça, muitas vezes ele não consegue estar lendo enquanto está se divertindo, não.

O leitor amarra noite, ele pode estar lendo sim não só pelo fato de ele estar vendo outras coisas, mas também pela audição, por ele estar ouvindo coisas novas, aprendendo o tempo todo. Todo tipo de coisa, vendo, ouvindo, trabalhando com os cinco sentidos, ele está tocando em pessoas novas, aprendendo como é a fisionomia dela.

Frente ao confeto leitor livro na mente...

Há ainda o **leitor livro na mente** que, mesmo passando por uma fase que praticamente seus olhos fiquem às escuras, se já leu o livro, vai ter ele na mente, e vai identificá-lo quando alguém der algum fato, alguma palavrinha, e reconhecer aquele livro de qualquer jeito, mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre, e pronto. Um dos efeitos da leitura, em alguns leitores, acontece quando se lê um livro, se

ele toca mesmo, as informações ficam guardadas no cérebro, e quando lembra alguma coisa que é referente ao livro, que causou emoção, que provocou reações, se foi um livro romântico e fez chorar, ao lembrar dele, acaba chorando de novo. **E você, leitor? De que tipo é?**

... os jovens se autodefiniram:

Bom, eu sou do tipo eclético, leio de tudo, de tudo um pouco literalmente. Tem livros que podem me fazer chorar, sorrir, ficar com raiva ou com pena, com vontade de estrangular alguém, com vontade de ajudar e até socorrer os personagens, mas, principalmente, sou aquele leitor que fica com fome, principalmente, quando lê um livro de culinária. É tão bom. Nossa, é uma sensação única quando você está lendo, você, literalmente, sente o gosto daquele prato na sua boca. Pronto! Só que, assim, eu gosto de ler um livro que não fique só na mente, mas também no coração.

Coloquei que eu sou um leitor livro na mente, porque eu não esqueço realmente de um livro quando eu leio para o resto da vida. Até hoje, eu lembro de livros que eu li há muito tempo, e quando eu vir uma situação que me venha a lembrar do livro, realmente eu não vou esquecer. E também eu gosto de ler porque eu sou um leitor livro na mente, eu consigo sentir o que o livro quer passar, o sentimento que o livro me faz distrair.

Sim, eu gosto de ler livro assim, tipo de romance. Na hora que eu vi esse livro me deu vontade logo de ler, falou em romance aqui. Que causa emoção, que causa reações. Deu um branco agora.

Sobre os leitores livro na mente, todos nós temos, a partir do momento em que a gente pega um livro para ler, a gente tem que buscar alguma coisa que fique dentro da gente naquela leitura. Eu, particularmente, gosto muito de livro de motivação, que é o que mais fica geralmente, que a gente vai ler, fica muita coisa na cabeça da gente que motiva a gente no dia a dia. Livro de romance também eu gosto.

Eu já sou um leitor livro na mente, porque é assim, quando eu pego um livro e leio e gosto, eu já leio ele várias vezes, eu fico lendo, lendo, lendo. Ainda tem que ligar para as amigas e contar o que está lendo. É tipo assim, "menina, eu li um livro... excelente... que tu precisa ler. Se tu não ler, não falo mais contigo. O livro é muito bom, nossa".

Ao se depararem com a porta fechada da leitura...

Pois bem! Prosseguindo viagem, do alto, procurando com os olhos da imaginação, avistaram a **Porta coisa pré-histórica da leitura livro fechado**, que é uma pedra em cima da outra da leitura, que impede a entrada e que não se vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro e é aí que não vai ler mesmo, a não ser pela capa, só vai saber o que tem dentro se ler, e, se ler, vira **leitura negócios de pré-história**, que é a leitura na qual se fica na curiosidade porque não se entende, e que vai ter que socar até entender. E agora, leitor, **o que pode o seu corpo diante de uma porta da leitura que é fechada com pedras?**

... os jovens decidiram:

A primeira sensação é desistir, "ah, está fechado". Mas persistindo, pois sei que atrás daquela porta eu sei que eu vou encontrar uma coisa que possa, tipo se identificar comigo. Então assim, eu vou abrir essa porta, porque eu sei que eu vou achar uma coisa lá e eu vou ver. A linguagem dos livros é uma dificuldade, dá curiosidade de uma certa palavra, aí tem que buscar encontrar para dar continuidade na leitura. Primeiro vem a curiosidade, depois o corpo consegue buscar uma resposta para essa curiosidade, alguma resposta oculta em algum lugar que eu posso descobrir através da minha curiosidade. Aí acabo dando um jeito e pesquisando, por exemplo, se é alguma palavra que eu não conheço, eu vou pesquisar, internet, em outros livros, se há alguma frase que eu não entendo em uma linguagem, digamos, culta, eu me informo com outras pessoas que têm mais entendimento que eu, uma hora eu consigo descobrir o que é aquilo. Mas, a porta da leitura não é fechada e nem tem pedras, eu acho que a gente realmente que coloca dificuldade, que coloca essas pedras diante da leitura. Porque se a pessoa for com força de vontade, quando quer, pode tirar essas pedras da porta, abrir e entrar no mundo da leitura, ou melhor, não existem nem pedras e nem é fechada, é sempre aberta.

Sobre a possibilidade destruir um livro, rasgando-o...

Ao chegarem perto, eles perceberam que as pedras eram de argila, muito duras e muito geladas. Eles se puseram a pensar o que fazer com a argila, e, de início, resolveram fazer o que viesse na mente. Alguns pegavam, apertavam, achavam gostoso ficar pegando, outros cheiravam, até que resolveram: para conseguir ultrapassar talvez fosse preciso molhar as argilas, rasgar as argilas. Quando começaram a rasgar, acharam estranho e legal, ao mesmo tempo, alguns se sentiram muito leves, como se tivessem tirando um peso, sentiram alívio. Outros acreditaram que estavam rasgando a página de um livro, e acharam muito ruim, com certeza, muito ruim, despedaçar em vários pedaços, tanto que foram logo tratando de juntar, porque rasgar é sinônimo de destruir. **Em que situações rasgar um livro proporciona alívio?**

...os jovens esclareceram:

Em nenhuma situação, pois o livro é a criação de uma outra pessoa que depositou o seu tempo, seu carinho e sua dedicação àquele objeto. Ao rasgar o livro, estamos destruindo o trabalho e todo o sacrifício daquela pessoa, além de estarmos destruindo um possível conhecimento para nós.

[...] quando eu não gosto do final do livro, eu sinto vontade de rasgar.

Ao serem questionados sobre “**Que cegueiras atrapalham a leitura?**”, os jovens expuseram as ideias:

O ato de julgar o livro pela capa, pois as pessoas hoje em dia, elas olham para o livro assim, "não gostei dessa capa, então eu não vou ler". A maioria tem esse pensamento, a pessoa julga antes de conhecer o que tem dentro de um livro. E também a preguiça de ler. Muitas pessoas, como eu também um pouquinho, têm preguiça de ler, tipo, pode até começar a ler, mas aí ela não acha a história no começo interessante, aí vai, para e nunca mais lê. Tem mais uma coisa, mais um fato. Também uma dificuldade na leitura é, tipo, eu estou procurando um livro específico que eu vi falar na internet, que eu gostei pra caramba, mas a maioria das bibliotecas de hoje em dia não tem esse livro, aí fica difícil de eu procurar um meio de ler. Ou eu baixo ele na internet ou eu compro em outros lugares também pela internet, porque esse é o único jeito. Essa é uma dificuldade grande, a dificuldade de achar o livro.

Essa pergunta eu não consegui uma resposta, porque eu não concordei muito com ela não. Eu acho que não tem cegueiras, eu acho que talvez ver demais e não buscar, não aceitar o que realmente tem no livro. No caso, você esperar ver uma capa extraordinariamente bem trabalhada, só que aí no caso você vê uma capa simples, você não vai ver o que realmente o conteúdo quer passar. Então, você sempre busca ver demais, independente de qualquer livro, uma capa tem que ser bem perfeita, a síntese tem que ser bem trabalhada, bem detalhada. Eu acho que no caso não era uma cegueira, era ver demais, ver algo além.

Ao serem confrontados com a indagação “**Só a leitura é caminho para a felicidade?**”, o grupo-pesquisador analisou:

[...] não só a leitura. Dependendo da situação, se você busca felicidade em um livro, com certeza, dependendo do livro, você vai encontrar, mas muitas pessoas buscam informações. Existem pessoas que buscam até mesmo histórias tristes para chorar. Eu não considero a leitura só um caminho para a felicidade. [...] Não é só, mas ela puxa. Pessoa que lê tem mais conhecimentos, mais informações, é aberta a tudo, eu acho.

Diante da dificuldade:

Apesar de a chave estar feita, alguns jovens encontraram dificuldade para enfrentar aquela etapa: é que tem leitor que só entra na porta da leitura se lhe couber. **Como se faz para caber na porta da leitura?**

Os jovens decidiram:

Procurando fatos que se identifiquem com você. Se tiver coisas, tipo, que você se interessa por elas, você vai caber na porta dele e você vai se interessar e vai ler logo tudinho de uma vez. E vai entrar pela porta da leitura, não vai ficar só na porta, vai passar para dentro. [...] Ou interpretando a porta. Dependendo da forma, se ela for pequena, você interpretar ela, por causa da leitura você vai conseguir ficar pequeno. Se ela for estreita, se você conseguir interpretar ela, você vai entrar.

O questionamento seguinte, do texto transversal, é sobre o medo de ler. O grupo disse que não conseguiu entender a pergunta: “Como assim, medo de ler?”. Explico que o medo de ler esteve presente nas falas, embora de forma inconsciente.

Mais diferentes ainda são aqueles que tomam a atitude de amassar e de rasgar as dificuldades, como o medo de ler. **O que pode o corpo contra o medo de ler?**

Assim, eles chegaram à seguinte conclusão:

[...] É mais uma dificuldade em vez de medo, tipo, a pessoa tem dificuldade de entender aquele determinado assunto e fica com medo de errar na leitura. O medo seria, então, a não compreensão do que lê. [...] Por exemplo, a professora sempre passava uns livrinhos pra gente ler e explicar depois, aí se a gente não entendesse e fosse explicar lá, como seria? Um medo horrível lá na frente de explicar e explicar errado e ainda ser questionado.

Passado o medo, surge o nojo:

As dificuldades com a leitura são vividas de modo diferente, pode ser a preguiça e o fato de não gostar de ir à biblioteca para poder ler livros, pode ser o nojo da leitura, que é quando se confunde ler com outra coisa, que não tem nada a ver. Tem gente que tem nojo de ler, por que a pessoa não gosta um pingo de ler. **O que é ter nojo de ler?**

Para o grupo-pesquisador, há discordância:

[...] é não ter a vontade de ler nada por achar chato, às vezes até entediante. E pura preguiça. [...] a pessoa ler o livro e não gostar do livro e não terminar de ler, aí ficou com nojo daquela leitura, não gostou daquela leitura. Então, no caso, o nojo é não ter gostado do que leu.

Eu não consegui identificar o nojo. Complicado. Eu acho que não tem. Eu acho. Porque, de qualquer forma, como já foi dito, independente de você estar com um livro ou não, você vai estar lendo. Você pode fazer uma leitura visual, uma leitura auditiva, pode não estar percebendo, mas vai estar lendo. Mas nojo...

Mediante as dificuldades...

Há quem acredite que a dificuldade da leitura é não saber ler e saber ler, e que o segredo da leitura é a dificuldade de ler alguma coisa. **O que é a dificuldade saber ler? E a dificuldade segredo da leitura, o que é?**

...os jovens disseram:

[...] a pessoa saber ler, sabe, mas é uma dificuldade compreender o que está escrito lá, tipo, você pode ter sido criado como uma pessoa de linguagem culta e, de repente, aparece um texto lá só com gírias e tudo mais. Essa pessoa não vai compreender nada que está no texto, é a dificuldade de compreender o que está escrito. [...] e a dificuldade de interpretar o texto...

[...] eu considero uma necessidade o segredo da leitura. É obrigatório ter um segredo acho que para estimular a curiosidade, despertar a curiosidade da pessoa, o interesse. Não considero uma dificuldade. Assim, não sei se eu entendi, o segredo da leitura eu não considero que seja uma dificuldade, eu considero uma necessidade.

Sobre as seguintes inquirições finais do texto transversal:

**Porque o leitor precisa ter confiança para abrir o livro? O leitor corre riscos com a leitura de um livro? O que pode acontecer ao leitor quando ele abre um livro e lê?**

O grupo-pesquisador definiu:

[...] só tendo confiança é que se cria vontade de ler um livro, ou seja, se o leitor não tiver confiança em si mesmo que ele vai gostar do livro, ele não vai criar uma vontade de ler, por exemplo. Confiança é a base de tudo, então, para ler um livro, é preciso você ter confiança. Eu acho que a confiança precisa partir dele para ele chegar até o final, não só abrir, no caso, ler as primeiras páginas, ele tem que adquirir confiança até o final a partir do que o autor pode passar para ele [...]. O leitor corre riscos com a leitura de livro?

Coloquei que sim, porque as pessoas têm opiniões diferentes. No caso, o livro pode estar passando uma opinião que seja diferente da sua e você vir a mudar sua opinião talvez por causa do livro ou sofrer algumas alterações na opinião, eu acho que os riscos que pode ter é de não gostar do que o livro está transmitindo, ter uma expectativa falhada do que tem lá pode gostar ou não, sentindo as palavras ou nem se interessar por ela, esses são os riscos que ele pode correr. [...] o leitor descobre coisas novas, sensações e emoções diferentes, ele cria a sua própria opinião sobre aquele determinado assunto, e também sente vontade de continuar lendo cada vez mais, querendo assim se aprofundar naquele assunto, o leitor, quando ele abre um livro e lê, do mesmo jeito que ele corre os riscos, ele pode gostar do livro, pode adquirir conhecimentos novos. Só coisa boa. No caso, ele vai abrir e ler o livro, se ele só abrisse, eu acho que não aconteceria nada.

Ao fim dos debates, agradei o envolvimento, a gentileza em participar de todas as etapas da pesquisa e avisei que voltaria a entrar em contato, primeiro para convidar para a defesa da pesquisa; depois para a apresentação do trabalho na escola, que será feita posteriormente à defesa. Agora, chega o momento de relacionar as ideias e os confetos produzidos pelo grupo-pesquisador com a teoria dos estudiosos conhecidos e reconhecidos: a análise filosófica.

## 5 Páginas Filosóficas: saberes polissêmicos sobre leitura

“[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam [...]”.

(Riobaldo)

A epígrafe acima foi colocada por Guimarães Rosa, em 1956, em **Grande Sertão: Veredas**, na voz de um de seus mais famosos personagens: Riobaldo. Escolhi dizer que a citação é do jagunço-filósofo, porque o é. Foi incorporada por ele, que passou a ter vida, a pensar, a produzir ideias. A relação que envolve a mente do autor (Ramos), a mente do personagem (Riobaldo) e a minha mente, como leitora, foi defendida pelos copesquisadores, como uma conexão, formada por: “[...] três cérebros conectados uns aos outros”.

Da mesma forma que todos estão interligados no processo da leitura e que não há hierarquias, uma das coisas que aprendi no Mestrado em Educação, dentre tantas, que se torna impossível relacionar, reside na ideia foucaultiana de que o poder circula. Se o poder circula, para que ele seja exercido há necessidade de ideias, de entendimentos e de interpretações do mundo particulares.

Para Foucault, o poder não existe, o que existe são as relações de poder. No entender de Foucault, o poder é uma realidade dinâmica que ajuda o ser humano a manifestar sua liberdade com responsabilidade. A ideia tradicional de um poder estático, que habita em um lugar determinado, de um poder piramidal, exercido de cima para baixo, em Foucault é transformada. Ele acredita no poder como um instrumento de diálogo entre os indivíduos de uma sociedade. A noção de poder onisciente, onipotente e onipresente não tem sentido na nova versão, pois tal visão somente servia para alimentar uma concepção negativa do poder. (MARINHO, 2013).

Todos somos capazes de criar conceitos, desde que sejamos provocados a pensar, porque a inventividade também nos é intrínseca, há um filósofo em cada indivíduo, não como algo naturalizado, tampouco com a ideia de contemplação, mas como algo que se modifica e transforma o mundo. O papel do filósofo, na perspectiva deleuzeana (GALLO, 2008), é criar conceitos, sendo que cada filósofo imprime suas visões de mundo a partir dos conceitos que cria. Nos estudos transversais, compus um texto, que é um enigma em forma de versos, para ser desvendado pelos jovens:

*Como cego, vaguei,  
Como louco, rasguei  
Como artista, moldei  
Como filósofo, criei.*

Na contra-análise, o último verso – *Como filósofo, criei* –, impactou o grupo-pesquisador:

[...] bem interessante a análise das nossas artes, principalmente essa parte final, que tem essa frasezinha, "como filósofo eu criei". Bem interessante, citou a gente como se a gente estivesse realmente filosofando com o que a gente criou, com o que a gente falou sobre cada escultura que a gente fez.

Para Deleuze e Guattari (apud GALLO, 2008, p. 36, grifo dos autores), a tarefa da filosofia é criativa:

O filósofo é o amigo do conceito. Ele é o conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em **criar** conceitos [...] sempre novos [...]. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência.

Os jovens criaram conceitos em meio à multiplicidade de ideias, sobrepõem a “[...] diversidade epistemológica do mundo [e da] pluralidade conflitual de saberes [...]” em que há “[...] transformação dos critérios de validade do conhecimento em critérios de cientificidade do conhecimento”, e, assim, importa, aqui, “[...] não só o que é ciência, mas, muito mais do que isso, o que é conhecimento válido.” (SANTOS, 2005, p. 21-22). O modo como cada um percebe a vida e o que nela há não carece, necessariamente, de cientificidade, é importante, venha de onde vier, e, certamente, é mais intenso na mente em ebulição das juventudes:

[...] sendo as juventudes multifacetadas, significa que não se deve trabalhar somente com um olhar, mas com uma perspectiva interdisciplinar, recorrendo a várias perspectivas de interpretação, desde que admitam a diversidade cultural que se revela nesse campo real. (BOMFIM, 2006, p. 48).

Assim, os dados produzidos nesta pesquisa demonstram o turbilhão de ideias e de conceitos juvenis desterritorializados, múltiplos, metafóricos; e orientam este capítulo de análise filosófica, “imprescindível” à pesquisa sociopoética (SOARES, 2009), que, segundo Silveira (2004, p. 152), “[...] é dedicado a confrontar o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador com reflexões teórico-filosóficas de outros autores ou correntes”.

O apanhado das etapas anteriores – análises plástica e classificatória, estudos transversais e contra-análise –, levaram-me a duas linhas ou dimensões do pensamento do

grupo-pesquisador, a saber: **tipos de leitura e de leitor; e as cegueiras que atrapalham e/ou impedem a leitura.**

### 5.1 Tipos de leitura e de leitor

É comum diferenciar os tipos de leitura assim: de passatempo, crítica, filosófica, didática, biográfica, por exemplo. Ou, ainda, classificar a leitura lúdica como: de suspense, de ação, de aventura, de terror, romance... Enfim, são as ideias iniciais quando se pensa em tipos de leitura. *Sui generis*, no entanto, é pensar como os copesquisadores, que criaram conceitos para além do naturalizado, das representações sociais, das ideias convencionais sobre leitura.

Na contra-análise, os jovens ratificaram algumas noções e ampliaram alguns pensamentos do grupo, como é o caso da **fome da leitura**:

[...] na hora de ler, a fome é de uma história que faça sentir emoções e sensações diferentes, que faça interagir com o texto, fazendo viajar para outros mundos, outros lugares, fazendo conhecer novas pessoas. Fome de descobrir o que está escrito no livro, de ter mais conhecimento e descobrir novos mundos. [...] fome de respostas que acabem com a curiosidade. Todo livro traz uma curiosidade e se busca a resposta quando se está lendo. Cada vez que se vai ler um livro, cada vez mais mata a curiosidade e cada vez mais vem mais curiosidade, aí a fome aumenta, de ler um belo livro e de ler revistas em quadrinhos.

Os jovens acresceram a concepção da fome da leitura, assegurando que ela não acaba, ela aumenta, ela se torna insaciável e que, após a descoberta do que está escrito no livro, fica mais intensa. O que é singular é a afirmação de que a curiosidade não farta a fome de ler, que aumenta: “vem mais curiosidade”. A fome é o desejo do leitor, condição para que a leitura seja prazerosa e incessante. Pennac (2008, p. 13) proclama:

O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo amar... o verbo sonhar... É evidente que se pode sempre tentar. Vejamos: “Ama-me!” “Sonha!” “Lê!”. “Lê, já te disse, ordeno-te que leias!”. – Vai para o teu quarto e lê! Resultado? Nada. (PENNAC, 2008, p. 13).

Quando transformada em obrigação, a leitura se resume a simples enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura, o referido autor prescreve dez direitos do leitor: de não ler; de pular páginas; de não terminar um livro; de reler; de ler qualquer coisa; de ler em qualquer lugar; de ler uma frase aqui e outra ali; de ler em voz alta; de calar; e direito ao bovarismo,

[...] esta satisfação imediata e exclusiva de nossas sensações: a imaginação infla, os nervos vibram, o coração se embala, a adrenalina jorra, a identificação opera em todas as direções e o cérebro troca (momentaneamente) os balões do cotidiano pelas lanternas do romanesco. É o nosso primeiro *estado* de leitor, comum a todos. Delicioso. (PENNAC, 2008, p. 141, grifo do autor).

Respeitados esses direitos, o leitor, da mesma forma, passa a respeitar e a valorizar a leitura. Está criado, então, um vínculo indissociável. A leitura passa a ser um ímã que atrai e prende o leitor, numa relação de amor da qual ele, por sua vez, não deseja desprender-se, uma fome voraz.

Apesar de os copesquisadores terem citado as revistas em quadrinhos durante a oficina de negociação, ao se apresentarem, percebo que a leitura está associada, no pensamento deles, à materialidade do livro, à sua potência: “a fome de ler livros”. Pouco ou quase nada, durante a produção de dados – não incluo aqui os relatos da oficina de negociação –, outro meio de leitura foi mencionado – coincidentemente, ao falar da fome, alguém citou os quadrinhos. Mas, por mais que eu, a facilitadora, os instigasse a pensar a leitura de um modo geral, o livro foi o objeto mais associado ao tema. Cogito que é lugar comum associar a leitura ao livro e esse, por sua vez, à intelectualidade, o que lhe confere *status* soberano frente aos demais objetos de leitura – periódicos, por exemplo. Tal prestígio passa pelas representações instituídas que inauguraram modos de pensar o livro como algo sagrado, para ser apenas contemplado. Surge em minha mente a imagem de ambientes decorados com livros como obras de arte, volumes suntuosos, coleções em prateleiras, intactas, apenas enfeites. Também instaura quem seriam os leitores – somente os doutos, os acadêmicos –, pessoas que alcançariam patamares de inteligência, pessoas próximas da escrita e da leitura formais, eruditas, instalando uma forma de ler única, homogênea, imprimindo valor a lugares, a pessoas, modelos de leitor e, conseqüentemente, de leitura.

Mais ou menos importantes, ou não, ocorre que tudo o que há no mundo é passível de ser lido. Assim como Freire (2009) defende a leitura de mundo antes da leitura da palavra, ratificada por Lajolo (2007), Manguel também a legitima:

Os leitores de livros, uma família em que eu estava entrando sem saber (sempre achamos que estamos sozinhos em cada descoberta e que cada experiência, da morte ao nascimento, é aterrorizantemente única), ampliam ou concentram uma função comum a todos nós. Ler as letras de uma página é apenas um de seus muitos disfarces. O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro

antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê os sinais de alegria, medo ou admiração; o adivinho chinês lendo as marcas antigas na carapaça de uma tartaruga; o amante lendo cegamente o corpo amado à noite, sob os lençóis; o psiquiatra ajudando pacientes a ler seus sonhos perturbadores, o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu – todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos. Algumas dessas leituras são coloridas pelo conhecimento de que a coisa lida foi criada para aquele propósito específico por outros seres humanos – a notação musical ou os sinais de trânsito, por exemplo, ou pelos deuses – o casco da tartaruga, o céu à noite. Outras pertencem ao acaso. (MANGUEL, 1997, p. 19).

Os jovens também têm ideias similares: “Apesar de você não estar lendo palavras, você também vai estar lendo tudo ao seu redor, todas as reações das pessoas, o que elas fazem, o que está acontecendo no seu dia a dia [...]”. Um bom exemplo dessa leitura de códigos não escritos está ligado ao confeto **leitor amarra noite**, que é aquele “que sai à meia-noite, sai pra se divertir na festa, em vez de pegar um livro e ler”. Para os jovens, esse tipo de leitor lê, sim. Ele faz

[...] leitura visual [...] que ele pode fazer quando ele está se divertindo [...] não só pelo fato de ele estar vendo outras coisas, mas também pela audição, por ele estar ouvindo coisas novas, aprendendo o tempo todo. Todo tipo de coisa, vendo, ouvindo, trabalhando com os cinco sentidos, ele está tocando em pessoas novas, aprendendo como é a fisionomia dela.

Assim, o pensamento do grupo associa leitura à aprendizagem, e que ela é realizada não apenas pela visão – leitura convencional –, mas ocorre também com os demais sentidos, o que proporciona ler com o corpo todo, da mesma forma que na Sociopoética pesquisar com o corpo todo

[...] significa ainda desencadear as potências criadoras das pessoas e descobrir o *imaginário* (CASTORIADIS, 1987), muitas vezes esterilizado pela rotina mortífera do cotidiano. A liberação das capacidades artísticas adormecidas é geralmente vivida pelo grupo-pesquisador como um fluxo de autolibertação muito importante, ao descobrir ou reativar suas potencialidades abafadas no dia a dia. Assim, a Sociopoética contribui para a transformação poética das pessoas – inclusive dos/as facilitadores/as –, gerando um conceito de cientificidade mais humano. (PETIT; GAUTHIER, 2013, p. 13, grifo dos autores).

O corpo também está presente na ideia de leitura com caráter de entretenimento:

Ler é, sim, uma diversão, por causa de inúmeras reações ao leitor. No caso, você pode estar lendo e estar se divertindo também, sentindo reações, sentindo sensações diferentes. Pode se divertir sim, pois ele se imagina naquela situação, sentindo e interagindo o contexto. Pode haver, sim, um **tipo de leitura na diversão**, pois aprendemos coisas novas que ficam marcadas em nossa mente.

O **leitor amarra a noite** lê naturalmente, lê sem se dar conta disso. É diferente do **leitor cabeça de cuia**, “que é aberto aos conhecimentos, tem um bom entendimento, sabe responder todas as perguntas. Quanto mais lê, mais conhecimento tem”, porque ele é o leitor da **leitura cabeça de cuia**, que é aquela que quando se lê, “vai crescendo o conhecimento, desenvolvendo-se mais com a leitura”. Ou seja, ele escolhe a leitura, conseqüentemente tem total consciência dela.

Curioso é que, quando os copesquisadores criaram o **corpo da leitura cabeça de cuia**, questionaram-se: “nem sei por que fiz o Cabeça de Cuia”. A escola Severiano Sousa, palco desta pesquisa, está situada à zona norte de Teresina, a região na qual a cidade teve início, às margens do rio Poty, próximo à sua confluência com o rio Parnaíba, que fica a cerca de um quilômetro da escola. Região de pescadores e em que a presença de lavadeiras ainda é uma constante, embora timidamente. A lenda do Cabeça de Cuia<sup>12</sup> está, assim, em seu berço. Os jovens que compõem o grupo-pesquisador moram neste entorno.

A tradição oral – relatos, causos, contos populares, parlendas, adivinhas, trava-línguas, cantigas de rodas, entre outros –, sempre estiveram presentes no imaginário social. Esses textos, resultantes de narrativas orais, caracterizam-se pela sua difusão através da oralidade e, recuperados pela memória, adquirem a função de encantar, de divertir, de entreter e de cultivar valores. Pennac (2008, p. 68) defende que “[...] o culto do livro passa pela tradição oral [...]”, na qual predomina linguagem despojada de ornamentos, com vocábulos simples, de fácil compreensão e memorização. Ouvir as histórias, com narrativas articuladas, por mais simples que sejam, histórias com começo, meio e fim, com dispositivos que despertam o sensorial como a entonação, os gestos, para melhor se exprimir. Pennac cita Thomas Mann:

Sem sombra de dúvida, as horas passadas no escritório de meu pai estimulavam não somente nossa imaginação, como também nossa curiosidade. Uma vez provados o encanto sedutor da grande literatura e o

<sup>12</sup> A lenda do Cabeça de Cuia, piauiense, de Teresina, mais especificamente, é tão significativa que tem um dia para ser lembrada, que é a última sexta-feira do mês de abril, instituída pela Prefeitura de Teresina, em 2003. Há muitas versões da lenda. O portal cabecadecuia.com (<http://www.cabecadecuia.com/a-lenda-do-cabeca-de-cuia.html>) traz o que seria a versão mais aproximada da original.

reconforto que ela nos oferece, gostaríamos de conhecer sempre mais – outras histórias ridículas e parábolas cheias de sabedoria, contos de múltiplas significações e estranhas aventuras. E é assim que se começa a ler por si mesmo. (MANN apud PENNAC, 2008, p. 70).

Entendo, como Mann, que a tradição oral desperta no ouvinte o desejo de conhecer outras histórias, ou até versões da mesma história, que serão lidas com o mesmo imaginário das histórias ouvidas. Para Certeau, o prazer de contar histórias exercita a arte de pensar, o que vai favorecer o ouvinte quando ele se tornar leitor:

Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um escrito afina, precisa ou corrige. Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral, inumerável ‘autoridade’ que os textos não citam quase nunca. Tudo se passa, portanto, como se a construção de significações, que tem por forma uma expectativa (esperar por algo) ou uma antecipação (fazer hipóteses) ligada à uma transmissão oral, fosse o bloco inicial que a decodificação dos materiais gráficos esculpia progressivamente, invalidava, verificava, detalhava para dar lugar a diversas leituras. (CERTEAU, 2011, p. 240).

Ao se depararem com os livros, eles já vêm de um estímulo criativo muito grande – como um treino –, que os leva a imaginar outras coisas a partir da leitura, o que só é possível com um corpo potente, coadunando com o grupo-pesquisador, que associou as esculturas do “Passarinho” e do “Cabeça de Cuia” como a possibilidade “de iniciar novos voos, para alcançar grandes alturas proporcionadas pela imaginação”. Aliás, para os jovens, o “**Passarinho coisa imaginária da leitura** é a leitura que voa para o mundo da imaginação, quando a gente lê vai para outro lugar, porque pode tudo, tem liberdade total na leitura”. Fez-me lembrar do Manoel de Barros (2010, p. 349): “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”.

No entanto, para além daquilo que apresento, em parte, como memória das histórias orais ou como identidade, que não é objeto deste trabalho, a **Leitura Cabeça de Cuia** adquire nuances de devir, movimento de desterritorialização que gera outros modos de pensar a leitura. Acredito que o Cabeça de Cuia, retirado do contexto de suas vidas, deu um sentido inesperado à leitura, não “como” o cabeça de cuia, comparativo ou metafórico – sob a égide da dimensão maquínica, que, segundo Petit e Adad (2013), é “[...] muito socioanalítica, não raramente trazida por analisadores que fazem emergir o inconsciente institucional que nos perpassa [...]” e que leva o grupo a ler “[...] seu próprio invisível”, suas práticas, suas vidas –, mas criando um sentido novo para leitura, um híbrido que produziu algo entre dois planos diferentes, que potencializou a criação das formas de pensar a **leitura cabeça de cuia** – são

várias as leituras provenientes desse confeto –, que, inclusive, possui leitores diversos. A **leitura cabeça de cuia** adquire nuances de devir, movimento de desterritorialização do contexto identitário local, gerando conceitos transversais, heterogêneos e complementares, inaugurando outros modos de pensar a leitura, formas que dão potência ao corpo leitor:

**Leitura livro aberto** é aquela que abre novos caminhos, porque ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo!

**Leitor criatividade** é aquele que ao ler um livro, ele cria e imagina outras coisas. Ele pode criar.

**Leitura mundo diferente** é uma busca diferente pelo propósito de tentar fazer o que se acha, o que se está pensando: o que é que vai acontecer depois quando a gente está lendo.

**Leitura coisa imaginária** em que a gente toca não no físico, não no palpável, a gente toca numa coisa imaginária, por exemplo, eu nunca consegui tocar na juba do leão Aslam, das Crônicas de Nárnia, mas eu sinto como se tocasse. [...] que faz a gente deslizar e interagir por dentro, que faz uso da imaginação, tocando sem tocar, pegando mais conhecimento do que o autor quer passar!

Para os jovens, a **leitura cabeça de cuia** faz o **leitor cabeça de cuia** interagir com o texto, fazendo-o querer ler mais e mais o texto, provocando reações em cadeia em forma de emoções das mais diversas, “[...] como um sorriso, uma tristeza, um ódio, uma vontade de matar, uma comoção, um amor [...]”, o que só vai depender da sua interpretação:

[...] Se interpretar de uma forma divertida, pode ser uma diversão. Muita gente não consegue interpretar como uma forma divertida, mas como uma forma buscando uma resposta para algum problema, eu acho que aí, nesse caso, não pode haver uma diversão. Em relação ao leitor cabeça de cuia, eu acho que ele se diverte ao ler, porque como foi dito, ele usa a imaginação, tem interação dentro de si.

Esse confeto potente, **leitura cabeça de cuia**, dilui as hierarquias, produz o **devir cabeça de cuia** porque reinventa a força do autor não por ele ser um “cabeção”, alguém mais inteligente do que os outros: “Quando um leitor busca um livro, é isso o que ele procura, conexão principalmente com o personagem, nem tanto com o autor. [...] o efeito dessa potência faz com que o leitor se conecte com a leitura”.

A dessacralização da hierarquia autor-leitor foi levantada a partir do confeto **corpo estranhozinho três cérebros da leitura**:

[...] que é a leitura que faz a conexão entre o teu cérebro, o do personagem e do autor, demonstrando a conexão do leitor com a história do livro e do autor, pois a partir do momento que se pega um livro pra ler, se viaja na imaginação de outra pessoa com o cérebro mais complexo que o teu, que foi capaz de inventar uma história que te fizesse imaginar ou formar uma imagem na cabeça, por isso, os três cérebros conectados uns nos outros.

Chartier (1999) enfatiza a distância entre o sentido atribuído pelo autor e por seus leitores. Para o historiador, o mesmo material escrito, encenado ou lido não tem significado coincidente para as diferentes pessoas que dele se apropriam. Uma só obra tem inúmeras possibilidades de interpretação, dependendo, entre outras coisas, do suporte, da época e da comunidade em que circula.

Os copesquisadores debateram a horizontalidade do livro:

[...] o autor [...] inventa textos dos quais fazem muitas pessoas viajarem em novas sensações, em novas experiências. No caso, ele pode fazer um texto no qual, digamos, uma pessoa imagina uma cena triste, uma cena emocionante, outras uma cena assim, coisa chata, por exemplo. Aí por outra parte o leitor, porque ele transforma literalmente tudo aquilo que o autor quis mandar para ele, tipo, ele cria uma nova ideia da leitura, um novo objetivo para aquele texto. Ou seja, é uma balança bem equilibrada, porque sem o leitor, completamente não iria existir o autor, os dois são bem importantes, mas o autor sempre vai pesar mais, pelo fato de ele tentar transmitir uma ideia para poder existir o leitor, para que a pessoa leia e descubra alguma coisa, para que o leitor compreenda o que o autor quer mostrar, porque dependendo do que o autor escreve, o leitor tem realmente que pensar. O autor lança um desafio para quem vai ler o livro dele, tentar interpretar o que ele quer passar em uma história, lançar um personagem que realmente cativa o leitor.

Chartier (1990, p. 122-123) defende, ainda, que

A leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos ‘fazedores de livros’, por isso, ao ler, cada um faz uma relação interna, com seus conhecimentos prévios sobre o assunto, suas expectativas e finalidades da leitura.

Para Foucault (2010), as sociedades concebem procedimentos para executar o comando sobre as práticas discursivas, e o autor estaria entre eles. Em seu entender, seriam três os tipos desses procedimentos: os externos, que têm por função domar o poder que têm os discursos; os internos, que existem para submeter o acaso e o acontecimento dos discursos, isto é, para submeter ao seu caráter contingencial; e um último tipo de procedimento que visa impor regras àqueles que pronunciam um discurso, de modo a evitar que qualquer um possa ter acesso a ele. Foucault destaca o autor entre os procedimentos internos, justamente o que estaria incumbido de limitar o acaso do discurso “[...] pelo jogo de uma *identidade* que tem a forma da *individualidade* e do eu.” (FOUCAULT, 2010, p. 29, grifos do autor).

Penso na questão da interpretação do texto, de como os livros didáticos, os testes de concursos – em especial o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)<sup>13</sup>, por sua proximidade com esses jovens, que estão encerrando essa etapa da vida escolar –, exigem a compreensão de textos com exatidão, como se o texto tivesse uma verdade, ou, como diz Foucault (2010, p. 15), uma “[...] vontade de verdade [...] tipo de separação [...] sistema de exclusão”.

O que importa é viver a leitura, perceber o que se alcança assimilar, o deixa-se afetar. Da forma como é posta, descobrir, adivinhar o que o autor quer passar, impossibilita que o texto se multiplique. Os exercícios de interpretação cobram “a verdade” do texto, postulam aquilo que o autor quis passar, impedindo o **deslizar na leitura**, frustrando a liberdade do pensamento.

Essa relação autor-texto-leitor é tema recorrente em diversos estudos sobre leitura. Nesta pesquisa, surge um elo significativo nesse vínculo, o personagem:

**Corpo estranhozinho três cérebros da leitura**, ele faz uma conexão do personagem, do autor e do leitor. Quando um leitor busca um livro, é isso o que ele procura, conexão principalmente com o personagem, nem tanto com o autor. [...] o efeito dessa potência faz com que o leitor se conecte com a leitura. O autor lança um desafio para quem vai ler o livro dele, tentar interpretar o que ele quer passar em uma história, lançar um personagem que realmente cativa o leitor. Então, assim, pra você descobrir algo novo, vá lá, abra um livro, interaja, se coloque no personagem. E o que abre a **porta da literatura** são as mais diversas formas de personagem.

Personagens são instigantes. Aqui, neste trabalho, quantos personagens passaram? Alice, Firuli, Riobaldo, Yambo, Funes, Jorge de Burgos, Jeca Tatu, Aslam, Rapunzel, Cabeça de Cuia... Não é por acaso que tantos livros de ficção têm como título o nome do protagonista. Dizer que os personagens são a alma da história é muito óbvio, mas é fato. Com raras exceções, um livro de ficção não é nada sem figuras interessantes. Qual é a graça de ler sem se apegar àquelas criaturas que você adoraria ter em carne e osso na sua vida? A exemplo disso, os copesquisadores anunciam: “[...] eu nunca consegui tocar na juba do leão Aslam, das Crônicas de Nárnia, mas eu sinto como se tocasse [...]”.

Personagens podem se transformar em ídolos. Quantos fãs de Sherlock Holmes estão espalhados pelo mundo? Ele é mais conhecido que seu autor: “Elementar, meu caro Watson”! Na minha adolescência, li todos os livros da Ágatha Christie que estiveram à mão. Mas os meus preferidos eram aqueles que traziam o detetive Poirot. Tenho um sobrinho que está

---

<sup>13</sup> Prova realizada pelo Ministério da Educação do Brasil, utilizada para avaliar a qualidade do ensino médio no país, cujo resultado serve para acesso ao ensino superior em universidades públicas brasileiras através do Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

reproduzindo isso, e ao pegar um dos meus livros, dessa autora, pergunta: “É com o Poirot, tia?”.

Achei curiosa uma campanha publicitária de uma rede de livrarias israelense<sup>14</sup> que se propôs a ajudar as pessoas a dormir com seus personagens literários favoritos: os anúncios mostram leitores dormindo ao lado de famosos personagens literários – Dom Quixote é um deles –, os quais, literalmente, fazem-lhes companhia. A campanha estimula o hábito de ler, não simplesmente pelo prazer da leitura, mas pela certeza de que, na literatura, é possível sempre estar acompanhado.

Considero que os jovens são frutos de uma época em que os personagens se sobrepõem às narrativas, como os fenômenos **Harry Potter** e os vampiros da saga **Crepúsculo**. E mais: lembro que certa vez li uma matéria sobre a síndrome de Pollyana, fujo um pouco daqui e corro ao Google, para descobrir que há outros transtornos com nomes inspirados em personagens da literatura, que envolvem Peter Pan, Alice, Otelo, Huckleberry Finn, Rapunzel, Dorian Gray<sup>15</sup>.

Lembro-me, mais uma vez, do folclórico Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, personagem que encarna o possível e necessário progresso que fará do caboclo miserável e degenerado um cidadão são, instruído e útil, retirado do livro **Urupês** para as campanhas de saúde pública nos anos 1920, como modelo a ser seguido pelos habitantes da zona rural brasileira.

Personagens que fixam, histórias que marcam, que produzem o que grupo-pesquisador cunhou de **leitor livro na mente**, que é aquele que

[...] mesmo passando por uma fase que praticamente seus olhos fiquem às escuras, se já leu o livro, vai ter ele na mente, e vai identificá-lo quando alguém der algum fato, alguma palavrinha, e vai reconhecer aquele livro de qualquer jeito. Mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre, e pronto. Um dos efeitos da **leitura livro na mente**, em alguns leitores, acontece quando se lê um livro, se ele toca mesmo, as informações ficam guardadas no cérebro, e quando lembra alguma coisa que é referente ao livro, que causou emoção, que provocou reações, se foi um livro romântico e fez chorar, ao lembrar dele, acaba chorando de novo.

Na contra-análise, o grupo ampliou o confeto **leitor livro na mente**, que não retém a obra involuntariamente, mas que provoca a fixação na memória: “[...] a partir do momento em que a gente pega um livro para ler, a gente tem que buscar alguma coisa que fique dentro da

<sup>14</sup><http://litteratortura.com/2013/08/rede-de-livrarias-ajuda-voce-a-dormir-com-seus-personagens-literarios-favoritos/>

<sup>15</sup><http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/6-transtornos-com-nomes-inspirados-em-personagens-da-literatura/>

gente naquela leitura [...]”. Larrosa (2010, p. 109) afirma que “[...] a atividade da leitura é descrita como um tomar [...]”, comparando o leitor a um ladrão, que carrega os acontecimentos do livro para si:

A etimologia de ler, como recorda Heidegger, remete a recolher, a colher, a colecionar, a coletar. Leitura, *letio*, lição e também, e-leição, se-leção, coleção, co-lheita. [...] E, além disso, como indica o alemão *lesen*, um coletar ou um re-coletar, um colher, ou um re-colher [...]. (LARROSA, 2010, p. 110, grifos do autor).

Desse modo, para Larrosa, o leitor seleciona, elege, coleta e recolhe para si; e, ao mesmo tempo em que se apropria do que lê, que toma o que lê como um ladrão, também rateia, divide, propaga. E o grupo-pesquisador ratifica isso:

[...] porque é assim, quando eu pego um livro e leio e gosto, eu já leio ele várias vezes, eu fico lendo, lendo, lendo. Ainda tem que ligar para as amigas e contar o que está lendo. É tipo assim, "menina, eu li um livro... excelente... que tu precisa ler. [...] O livro é muito bom, nossa".

Uma convocação, um convite para a leitura, forma uma congregação de leitores. Larrosa chama a esse processo de leitura na amizade:

Ler com os outros: expor os signos no heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos. [...] Por isso, a amizade de *ler com* implica-se na amizade de *aprender com*, no se em-con-trar do aprender. [...] Ler não é o instrumento ou acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender [...] não como uma doutrina a ser assimilada [mas] como uma abertura para o múltiplo [...] uma comunidade que não é a do consenso mas, sim, a da amizade. (LARROSA, 2010, p. 143-144, grifos do autor).

Apesar de a leitura ser, geralmente, um ato solitário, o grupo-pesquisador mostra que quando o leitor lê algo que o empolga, o desejo passa a ser o de compartilhar daquela descoberta, porque “A amizade da leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção e ver coisas diferentes.” (LARROSA, 2010, p. 145). Isso pode ser efeito do confeto **coração da leitura livro aberto**: “[...] todos sentimentos de bom que a leitura tem, como quando a pessoa vai ler um livro, sentimentos de alegria, de emoção, de amor, carinho, proporcionando um caminho de felicidade, paz e liberdade, porque além de ter conhecimento, você também vai se utilizar dessa leitura em algum momento da sua vida para poder adquirir alguma coisa”. E o que o grupo-pesquisador pensa mais sobre isso?

Tem livros que podem me fazer chorar, sorrir, ficar com raiva ou com pena, com vontade de estrangular alguém, com vontade de ajudar e até socorrer os personagens, mas, principalmente, sou aquele leitor que fica com fome, principalmente, quando lê um livro de culinária. É tão bom. Nossa, é uma sensação única quando você está lendo, você, literalmente, sente o gosto daquele prato na sua boca. Pronto! Só que, assim, eu gosto de ler um livro que não fique só na mente, mas também no coração.

Sou um **leitor livro na mente**, porque eu não esqueço realmente de um livro quando eu leio pro resto da vida. Até hoje eu lembro de livros que eu li há muito tempo, e quando eu vir uma situação que me venha a lembrar do livro, realmente eu não vou esquecer. E também eu gosto de ler porque eu sou um leitor livro na mente, eu consigo sentir o que o livro quer passar, o sentimento que o livro me faz distrair.

Sobre os **leitores livro na mente**, todos nós temos, a partir do momento em que a gente pega um livro para ler, a gente tem que buscar alguma coisa que fique dentro da gente naquela leitura. Eu, particularmente, gosto muito de livro de motivação, que é o que mais fica geralmente, que a gente vai ler, fica muita coisa na cabeça da gente que motiva a gente no dia a dia.

Todos esses sentimentos são ratificados por Larrosa (2010, p. 145):

A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto, e dizê-lo. Mas para que essa liberdade seja possível, é preciso entregar-se ao texto, deixar-se inquietar por ele e perder-se nele. [...] Porque a palavra que se toma não se toma porque se sabe, mas porque se quer, porque se deseja, porque se ama.

O leitor pertence à leitura, na amizade e na liberdade. E há outro sentimento recorrente na produção dos dados pelos copesquisadores: a confiança. Todas essas sensações fazem com que o corpo-leitor dos jovens se torne potente para sobrepujar as **dificuldades que atrapalham e/ou impedem a leitura**, linha que será analisada a seguir.

O leitor corre riscos com a leitura de livro? Coloquei que sim, porque as pessoas têm opiniões diferentes. No caso, o livro pode estar passando uma opinião que seja diferente da sua e você vir a mudar sua opinião talvez por causa do livro ou sofrer algumas alterações na opinião, eu acho que os riscos que pode ter é de não gostar do que o livro está transmitindo, ter uma expectativa falhada do que tem lá pode gostar ou não, sentindo as palavras ou nem se interessar por ela, esses são os riscos que ele pode correr. [...] o leitor descobre coisas novas, sensações e emoções diferentes, ele cria a sua própria opinião sobre aquele determinado assunto, e também sente vontade de continuar lendo cada vez mais, querendo assim se aprofundar naquele assunto, o leitor, quando ele abre um livro e lê, do mesmo jeito que ele corre os riscos, ele pode gostar do livro, pode adquirir conhecimentos novos. Só coisa boa. No caso, ele vai abrir e ler o livro, se ele só abrisse, eu acho que não aconteceria nada.

## 5.2 As cegueiras que atrapalham e/ou impedem a leitura

Diego não conhecia o mar.  
 O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.  
 Viajaram para o sul.  
 Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.  
 Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.  
 E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejou, pedindo ao pai:  
 – Me ajuda a olhar!

(Eduardo Galeano)

Diego enxergava o mar, mas entendeu que não bastava simplesmente ver por ver. Tinha de ir mais além, tomar o mar para si, fazê-lo seu a partir do olhar. Se o modo de ver o mar não fosse preciso, a imensidão se perderia e a sensação de Diego seria de cegueira. Para o grupo-pesquisador, o mesmo ocorre com a **cegueira da leitura**. Durante o processo de produção dos dados, os jovens vivenciaram a cegueira, o que lhes provocou estranhamento e os levou a ficar:

[...] procurando, se interessando, caçando algo novo pra fazer, ficando curiosos. Procurando, por exemplo, não julgar o livro pela capa, sem conhecer bem, porque isso mostra uma dificuldade, uma cegueira, quando se acha a capa feia, quando não se lê antes a síntese atrás do livro.

Na contra-análise, ao serem questionados sobre que cegueiras atrapalham a leitura, os jovens expuseram as ideias:

O ato de julgar o livro pela capa, pois as pessoas hoje em dia, elas olham para o livro assim, “não gostei dessa capa, então eu não vou ler”. A maioria tem esse pensamento, a pessoa julga antes de conhecer o que tem dentro de um livro. E também a preguiça de ler. Muitas pessoas, como eu também um pouquinho, tem preguiça de ler, tipo, pode até começar a ler, mas aí ela não acha a história no começo interessante, aí vai, para e nunca mais lê. Tem mais uma coisa, mais um fato. Também uma dificuldade na leitura é, tipo, eu estou procurando um livro específico que eu vi falar na internet, que eu gostei pra caramba, mas a maioria das bibliotecas de hoje em dia não tem esse livro, aí fica difícil de eu procurar um meio de ler. Ou eu baixo ele na internet ou eu compro em outros lugares também pela internet, porque esse é o único jeito. Essa é uma dificuldade grande, a dificuldade de achar o livro.

Essa pergunta eu não consegui uma resposta, porque eu não concordei muito com ela não. Eu acho que não tem cegueiras, eu acho que talvez ver demais e não buscar, não aceitar o que realmente tem no livro. No caso, você esperar ver uma capa extraordinariamente bem trabalhada, só que aí no caso você vê uma capa simples, você não vai ver o que realmente o conteúdo quer passar. Então, você sempre busca ver demais, independente de qualquer livro,

uma capa tem que ser bem perfeita, a síntese tem que ser bem trabalhada, bem detalhada. Eu acho que no caso não era uma cegueira, era ver demais, ver algo além.

Quantas cegueiras! O ato de julgar o livro pela capa foi a primeira citada. Lembrome do dito popular: “a primeira impressão é a que fica”. E os jovens rebatem isso, afirmando que a cegueira, na verdade, é a expectativa por querer “ver demais”, é só se aventurar na leitura se a capa for atraente, por exemplo. Para eles, não pode ser assim, não se pode querer sempre algo que impressione. Se fosse sempre assim, possivelmente, não teria havido leitores antes das primeiras capas surgirem na história do livro, ou até mesmo nos primeiros anos de sua aparição – no século V d.C e com a função específica de proteger as obras. Manguel (2013), em seu artigo **Breve história das capas**<sup>16</sup>, acredita que muita gente já comprou um livro pela capa.

Hoje, a sedução através das capas também está presente nas revistas ou nos encartes de jornais destinados ao público juvenil, uma espécie de enigma iconográfico a ser desvendado pelo leitor. Embora não deva ser o fator mais importante na escolha de uma obra, de fato, a capa pode ser instigante. Além do atrativo visual, deve mostrar, da maneira mais interessante, a sinopse, para que o leitor se identifique com ela, tenha a percepção do conteúdo da obra, sentindo-se convidado ao envolvimento.

Parafraseando Drummond, há pedras no caminho da leitura, uma em cima da outra, a **Porta coisa pré-histórica da leitura livro fechado:**

[...] que impede a entrada e que não se vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro e é aí que não vai ler mesmo, a não ser pela capa, e que só vai saber o que tem dentro se ler, e, se ler, vira **leitura negócios de pré-história**, que é a leitura na qual se fica na curiosidade por que não se entende, e que vai ter que socar até entender.

As reações acerca dessa dificuldade são apontadas pelo grupo-pesquisador:

A primeira sensação é desistir, “ah, está fechado”. Mas persistindo, pois sei que atrás daquela porta eu sei que eu vou encontrar uma coisa que possa, tipo se identificar comigo. Então assim, eu vou abrir essa porta, porque eu sei que eu vou achar uma coisa lá e eu vou ver. A linguagem dos livros é uma dificuldade, dá curiosidade de uma certa palavra, aí tem que buscar encontrar para dar continuidade na leitura. Primeiro vem a curiosidade, depois o corpo consegue buscar uma resposta para essa curiosidade, alguma resposta oculta em algum lugar que eu posso descobrir através da minha curiosidade. Aí acabo dando um jeito e pesquisando, por exemplo, se é alguma palavra que eu não conheço, eu vou pesquisar, internet, em outros livros, se há alguma frase que eu não entendo em uma linguagem, digamos, culta, eu me informo com outras pessoas que têm mais entendimento que eu, uma hora eu consigo descobrir o que é aquilo. Mas, a porta da leitura não é fechada e nem tem

<sup>16</sup> Título original: **Breve historia de las cubiertas**, tradução do <http://translate.google.com.br/> Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2011/01/15/babelia/1295053965\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2011/01/15/babelia/1295053965_850215.html)>.

pedras, eu acho que a gente realmente que coloca dificuldade, que coloca essas pedras diante da leitura. Porque se a pessoa for com força de vontade, quando quer, pode tirar essas pedras da porta, abrir e entrar no mundo da leitura, ou melhor, não existem nem pedras e nem é fechada, é sempre aberta.

“A linguagem dos livros é uma dificuldade”. A linguagem dos clássicos da Literatura está distante da contemporaneidade e da realidade vivida pelos jovens, fazendo com que a atividade de leitura desses esteja associada a um esforço, o que leva à indolência, que será debatida mais adiante. As palavras arcaicas, fora do tempo, são, então, as pedras. Elas provocam o medo de não ter compreendido, com precisão, a tal “verdade do autor”, já discutida anteriormente, e causam intranquilidade quando da reprodução, da explicação sobre o que foi lido:

[...] É mais uma dificuldade em vez de medo, tipo, a pessoa tem dificuldade de entender aquele determinado assunto e fica com medo de errar na leitura. O medo seria, então, a não compreensão do que lê. [...] Por exemplo, a professora sempre passava uns livrinhos pra gente ler e explicar depois, aí se a gente não entendesse e fosse explicar lá, como seria? Um medo horrível lá na frente de explicar e explicar errado e ainda ser questionado.

[...] a pessoa saber ler, sabe, mas é uma dificuldade compreender o que está escrito lá, tipo, você pode ter sido criado como uma pessoa de linguagem culta e, de repente, aparece um texto lá só com gírias e tudo mais. Essa pessoa não vai compreender nada que está no texto, é a dificuldade de compreender o que está escrito. [...] e a dificuldade de interpretar o texto.

O poder de transpor tal dificuldade e que potencializa o corpo nasce do desejo, que faz “socar”, persistir até entender. O socar da leitura é uma ação dentro de outra ação, que no caso é o ato de ler. Socar é mais do que ler, é insistir, não desistir, até entender. Os jovens apontam outras possibilidades para atravessar a **porta**:

Procurando fatos que se identifiquem com você. Se tiver coisas, tipo, que você se interessa por elas, você vai caber na porta dele e você vai se interessar e vai ler logo tudinho de uma vez. **E vai entrar pela porta da leitura, não vai ficar só na porta, vai passar para dentro.** [...] Ou interpretando a porta. Dependendo da forma, se ela for pequena, você interpretar ela, por causa da leitura você vai conseguir ficar pequeno. Se ela for estreita, se você conseguir interpretar ela, você vai entrar.

O desejo vai servir como tônico para tornar possível a sua entrada nas várias situações de leitura. A um só tempo, o jovem pode e não pode, cresce e não cresce. E eis que Alice surge, mais uma vez:

*Alice* assim como *Do outro lado do espelho* tratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo ‘Alice cresce’, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por

isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ela *se torna* um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. (DELEUZE, 1998, p. 1, grifos do autor).

Ou seja, o desejo vai criar condições para fazer entrar no mundo da leitura, mudar do estado de insegurança, eliminando a dúvida, descobrindo se cabe ou não na porta. Mas há empecilhos para o desejo, e um deles é a preguiça, apontada pelos jovens.

Etimologicamente, preguiça significa aversão ao trabalho. Quando o grupo-pesquisador fala desse entrave, coloca a leitura como algo que exija esforço, consumo de energia. Assim, o ato de ler não é visto como algo prazeroso. Essa visão reitera os dados da terceira edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>17</sup>, que revela a queda do apreço do brasileiro pela leitura como *hobby*. Em 2007, ler era a quarta atividade mais apreciada no tempo livre; quatro anos depois, o hábito caiu para sétimo lugar. Antes, 36% declaravam enxergar a leitura como forma de lazer, parcela reduzida a 28%. À frente dos livros, apareceram na sondagem: assistir à TV (85%, em 2011; 77%, em 2007), escutar música ou rádio (52%; 54%), **descansar** (51%; 50%), reunir-se com amigos e família (44%; 31%), assistir a vídeos/filmes em DVD (38%; 29%) e sair com amigos (34%; 33%).

Para o grupo-pesquisador, a apatia provoca o nojo da leitura:

[...] é não ter a vontade de ler nada por achar chato, às vezes até entediante. E pura preguiça. [...] a pessoa ler o livro e não gostar do livro e não terminar de ler, aí ficou com nojo daquela leitura, não gostou daquela leitura. Então, no caso, o nojo é não ter gostado do que leu.

Pennac (2008) defende que mesmo os leitores mais vorazes se concedem, vez por outra, o direito de não ler. Mas, muito mais que isso, para o autor:

Estamos cercados de uma quantidade de pessoas respeitáveis, às vezes diplomadas, às vezes “einentes” – entre os quais alguns possuem mesmo belas bibliotecas – mas que não lêem, ou lêem tão pouco que não nos viria jamais a idéia de lhes oferecer um livro. Eles não lêem. Seja porque não sintam necessidade, seja porque tenham coisas demais pra fazer (o que dá no mesmo), seja porque alimentem um outro amor e o vivenciem de maneira

<sup>17</sup> Realizada entre 11 de junho e 3 de julho de 2011. Foram entrevistadas 5.012 pessoas, com idade superior a cinco anos, em 315 municípios do país, com margem de erro de 1,4 ponto percentual.

absolutamente exclusiva. Enfim, essa gente não gosta de ler. Nem por isso eles são menos freqüentáveis, são mesmo muito agradáveis de se freqüentar. Eles são tão “humanos” quanto nós, perfeitamente sensíveis às desgraças do mundo, atentos aos “direitos humanos” e preocupados em respeitá-los dentro da sua esfera de influência pessoal, o que já é muito. Mas eles não lêem. Direito deles. (PENNAC, 2008, p. 129-130).

O autor também intervém a favor do direito de não terminar um livro, pois, como falou o copesquisador, o leitor pode “até começar a ler, mas aí ela não acha a história, no começo, interessante, aí vai, para e nunca mais lê”.

Existem trinta e seis mil razões para se abandonar um livro antes do fim: o sentimento do “já lido”, uma história que não nos prende, nossa desaprovação total pelas teses do autor, um estilo que nos deixa de cabelo em pé, ou ao contrário, uma ausência de narrativa que não compensa ir mais longe... [...] No entanto, entre nossas razões para abandonar uma leitura existe uma que merece que nos detenhamos um pouco: o sentimento vago de *perda*. Abri, li e cedo me senti submerso por qualquer coisa mais forte do que eu. Reuni meus neurônios, discuti com o texto, mas não adianta, fico com o belo sentimento de que o que está escrito merece ser lido, mas não pego nada – ou tão pouco que é mesmo que nada –, sinto ali um “estranhamento” que não me prende. (PENNAC, 2008, p. 135, grifos do autor).

Comumente, os estudantes são cobrados pelos pais e pelos professores por não gostarem de ler. Tais cobradores, assíduos e renitentes, leem com que frequência? Então, como incentivar o gosto pela leitura, e daí chegar ao hábito, se não há o exemplo? Será que não foram eles também vítimas do imperativo? Será que não há um círculo vicioso que transforma a leitura em castigo, em sacrifício? Um copesquisador acredita que “diante da dificuldade da preguiça, se tiver um apoio como o da Márcia e da Amanda [colegas de classe e copesquisadoras nesta investigação] que elas sempre me dão, é enfrentar e dar um jeito de ler”. Sinaliza que, para os jovens, as orientações da leitura como prazer funcionam melhor vinda de seus pares, porque vista como apoio e não como pressão ocorrida por meio das imposições exercidas por quem, em tese, possui poder sobre eles e lhes direcionam ao dever de ler. Além disso, os copesquisadores acreditam que

[...] só tendo confiança é que se cria vontade de ler um livro, ou seja, se o leitor não tiver confiança em si mesmo que ele vai gostar do livro, ele não vai criar uma vontade de ler, por exemplo. Confiança é a base de tudo, então, para ler um livro, é preciso você ter confiança. Eu acho que a confiança precisa partir dele para ele chegar até o final, não só abrir, no caso, ler as primeiras páginas, ele tem que adquirir confiança até o final a partir do que o autor pode passar para ele [...].

Outra cegueira da leitura, citada pelos jovens, está relacionada à falta de acesso a determinadas obras. A questão levantada pelo grupo-pesquisador é a de que alguns volumes não são encontrados nas bibliotecas, possivelmente os mais recentes, que figuram em listas de *bestsellers* – como o polêmico **Código Da Vinci**, por exemplo, que vendeu mais de 80 milhões de cópias no mundo –, e que, segundo os jovens, às vezes têm que ser comprados pela internet porque não são obtidos sequer nas livrarias locais. Essa ideia denota que além da escassez de bibliotecas e da carência enfrentadas por essas, há uma grande defasagem em relação às publicações, ou seja, as bibliotecas públicas não acompanham o mercado editorial. Menos ainda as escolares, cujo acervo é composto, de modo geral, por clássicos da literatura e por livros didáticos. A solução para o problema, de acordo com os jovens, é recorrer à *web*, ferramenta que universaliza as ideias, promove o intercâmbio de culturas e proporciona o acesso a leituras antes inatingíveis.

De todo modo, apesar de mercadológicos, vale a pena que leiam esses livros, que dialogam com o jovem, ou porque imitam a velocidade dos filmes e séries de televisão, ou porque abordam temas do universo juvenil – ação, suspense, romance, aventura, todos os ingredientes em uma mesma obra. Um problema, talvez, resida no contato único e exclusivo com esse tipo de leitura. Por outro lado, o interesse dos jovens por um determinado fenômeno em vendas pode ser utilizado no incentivo a outras leituras de mesma natureza, apresentando-lhes obras que sejam clássicas e que tenham os mesmos elementos. Por exemplo, se os jovens gostam de histórias de suspense e terror, como a saga **Crepúsculo**, os contos de Edgar Allan Poe, criador do gênero, podem também atraí-los.

*Bestsellers* em formato *e-books*. Há quem tema pelo desaparecimento do livro impresso devido à popularização dos *e-books*. Para Chartier (1999, p. 71), essa é uma ideia equivocada: “A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado”. Diferentes veículos para reprodução de informação, dentre os quais, o eletrônico, possuem modos distintos de configuração do texto, peculiaridades para a sua exploração, conseqüentemente, formas diversas de interação com o leitor.

Todas essas cegueiras, para os jovens, podem ser superadas: “Talvez a **deficiência visual da leitura** seja uma deficiência que nós temos em relação à outra atividade. E também saber que a leitura pode não ser perfeita, que nós também não precisamos ser perfeitos”.



## 6 Páginas Interativas: final aberto

“A palavra  
 é uma roupa que a gente veste  
 uns gostam de palavras curtas  
 outros usam roupa em excesso  
 existem os que jogam palavra fora  
 pior são os que usam em desalinho  
 cores brigando, substantivos em luta  
 alguns usam palavras raras  
 poucos ostentam palavras caras  
 tem quem nunca troca  
 tem quem usa a dos outros  
 a maioria não sabe o que veste  
 alguns sabem e fingem que não  
 uns nunca usam a roupa certa pra ocasião  
 tem os que se ajeitam bem com poucas peças  
 outros se enrolam em um vocabulário de muitas  
 eu adoro usar palavra limpa  
 tem gente que estraga tudo que usa  
 com quais palavras você se despe?”.  
 (Viviane Mosé)

Há quem pense, dada a minha intimidade com as letras, que as palavras com as quais me dispo são fáceis, nascem prontas num instante de comunicação cósmica. Nego. Minha palavra, como a poesia, é palavra lapidada, catada, escolhida, escrutinada. Escolher a palavra exata é busca incessante, escrever é um desafio, porque me dissolve: “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida.” (DELEUZE apud GALLO, 2008, p. 5).

Palavras escolhidas a partir dos títulos: anunciar **páginas**, por essas pertencerem ao campo semântico de leitura, e para fugir um pouco à obviedade das etapas do trabalho acadêmico – introdução, desenvolvimento, conclusão... O título acima, por exemplo, é uma alusão à técnica de proporcionar ao leitor/ouvinte/espectador a oportunidade de participar da ação e de construir seu próprio final. Afinal, assim como não há a verdade do autor (capítulo 5), não existe uma precisão no pesquisador; ambos possuem limites.

Esta foi a minha primeira pesquisa empírica. Na graduação e na especialização, as pesquisas realizadas por mim foram exclusivamente bibliográficas para composição de artigos e de ensaios científicos. Então, no fazer da pesquisa e na composição deste texto, senti o peso

da minha inexperiência. Estou ciente de que esta pesquisa está em mim, e eu estou nela, pois, como afirma Adad (2012, p. 164), “[...] o cientista possui um corpo, de que ele é um sujeito encarnado e assim participa do quadro que pinta, elevando-se não somente como artista consumado, mas como obra de arte que é. [...] O sujeito encarnado participa de uma dinâmica criativa de si próprio, e do mundo no qual está em permanente intercâmbio”.

Assim, aprendi que é possível optar por escrever um trabalho acadêmico em primeira pessoa; comprovei que, como em qualquer atividade da vida, o tempo pode ser nosso amigo ou nos prejudicar – quando interesses outros tiram o foco da pesquisa, o preço a ser pago pode ser alto. No meu caso, tive de optar por analisar apenas uma das técnicas realizadas para produção dos dados, pois já não havia mais tempo disponível; testei a minha capacidade de desapego, sob o exato direcionamento da professora Rosileide Soares, quando da minha qualificação, que me sugeriu analisar apenas a técnica que havia causado mais estranhamento nos copesquisadores. Mas o maior aprendizado foi de que o potencial criador independe de idade e de, sobretudo, nível de escolaridade. Não há cercas separando o graduando do doutor. Não há muros entre o pesquisador e o pesquisado. Todos podem, todos criam, todos fazem.

Quando a palavra expõe o desejo... Uma pesquisa não surge do nada. No princípio de tudo, há um desejo. As implicações que me levaram a produzir este trabalho, apresentadas no capítulo introdutório, levaram-me a inquietações e, conseqüentemente, à busca por respostas. A partir daí, começou a caminhada da pesquisa. No meu caso, por estradas sinuosas, desertas ou sem saída – várias possibilidades descartadas –, e que forçaram mudança de rota, para me perder e me achar, em um acaso significativo que me trouxe como palco um espaço onde há a afirmação da leitura: o Colégio Estadual Severiano Sousa me proporcionou um encontro ímpar, com jovens dispostos a pensar a temática a partir da arte e do afeto, em que a Sociopoética foi meu oásis, por proporcionar a produção de confetos – conceitos com afeto –, desterritorializados, heterogêneos, múltiplos, distanciando-me das ideias naturalizadas, marcadas pela representação social.

Da insegurança do primeiro contato com os jovens à intimidade com suas ideias e seus conceitos, cresci como pessoa – meus olhos maternais viram-nos com carinho, respeito e admiração –; como profissional – estou repleta de ideias de como trabalhar a leitura em sala de aula, minha postura como educadora certamente não será mais a mesma.

Eis que chega o momento de confrontar os achados do grupo-pesquisador, em sua totalidade, com os objetivos que direcionaram o meu caminhar, a minha escuta e o meu olhar. O objetivo de caracterizar o perfil-leitor dos jovens copesquisadores foi contemplado na

oficina de negociação, na qual os jovens se apresentaram como leitores: que aprenderam a ler na escola – nas histórias de conto de fadas –, mas que hoje dão preferência à leitura de periódicos; que acreditam na importância que a família exerce sobre a sua aprendizagem da leitura; e que entendem leitura como propulsora de progresso em suas vidas.

De modo geral, as análises dos dados levaram a duas linhas ou dimensões do pensamento do copesquisadores: tipos de leitura e de leitor; e cegueiras que atrapalham e/ou impedem a leitura. Nas oficinas de produção de dados e de contra-análise foi possível identificar as ideias e os conceitos dos jovens sobre o que é leitura. Eles criaram confetos como **leitura cabeça de cuia**, que faz o **leitor cabeça de cuia** interagir com o texto, fazendo-o querer ler mais e mais o texto, provocando reações em cadeia em forma de emoções das mais diversas, e que levam a outros confetos potentes como a **leitura livro aberto, leitor criatividade, leitura mundo diferente, leitura coisa imaginária, leitor livro na mente**.

Os problemas que atravessam e que mobilizam foram identificados como cegueiras, que são: a preguiça; a linguagem de difícil compreensão; a ausência de obras contemporâneas nas bibliotecas – que não acompanham o mercado editorial –; e o tratamento dado às capas, que devem ser atrativos e trazer sínteses cativantes. Quanto a outras formas de pensar e/ou de problematizar sobre a leitura, os jovens me surpreenderam ao não colocarem o poder aquisitivo como dificuldade, ou mesmo o acesso a bibliotecas. Para eles, isso é possível de resolver em alguns *clicks*: baixando da internet. Essa é uma das formas que responde ao último objetivo específico da pesquisa, que é identificar o que os jovens podem frente aos problemas enfrentados com a leitura: não se deixar levar pela impressão de repulsa de uma capa; acatar as sugestões de leitura vinda dos seus pares; procurar buscar respostas para as curiosidades que surjam no texto, como palavras desconhecidas ou ideias que levam a novas descobertas.

E, por falar nisso... O tema leitura, em suas variadas nuances, é fonte inesgotável de pesquisa, como qualquer outro. Porém, neste trabalho, os copesquisadores trouxeram, dentre tantas, algumas dimensões que apresento como propostas de investigação:

- Uma ideia muito latente nos seus conceitos, e passível de uma pesquisa aprofundada, é a influência que o personagem exerce para a escolha do que se vai ler, para a relação com a obra, de fixação, de entretenimento, de envolvimento. O confeto **corpo estranhozinho três cérebros da leitura** fala de uma conexão entre autor, personagem e leitor, no qual, “[...] quando um leitor busca um livro, é isso o que ele procura, conexão principalmente com o personagem, nem tanto com o autor”;

- Outra possibilidade de sondagem diz respeito à disparidade que há entre o que o mercado oferece – de livros, de periódicos –, e o que há nas estantes das bibliotecas ou públicas, especialmente nas escolares, em que os volumes são, em sua maioria, livros clássicos ou com conteúdo didático.

- O cotejamento entre a leitura de *bestsellers* e de clássicos da literatura;

- A internet como dispositivo de leitura;

- A confecção de capas sedutoras, uma alternativa de investigação para os amantes da iconografia. Para os copesquisadores, uma capa bem feita pode fazer a diferença na hora da escolha do que ler.

Ou seja, os dados produzidos nesta pesquisa demonstram o turbilhão de ideias e de conceitos com a marca das multifaces juvenis, de onde nasceram perspectivas de novas investigações, visto que nenhuma pesquisa é finita, sempre há outras possibilidades, outras páginas a serem escritas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

ADAD, Shara Jane H. Costa. **Corpos de Rua**: Cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_. Habitar a pesquisa e/ou o que da pesquisa habita em nós: escuta sensível do corpo pesquisador da Educação. In: MENDES, Bárbara Maria Macêdo; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. **Pesquisa em Educação**: Múltiplos referenciais e suas práticas. Teresina: EDUFPI, 2012. p. 161-168.

\_\_\_\_\_. Pesquisar com o corpo todo - multiplicidades em fusão. In: SANTOS, Iraci dos. et al. (Org.). **Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais**. Abordagem Sociopoética. 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 217-237.

ALVES, Rubem. **O prazer da leitura**. Disponível em: <<http://pagina-de-vida.blogspot.com.br/2007/05/o-prazer-da-leitura-rubem-alves.html>>. Acesso em: 18 mai. 2012.

AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=1815>>. Acesso em: 23 out. 2012.

BARROS, Manoel de. Livro sobre Nada. In: \_\_\_\_\_. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1987.

BERENBLUM, Andréa. **Por uma política de formação de leitores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BOAL, Augusto. **Livro para atores e não atores**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. **Juventudes, Cultura de paz e violências nas Escolas**. Fortaleza: Editora da UFC, 2006.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Institui a Política Nacional do Livro**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.753.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.753.htm)>. Acesso em: 25 jun. 2012.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. MINC/MEC: Brasília: MEC, Minc, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **As aventuras do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Editora Bertrad Brasil S/A, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ECO, Humberto. **Muito além da Internet**. São Paulo: [s.n.], 2003. Disponível em: <[www2.fgv.br/biblioteca/geral/docs/Internet.pdf](http://www2.fgv.br/biblioteca/geral/docs/Internet.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2012.

\_\_\_\_\_. **A misteriosa chama da rainha Loana**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DIÓGENES, Glória. **ViraVida**: uma virada na vida de meninos e meninas do Brasil/Serviço Social da Indústria. Brasília, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Pensadores & Educação).

GAUTHIER, Jacques. A inclusão, o cuidar e a espiritualidade na pesquisa: o aporte da sociopoética. **Diálogos Possíveis**. Disponível em: <<http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/5/01.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

\_\_\_\_\_. **Notícias do rodapé do nascimento da Sociopoética**. Mimeografado, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociopoética**: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: AnnaNery/UFRJ, 1999.

HADDAD, Sérgio. (Coord.). **Ensino Supletivo no Brasil**: o estado da arte. Brasília: Inep, Reduc, 1987.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** – Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Breve historia de las cubiertas**, tradução do <http://translate.google.com.br/> Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2011/01/15/babelia/1295053965\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2011/01/15/babelia/1295053965_850215.html)>. Acesso em 14 jul. 2013.

MARINHO, Ernandes Reis. As relações de poder segundo Michel Foucault. **E-Revista Facitec**, v. 2, n. 2, Art. 2, dezembro, 2008. Disponível em: <<http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária.** São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MONTEIRO, Ana Lúcia Barbosa. **Histórias de leitura de professoras leitoras como subsídio à formação continuada: memória em movimento.** Dissertação (Mestrado em Educação). 154 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, 2013.

NASCIMENTO, Janete Márcia do. A leitura como corpo que expressa sentidos e formas de ler. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa Adad; BARROS JR., Francisco de Oliveira. (Org.). **Corpografia: multiplicidades em fusão.** Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 91-106.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates. **A biblioteca “fora do tempo”:** políticas governamentais de biblioteca públicas no Brasil, 1937–1989. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação). 221 f. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PENIDO, Thais Nogueira. **Um estudo da leitura como temática nos resumos das teses de doutorado e das dissertações de mestrado no Brasil (2000-2005).** Dissertação (Mestrado em Educação). 171 f. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.

PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PETIT, Sandra Haydée. Socipoética: Potencializando a dimensão poiética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes e VASCONCELOS, José Gerardo (Org.). **Registros de Pesquisas na Educação.** Fortaleza: LCR/UFC, 2002.

\_\_\_\_\_. O diferencial da pesquisa sociopoética: encontros e bifurcações face aos grupos rogerianos e as respectivas abordagens de pesquisa lewiniana, existencial e participante. In: MENDES, Bárbara Maria Macêdo; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira; MENDES SOBRINHO, José Augusto de Carvalho. **Pesquisa em Educação: Múltiplos referenciais e suas práticas.** Teresina: EDUFPI, 2012. p. 269-278.

\_\_\_\_\_. **Sociopoética**: potencializando a dimensão poética da pesquisa. Disponível em: <[http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/file.php/1/selecao/2008/Sociopoetica-\\_Sandra.pdf](http://hbn.multimeios.ufc.br/moodlepg/file.php/1/selecao/2008/Sociopoetica-_Sandra.pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2013.

\_\_\_\_\_.; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Idéias sobre confetos e o diferencial da sociopoética**. Disponível em: <[www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/sandraeshara-artigos.pdf](http://www.entrelugares.ufc.br/phocadownload/sandraeshara-artigos.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2013.

\_\_\_\_\_.; GAUTHIER, Jacques Z. **Introduzindo a Sociopoética**. Disponível em: <[www.geocities.ws/liasilveira2001/word/introduzindo.rtf](http://www.geocities.ws/liasilveira2001/word/introduzindo.rtf)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E LEITURA. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>> Acesso em: 11 jul. 2011.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Teresina: O Dia Editora, 2008.

RIBEIRO, João Ubaldo. O Poder da Arte e da Palavra. In: \_\_\_\_\_. **Livro de Histórias**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

ROCHA, Ruth. **Quando a escola é de vidro**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2012.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos. et. al. (Org.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

SANTOS, Maria da Conceição de Souza. O corpo quando lê: estranhamento e desterritorialização. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa Adad; BARROS JR., Francisco de Oliveira. (Org.). **Corpografia**: multiplicidades em fusão. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 79-90.

SATO, Michèle; SENRA, Ronaldo. Estrelas e constelações aprendizes de um grupo pesquisador. **Ambiente & Educação** (FURG). , v. 14, p. 139 - 146, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/1613/741>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

SERRA, Elizabeth D'ângelo. O direito à leitura literária. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 39-44.

SILVEIRA, Lia Carneiro da. **Do corpo sentido aos sentidos do corpo**: sociopoetizando a produção de subjetividades. 176f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, 2004.

SOARES, Rosileide de Maria Silva. **A reinvenção da Educação de Jovens e Adultos pelos professores e alunos**: uma pesquisa sociopoética. Tese (Doutorado em Educação). 263f. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3290>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

VAZ, Maria do Amparo Viana Vaz. **Projeto Lendo e Criando**. Teresina: Colégio Estadual Severiano Sousa, 2011. Fotocopiado.

ZÁFON, Carlos Ruiz. **A sombra do vento**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.



## APÊNDICES

### Apêndice A – Análise classificatória dos dados orais das “Esculturas do Corpo da Leitura”

1. Sentidos, sentimentos e sensações dos jovens no momento das vivências
2. Processo de Criação da escultura
3. Escolha do nome da escultura
4. Conceitos de leitura
5. Efeitos da leitura
6. Dificuldades da leitura
7. Mecanismos de escolha da leitura
8. Tipos de leitor

Lorena

ESCULTURA BEM ESTAR

A brincadeira dessa tarde serviu pra interagir uns com os outros 1 e quando eu tava aqui, eu acho que era com a Amanda, eu pensei que fosse duas pessoas, ou [Amanda] ela ou a Luciane. Depois que eu peguei na fita do braço dela que eu lembrei que a Luciane não tava usando. Eu tinha percebido que ela não tava usando, por isso que eu distingi que era a Amanda 1. Eu fiquei insegura na hora da brincadeira do vampiro de estar procurando outra pessoa 1. Na hora da escultura, eu digo: "o que é que eu vou fazer com argila?", aí eu digo: "eu vou fazer o que vier na mente". Eu não sei nem o que é isso! Mas o que veio, eu comecei a fazer 2. Tentei fazer um coração e não consegui de jeito nenhum, acho que é porque tava muito dura [a argila] e eu tava botando água, mas não resolvia 2. Aí eu fiz isso aqui [e]. Cada coisa dessa é relacionada a uma coisa pra mim, mas agora aqui eu não tou lembrando. Era um livro, só que não deu esse aqui ó, e ainda tá de cabeça pra baixo 2. Eu me senti muito bem 1. Eu ia botar criatividade só que isso aqui passou bem longe, né? Então eu botei o que eu tava sentindo, uma coisa boa, bem-estar 3; por isso que eu botei bem-estar. O corpo bem-estar da leitura é super-relaxado e confiei em tudo que você disse. Eu fechei o meu olho e não abri por nada, abri só agora 4. A relação que eu faço com a leitura é que é um mundo diferente, é uma busca diferente pelo propósito. Eu tentei fazer o que eu achava, o que eu tava pensando eu tentei demonstrar aqui na argila, e é a mesma coisa com a leitura. A gente fica pensando o que é que vai acontecer, a gente tá lendo e fica pensando o que vai acontecer depois, foi isso que eu pensei 4. O contato com a argila no primeiro momento foi estranho. [risadas] porque a minha tava um pouco gelada, eu peguei e: "o que é isso?" Foi diferente 1. No toque das mãos eu já tava sentindo mais firme e confiante 1. No momento de rasgar a argila eu senti rasgando a página de um livro 1. [risadas] Eu me senti rasgando a página de um livro, e depois que eu juntei eu fui colocando 1. Rasgar a página de um livro foi muito ruim, com certeza, muito ruim. Eu até despedacei em vários pedaços porque eu tava rasgando um livro. Antes de falar já tava juntando. Antes de dizer pra juntar eu já tava juntando de novo 1. Da exibição das esculturas, a que provocou uma sensação foi a do Francisco. Uma vez eu li um livro e imaginei uma coisa tipo o que ele fez ali. O que ele demonstrou, o abrigo natural 5.

Amanda

ESCULTURA CONEXÃO

Bem, na primeira experiência em que tinha que estar todo mundo se tocando, tocando na ponta do dedo e tudo mais, eu senti a mão da Lorena muito pequenininha. A cabeça do dedo pequeno, num primeiro momento, eu pensei que fosse a mão da Márcia, porque a mão da Márcia é pequenininha, gordinha, e não tem a unha grande. Aí eu fiquei pensando: "não, não, acho que é a Márcia". Aí quando foi subindo aqui no ombro, aí eu peguei num negocinho aqui da blusa dela, aí eu pensei:

"não, deve ser a Lorena, que a Lorena tem um negocinho na blusa". Eu também imaginei que fosse a Eliane, mas não era, aí eu: "não, então não é ela. 1" Na hora da brincadeira de ficar procurando o pescoço de todo mundo, eu me senti um pouquinho estranha, um pouco desconfortável porque é muito estranho você ficar tocando nos outros, sendo tocada, eu acho um tanto desconfortável1. A leitura, diferente do que a gente fez aqui agora, a gente toca não no físico, não aqui no palpável, a gente toca numa coisa imaginária. É como se, por exemplo, eu nunca vou conseguir tocar na juba do leão, do Aslam no caso, das Crônicas de Nárnia, mas eu sinto como se eu tocasse4. Já aqui não, a gente tava tocando um no outro e é diferente, até pra estreitar as relações mesmo uns com os outros aqui, porque eu tenho certeza que quase todo mundo aqui, ninguém nunca tinha se abraçado. Eu abraço todo mundo né, então todo mundo já tava acostumado. Mas acho que alguns aqui nunca tinham se tocado, se abraçado, nem tocado na mão um do outro, aí de repente você tem que estar tocando um no outro, se encostando, é meio estranho, meio constrangedor1. Quanto ao toque na argila, de início, quando eu trisquei a mão, eu pensei que fosse uma caixinha de metal que fica gelado, né? Aí eu toquei assim, eu nem toquei com a pontinha do dedo, eu fiz assim com a mão. Eu levei um susto, né? Depois quando eu fui esticando a mão e tocando aí eu vi que era, eu fui pegando, senti a sensação e disse: "isso é argila", aí eu comecei a pegar, apertar, tava um pouquinho duro. Aí eu cacei a água aqui, ela botou a água perto de mim e eu comecei a molhar. É legal pegar na argila porque é frio e é gostoso ficar pegando2. Na hora de socar a argila. Eu acho que socar a argila que é ficar batendo em uma mesma tecla, assim, eu não entender um livro, mas não, vou ler de novo até entender. Acho que é socar4. O meu corpo tá meio estranhinho, né, porque eu queria que fossem três cérebros disso, esse aqui era pra ser. Mas tão parecendo três coxinhas. São três cérebros aqui. Assim, demonstra a tua conexão tanto com a história do livro quanto a do autor, porque é assim, são três cérebros, o teu, o do personagem e o do autor4. Porque tu tá viajando nas ideias de outra pessoa, a partir do momento que tu pega um livro pra ler, tu tem que botar na tua mente que tu vai viajar na imaginação de outra pessoa, uma pessoa bem mais, com um cérebro bem mais complexo que o teu. Que foi capaz de inventar uma história que te fizesse, e contar de um jeito que te fizesse imaginar de um jeito que tu se esforce pra tentar formar aquela imagem na tua cabeça, e foi isso que eu tentei demonstrar aqui. Os três cérebros, conectados uns aos outros4. O cérebro da leitura não passou por dificuldade, no meu caso aqui ele não passou por dificuldades, ele conseguiu se conectar de uma forma bem fácil. Eu achei. Tanto se conectou com o cérebro do personagem quanto o do autor, porque ele encontrou ideias iguais, ideias semelhantes, o que tornou bem mais fácil a conexão, a comunicação entre um cérebro e outro6. A diferença de ideias, o pensar diferente Às vezes é uma dificuldade da leitura, porque às vezes você pega um livro que, por exemplo, você tem uma ideologia, uma ideia colocada na sua cabeça e tá lá, você acredita naquilo. Aí às vezes você pega um livro e aquele livro tá defendendo uma tese que condena o que você acredita, que faz com que aquilo que você acredite seja posto de forma chula, às vezes de forma arbitrária, e você não gosta. Essa é a maior dificuldade, é você não gostar do que você vê, do que você lê, de início. Às vezes é isso, eu acho que essa é a maior dificuldade dos cérebros6. Na exposição, a que eu mais gostei, que eu gostei muito foi a da Vanessa, o livro aberto, porque eu achei muita bonita e outra coisa, não é só o livro aberto no sentido assim da figura do livro mesmo. Pode ser a sua mente aberta pra novas ideias, pro mundo novo, pra uma ideia nova, que você vai achar dentro de um livro. Toda vez que você abre um livro é como se você abrisse uma janela pra um mundo, um universo que seja diferente4. É muito boa essa sensação, eu acho. Toda vez que eu abro um livro é como se eu me desligasse do Brasil, do planeta Terra, e viajasse pra qualquer outro planeta. Qualquer. Sem precisar de nave, de nada. Só meu pensamento, só isso5.

Yasmim

ESCULTURA PASSARINHO

Na brincadeira que nós tivemos na primeira de correr aqui pela sala, foi bom porque às vezes ninguém olha um no olho do outro. Muitas poucas vezes nós fazemos isso com o outro, de olhar um no olhar do outro. Eu nunca olhei no olho da Amanda assim1. Foi legal na hora da faixa no rosto, nos olhos, fiquei com medo de me tocarem e me machucar1, mas eu confiei em vocês e não achei estranho vocês tocarem em mim não, achei engraçado, legal1. No momento da argila eu

pensava que era um monte de massinha de modelar, quando eu toquei achei que era massinha. **No momento que você pediu pra rasgar a argila, eu achei que foi legal**<sup>1</sup>. Por exemplo, normalmente criança, quando a gente pega massinha, criança pega pra modelar, achei legal<sup>1</sup>. **No momento de rasgar e juntar a argila** acho que tipo quando a gente, como é que **posso dizer que quando a gente rasga um livro** como ela [Lorena] falou, rasgando um livro. **No momento de raiva rasga ele e depois nós ficamos: "poxa, rasguei aquele negócio"**. Nós **depois tentamos reconstruir aquela coisa, foi assim**<sup>2</sup>. Meu passarinho da leitura voa pro meu mundo da imaginação, da leitura. Pra onde eu gosto, quando a gente lê, vou pra outro lugar. Esse passarinho da leitura pode tudo. Liberdade. Acho que quando a gente lê a gente tem uma liberdade total pra gente e é isso que ele representa, a minha liberdade na minha leitura. Eu quis expressar isso, ele tá bonito, apesar de eu não ter enxergado quase nada praticamente<sup>4</sup>. Eu acho que a única **dificuldade da leitura é a gente não saber ler**<sup>6</sup>. A gente acha que lendo e, a gente se interessar bastante na leitura eu acho que a gente... tem assim, uma dificuldade, né? **O passarinho da leitura faz descobertas novas como a gente quando a gente lê um livro. Descobertas novas, novas descobertas, eu acho que fazendo leitura não só de um tipo, mas pegando pra conhecer vários outros tipos de leitura como romances e essas coisas. Acho que é assim que vai obtendo o conhecimento de cada um, de cada coisa**<sup>4</sup>. Durante a exposição, eu achei curioso, eu não entendi assim o da Márcia ser assim diferente. Eu normalmente pensei que era aqueles negócios de pré-história. Fiquei assim na curiosidade, não tinha entendido, aí foi quando eu li que ela falou "A Porta" que eu entendi. Eu achei só curiosidade, igual aquele negócio da pré-história. É isso<sup>4</sup>.

Taylane

#### ESCULTURA CABEÇA DE CUIA

As brincadeiras, ah, foi legal tudo. Assim, o começo, foi legal a tarde. **Quando a senhora pediu pra gente segurar na mão** que a gente tava **de olhos vendados**, a gente segurar na mão, **tocar nos dedos, sentir**, acho que eu toquei na Yasmin e no Francisco. **Eu senti segurança** neles dois quando eu tava tocando neles. Eu senti segurança, e **mas eu não entendia**. Porque ele pegava na mão e ela pegava também, e eu não entendia. **Eu não sabia qual era a mão, porque ela tava com a minha mão, aí ele foi pegar a minha outra mão e ela arrancou a outra mão**<sup>1</sup>. **Aí sei lá, foi legal a parte também de a gente tocar no pescoço. Foi bem estranho mas foi legal, foi uma sensação boa. Tem vezes que a gente não confia em todo mundo, então assim passam confiança pra nós, a gente fecha os olhos, sai andando, procurando. Foi legal!**<sup>1</sup>. Muitas vezes a gente pega assim, não sei, a gente não tem confiança. A gente pega assim um livro, a gente quer ler mas a gente: "ah, a história não é boa". A gente não confia, pode ser melhor. Pode botar confiança no livro. Eu vou ler mesmo que não seja legal e procurar uma história por dentro daquilo que o autor quer passar pra gente. A gente tem que ter confiança. Mesmo que no livro, a capa do livro, quando a gente olha pro livro: "ah, mas esse título aqui não tem nada a ver", a gente descarta logo pela capa. Não confia no livro, não confia naquilo que o autor quer passar pra gente. A gente até pode até conhecer o autor mas não confia. Dizemos assim: "ah, mas deve ser um assunto chato, então não vou ler". Então a gente assim tem que confiar. É só a gente mesmo lendo, abrindo um livro e entender como a Vanessa Ferreira no dela, o livro aberto. Tem que ler, buscar ler as coisas. É isso<sup>7</sup>. **Eu nem sei porque inventei o Cabeça de Cuiá**. Na verdade **quando tava tocando na argila achei muito estranho, uma coisa gelada, pensei assim: "meu Deus do céu, o que é isso."** **Cada vez ela se deslizava mais, passava mais no meu dedo, foi uma sensação estranha mas ao mesmo tempo legal, a gente ter contato com as coisas**<sup>2</sup>. **A maioria das pessoas tem nojo de pegar as coisas na mão, sentir, e a gente não. A gente pegou, sentiu, fez aquilo que a gente fez. Cada um fez, foi legal!**<sup>2</sup>. **Deslizar na leitura é quando a gente pega um livro. A gente lê, a gente vai deslizando naquele assunto, a gente vai se interagindo com aquilo por dentro, pegando mais conhecimento daquilo, do que o autor quer passar pra gente, então acho que é isso**<sup>4</sup>. **Deslizar na leitura é quando a gente pega um livro, lê, vai deslizando naquele assunto, vai se interagindo com aquilo por dentro, pegando mais conhecimento, do que o autor quer passar pra gente**<sup>4</sup>. **Ter nojo da leitura é aquilo que fala, "ah, você tá lendo um livro?", "eu, ler? não, não gosto de ler não"**. Acho que a gente confunde ler com outra coisa, outra coisa que não tem nada a ver. Tem gente que tem nojo de ler, tem gente que não gosta um pingo de ler, é isso<sup>8</sup>. **Ter nojo da leitura é quando a gente confunde ler com outra coisa, que não tem nada a ver. Tem**

gente que tem nojo de ler, tem gente que não gosta um pingão de ler<sup>8</sup>. Eu também representei aqui não só como Cabeça de Cuia mas assim, quando a gente tá lendo, a gente vai crescendo. Vai crescendo o conhecimento da gente, a gente vai crescendo, se desenvolvendo mais. Então eu não representei somente o Cabeça de Cuia mas como a gente vai crescendo, se desenvolvendo mais com a leitura. Foi isso que eu representei<sup>4</sup>. Leitura Cabeça de Cuia é aquela que quando a gente tá lendo, vai crescendo o conhecimento, se desenvolvendo mais com a leitura<sup>4</sup>. Eu nunca, assim, procurei a fundo na história do cabeça de cuia, o que aconteceu de verdade, mas sei lá, ele é uma pessoa que tá sempre assim de olho. De olho como muitos falei, nesse negócio dele aí que eu esqueci eu nome, dessa história dele que diz que ele tá sempre procurando jovens virgens, jovens Marias virgens. Então é isso, é isso que eu representei. Como o Cabeça de Cuia, a gente tem que sempre procurar mais conhecimento. Assim como ele, dizem que a noite toda ele fica procurando essas virgens<sup>8</sup>. Leitor cabeça de cuia é uma pessoa que a noite toda está sempre de olho, sempre procurando mais conhecimento. Eu acho que a gente amarra à noite a meia noite, eu vou sair, me divertir na festa. E não podendo pegar um livro e ler<sup>3</sup>. Eu representei isso. O leitor amarra a noite é aquele que sai à meia-noite pra se divertir na festa, em vez de pegar um livro e ler<sup>8</sup>. E Das demais esculturas a que mexeu comigo foi a da Vanessa que eu achei legal. Eu senti uma sensação, sei lá, porque ela representou bem o que ela tava sentindo, que eu acho que foi assim um livro aberto. Destacou ali várias coisas num livro, várias coisas, bonecos, ela tá representando ali em um livro aberto, que a gente tem que ter sempre um livro aberto na nossa vida, e sempre a gente estar buscando mais conhecimento<sup>4</sup>. Acho que foi isso que ela quis representar, foi legal dela. Leitura livro aberto é ter sempre é ter sempre um livro aberto na nossa vida para buscar mais conhecimento<sup>4</sup>.

Francisco

#### ESCULTURA ABRIGO NATURAL

Em relação à dinâmica, o que eu mais vi assim foi relação de confiança com os demais. Eu me senti, eu tentei ver assim como se eu fosse um deficiente visual, como é que ele se sente diariamente, no dia nele, sem enxergar nada e ter que andar entre as pessoas. Às vezes as pessoas tocam nele e a pessoa não tem, às vezes, quer saber como é o roxo, quem é [que toca nele], mas não consegue sem ter que falar. A chance que ele tem é só de ouvir, e nós nem ouvimos, não podiam falar né, quem era. Só sentir, mas não sabíamos quem era<sup>1</sup>. Em relação à essa obra aqui, era pra ser uma árvore. É uma árvore. Vendo em outros países, outros lugares, as pessoas conseguem ler, às vezes ir para debaixo de uma árvore e ler. Lá eles têm segurança, que é o que aqui nós não temos. Eu nunca vi, por exemplo, uma pessoa embaixo de uma árvore lendo por aqui<sup>4</sup> né? Leitura árvore é a leitura que as pessoas de outros lugares conseguem ler debaixo de uma árvore porque tem segurança, o que aqui nós não temos<sup>4</sup>. Um abrigo porque uma árvore com uma copa bem grande ela se torna realmente um abrigo, muita gente vai pra baixo pra se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo. Foi isso o que eu tentei retratar aqui<sup>4</sup> Leitura árvore abrigo é uma leitura com copa bem grande que se torna um abrigo, muita gente vai pra baixo pra se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo. Pra ler precisamos de segurança e Ultimamente não dá pra ler em qualquer lugar, porque nós não temos concentração para tentar entender um livro, viajar com aquilo, entrar na história<sup>4</sup>.

Um abrigo porque, quando eles pegam essas crianças da rua, eles tentam levar ela, mostram proteção à ela, segurança à ela. Calma, paz. Aí foi isso que eu tentei retratar(?). Em relação às brincadeiras o que mais me despertou foi a relação de confiança que deveria ter. Na primeira foi difícil porque eu conheço mas não falava muito com os demais, eu só falava com a Lorena. Aí eu: "ixi, e agora, como é que...", se a Lorena tá no meio... Aí fui me livrando mais, fui prestando mais atenção. A dificuldade inicial, eu pensava: "vai que eu olho, vou trocar e ele não troca, aí vou ficar lá no meio..."<sup>1</sup>, a dificuldade é essa. A relação que eu faço com a leitura é pelo fato de não julgar o livro pela capa, não conhecer bem, não procurar conhecer. Isso mostra a dificuldade, "ah, não vou ler esse livro não, achei a capa dele muito feia", vou procurar outro. Não procuro ler às vezes atrás do livro, que traz uma síntese bem pequena e interessante do livro. Não procurar conhecer o livro é a dificuldade<sup>6</sup>. Na hora do toque das mãos, nós estávamos em trio, aí eu pensei porque as diferenças das mãos, não tem como uma mão ser diferente da outra. É aquela mesma relação assim

de confiança, porque de olhos abertos não é comum a gente ficar tocando nos dedos, na mão de outra pessoa. O meu corpo sentiu uma relação de liberdade, de segurança, de confiar no outro<sup>1</sup>. A principal relação foi essa. Na exposição, duas me deixaram em dúvida. Que foi a da Lorena e a da Márcia. Eu tentei ver uma porta na da Márcia, mas não consegui. O da Lorena em relação ao bem-estar, tava tudo bagunçando, então deixar tudo bagunçado é... Relação de bem-estar (5?). Não entendi. As duas. Com a leitura, fico curioso, às vezes. Em relação ao livro, quando eu não entendo uma época, às vezes um livro fala em relação ao que aconteceu na época da Guerra Fria. Eu não conheço, aí eu vou procurar entender, procurar descobrir, me desperta curiosidade um tema dentro do outro<sup>5</sup>. Os das duas foi o que eu não consegui entender mesmo. Eu tentei interpretar a da Lorena, ela viu organizado, mas eu vi bagunçado. Na minha opinião, achei que tava bagunçado, pra ela, é estar confortável, um bem-estar. Acho que em relação à leitura é isso, algumas pessoas encontram conforto na leitura que outras não encontram<sup>5</sup>. Às vezes, eu leio, por exemplo, eu leio, eu: "não, não gostei", e ela lê e gosta desse tipo de leitura. E eu não consigo ver como é que ela está gostando, me desperta curiosidade, entendeu?

Vanessa

#### ESCULTURA LIVRO ABERTO

A brincadeira foi legal!<sup>1</sup>, como o Francisco eu também tava com medo<sup>1</sup>, aceito tudo com os outros mas com a Lorena e com ele assim, eu não sou assim não, né? Aí eu até troquei olhar com ele pra nós trocar, foi diferente porque eu não conhecia ele. Ele me olhava assim, "vou ou não vou?". E se ele me deixa lá no meio? O momento que eu olhei pra ele, ele me passou confiança também. Eu acho que isso varia muito nas pessoas, ter confiança nos outros que não conhece. Então, gostei da brincadeira<sup>1</sup>. Na hora que se tocar aqui os dedos, acho que tava com aqui, eu fiquei em dúvida se eram eles dois<sup>1</sup>. Porque os únicos dois homens aqui são grandão, né? Na hora ele ligeiro chegou no meu ombro: "vamo pegar no ombro dele?" No meu relógio, e ele segurou aqui querendo pegar no ombro dele. Opa, não, não era o Francisco. Também não dava pra ouvir, foi uma sensação legal<sup>1</sup>. Eu acho que ele gostou das minhas unhas, porque ele toda hora pegando nas minhas unhas. E puxava, acho bem pra saber se era verdadeira. Foi legal! Eu gostei! A de vender os olhos, eu ficava com medo mesmo de cair, de bater a minha cara em alguma coisa aí. Mas na medida que vocês tavam falando, fui me acalmando mesmo, fui tentando ouvir o som ambiente pra saber onde é que tava as pessoas pra mim pegar, pra mim interagir<sup>1</sup>. Acho que é muito difícil a gente parar pra tentar ouvir o que está se passando<sup>1</sup>. Foi isso, gostei. E do meu livro em aberto, a minha escultura que eu fiz... O toque na argila foi bom, tava gelado<sup>2</sup>. Foi legal! Já tinha tocado mas pra mim fazer com os olhos vendados foi, foi...Mas assim ficar pegando, e aí rasgar ela, eu gostei mais da parte de rasgar. Na hora de juntar tinha uns pedaços longe, aí fui caçando. Hora de juntar foi mais difícil porque o negócio não queria se juntar, tava duro<sup>2</sup>. Não juntar a argila, ah, sei lá, gosto, gosto da pessoa. Acho que o que eu gosto, ele pode não gostar já ela ali pode gostar. Acho que é isso. É juntar diferentes gostos (2). Rasgar a leitura é descobrir, não é? Você procurar, se interessar, caçar algo novo pra você fazer. Acho que é isso<sup>5</sup>. O que eu tenho aqui... [risadas] cara, tá engraçado demais. Assim, o livro aberto assim, porque como a Amanda falou ali né, eu tentei abrir novos caminhos<sup>4</sup>, foi o que eu tentei fazer. Em um livro fechado você não vai conseguir descobrir o que que tem dentro dele, não. A não ser pela capa, mas você só vai saber o que tem dentro lá se você ler. E se ele tiver fechado, é aí que você não vai ler mesmo. Então assim, pra tudo você tem que ter um objetivo. Então assim, pra você descobrir algo novo, vá lá, abra um livro, interaja, se coloque no personagem<sup>5</sup>. Leitura livro aberto é aquela que abre novos caminhos, porque ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo!<sup>4</sup> Leitura livro fechado você não vai conseguir descobrir o que que tem dentro dele, não. A não ser pela capa, mas você só vai saber o que tem dentro lá se você ler. E se ele tiver fechado, é aí que você não vai ler mesmo. Leitura livro fechado é aquela que você não vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro e é aí que você não vai ler mesmo, a não ser pela capa, você só vai saber o que tem dentro lá se você ler<sup>4</sup>. O Acho que é isso. Ao abrir o livro, saiu conhecimento, imaginação, viagem mesmo, é louco<sup>4</sup>. E assim, [leitura livro aberto] proporciona felicidade, foi o que eu tentei desenhar aqui um boneco, sorrindo. Acho que livro, pra mim mesmo, proporciona muita paz, liberdade<sup>5</sup>. Das outras esculturas, da que eu gostei foi da Amanda. Quando eu vi, eu jurei que ela tava com fome. Porque

eu vi umas coxinhas, "oh a Amanda fez coxinha", quando eu vi conexão eu: "ahn, então como assim conexão?" Eu vi assim porque elas tavam tudo juntinha, achei que ela juntou umas coxinhas ali e depois ela veio falar de cérebro. Aí eu entendi. Legal! Mas eu gostei da intenção de botar cérebro. Acho que **a fome na leitura é querer. Você tem que querer.** Fome, sei lá. **É possível saciar essa fome<sup>4</sup>. A fome da leitura é querer saciar a fome de ler<sup>4</sup>. Eu tinha muita vontade de conhecer o mundo afora, tinha não, tenho. Um dia eu vou. Como eu li um livro do Zeca Camargo, como eu falei pra vocês, eu conheci muitos lugares que eu queria ir, curiosidades. Pra mim eu tava lá dentro, eu conheci, conheci os lugares. Ele detalhava muito os lugares, por isso eu me senti dentro do lugar<sup>5</sup>.**

Paulo Sérgio

#### ESCULTURA CORAÇÃO DA LEITURA

Bom eu gostei muito **das brincadeiras, foi um sentimento de confiança, de alegria<sup>1</sup>. O toque das mãos foi um sentimento de amizade verdadeira** que eu senti da Vanessa. Toquei nela já sabia que tava tocando nela por causa da pulseira dela. **Gostei muito do abraço também<sup>1</sup>. E só. Ao ser vendado, eu me senti como um cego. É interessante que eles fazem as coisas, mas eles sabem o que estão fazendo. Eles tão fazendo, mas com confiança que tão fazendo aquilo, mesmo sendo cego<sup>1</sup>. Tem pessoas que põem muita dificuldade em ler um livro, ler uma história em quadrinhos. O segredo da leitura é a dificuldade de ler alguma coisa<sup>6</sup>. Na hora que eu trisquei na argila, só trisquei assim. Aí eu pensava que era doce de goiaba. Aí na hora que eu trisquei aqui e fui cheirar aqui pra saber o que era mesmo, disse: "não, mas não tem um cheiro é nada". Depois vocês disseram que era argila<sup>2</sup>. Ela pediu pra amassar o barro, e depois começou a rasgar ali foi como rasgando as dificuldades que as pessoas têm de ler um livro, sentir medo <sup>6</sup> assim. E de juntar a argila um sentimento bom, sentimento de vontade de ler o livro mesmo<sup>2</sup>. O coração da leitura sente todo sentimento de bom que a leitura tem, quando a pessoa vai ler um livro transmite sentimentos de alegria, de emoção, todo sentimento. De amor, carinho<sup>5</sup>. Das demais produções artísticas, a que mais despertou a atenção foi a da Lorena. Eu cheguei lá e olhei bem e disse: "você tá bem mesmo?" Do jeito que tava ali, achei muito interessante a dela, foi como o menino ali disse, foi tipo **eu ler um livro e não gostar do livro. Já ela ler esse livro e gostar desse livro. São diferentes gostos<sup>5</sup>.****

Luciane

#### ESCULTURA LIVRO

Acho que, fora a Lorena e o Francisco, aqui, eu, o resto todo sempre jogamos juntos, mas eu acho que **a gente nunca assim, olha cara a cara, poucos os que se falam aqui, nunca assim tem o hábito de chegar, dar um bom dia, essas coisas. Acho que na dinâmica deu pra olhar cara a cara um pouco, pelo tempo que a gente não faz isso<sup>1</sup>. Na parte lá das vendas dos olhos eu senti um pouquinho de medo, nunca fui assim, mas senti um pouquinho de medo na hora que eu fechei os olhos<sup>1</sup>. Já lá na parte do toque nas mãos eu não estava vendo, mas eu sabia que era a Márcia porque eu escutei ela falando. Aí eu descobri que era a Márcia e depois na hora do toque das mãos fui tocando aqui, "nossa, que braço grande" e o meu bem pequenininho. Na hora do abraço então, que ela teve que se levantar um pouco pra me abraçar, foi estranho<sup>1</sup>. A parte da **argila também, na hora que comecei a tocar, nunca tinha tocado na argila, primeira vez que eu toquei. Quando eu comecei a rasgar ela foi como se eu tivesse tirando um peso, um alívio, quando eu comecei a rasgar a argila<sup>1</sup>. Depois eu juntei e foi uma coisa mais totalmente diferente ainda, que eu não consegui entender bem<sup>2</sup>. Aqui no meu desenho eu coloquei um livro, eu coloquei um livro porque eu pensei assim: "fazer alguma coisa...", aí eu pensei, corpo da leitura... que que eu vou colocar? Meu Deus, a primeira coisa que veio foi um livro, eu comecei a fazer e, "cara, isso aqui não vai ficar igual um livro.<sup>2</sup>" Foi uma dificuldade enorme, aí eu coloquei criatividade justamente por isso, eu não sabia o que eu ia criar, aí acabei criando um livro. A primeira coisa que veio na minha mente foi um livro<sup>3</sup>. É o livro criatividade. Acho que vem lá da parte, a pessoa escreveu um livro, pra mim aquilo é uma criatividade que a pessoa tem na mente. Um leitor tem muita criatividade, acho que atrás do meio, não só assim, tipo eu tou lendo aqui um livro eu posso criar outras coisas, imaginar outras coisas através desse livro, eu posso criar. **Livro criatividade é uma criatividade que a pessoa tem na******

mente<sup>4</sup>. Leitor criatividade é aquele que está atrás do meio, ao ler um livro ele cria e imagina outras coisas. Ele posso criar<sup>8</sup>. Quando rasguei a argila eu senti um alívio, uma sensação<sup>1</sup>... Acho que, como falei na primeira parte, que quando a gente compra livros de motivação, quando a gente lê esses livros a gente sente um alívio dentro da gente. Um sentimento melhor, eu acho<sup>5</sup>.

Na exposição eu achei bem estranho essa do Lucas, *flecha do destino*. Assim, eu pensei assim também que ele pode falar que essa flecha, depois que a flecha é lançada ela não volta mais, eu pensei algo assim. Mas achei estranho o dele. Acho que ela leva à descobertas, *novas descobertas*(?). Descobrir algo novo, acho que é isso. *A flecha do destino da leitura é aquela que quando é lançada ela não volta mais, porque leva à novas descobertas*(4).

Márcia

#### ESCULTURA A PORTA

Bom, eu gostei muito da primeira brincadeira porque assim, logo conheci que todo mundo, principalmente esses dois aqui, apesar de não estarem aqui mais, eu conheço mesmo assim. Foi bom porque acho que nunca ninguém se interagiu entre si, raramente. Tem uns três aqui que eu interajo, nunca abracei, nunca olhei um na cara do outro<sup>1</sup>, mas foi bom. Naquela brincadeira do vampiro eu fui reconhecendo cada um pelo pescoço, pelo grito e pelo cabelo. A Luciane acho que peguei nela umas três vezes. Quando eu tava aqui eu soube que era a Luciane por causa das unhas e também por causa do cordão da camisa<sup>1</sup>. Em questão de rasgar argila, eu me senti rasgando um livro, porque um livro, acho que um livro é tão precioso pra gente, que é uma fonte de conhecimento que é ruim a gente estar rasgando<sup>2</sup> aquele bem ali que a gente tem. Como foi *na hora de moldar eu não sabia nem o que realmente moldar, então moldei a porta porque nos leva a um outro mundo*<sup>3</sup>. *A partir de quando a gente abre um livro a gente abre uma porta pra outro mundo, foi isso que eu me inspirei*<sup>5</sup>. O que abre a porta da literatura são as mais diversas formas de personagem<sup>5</sup>. O que tranca a porta da literatura é a dificuldade. A dificuldade porque a partir de quando a gente fecha um livro, a gente sente aquela necessidade de abrir ele de novo. Porque quando a gente tá naquele mundo não sentimos vontade de voltar. Eu pelo menos não sinto vontade de voltar. E pela porta que você entra não tem mais como voltar<sup>5</sup>. *Esse caminho sem volta leva para um novo mundo. Um novo mundo que eu criei para mim, que é o mundo das palavras, o mundo das histórias*<sup>5</sup>, eu acho que pra mim não tem uma fechadura fixa ali pra fechar. Acho que ela tá sempre aberta(4). *Leitura porta aberta é aquela leitura que não fechadura fixa para fechar a leitura porque ela está sempre aberta*<sup>4</sup> Da exposição, o que eu mais gostei, o que mais me trouxe curiosidade foi o da Amanda. Que eu jurava que ela tava com fome. Eu tava pensando em perguntar pra ela depois, eu achei muito esquisito, como é que a Amanda foi inventar comer coxinha, assim, pra ela né? Em questão de leitura, ela foi inventar a coxinha? *Pra saciar essa fome, acho que procurando mais fontes de conhecimento e fontes principais nela, a literatura, as fontes de riqueza. De um novo mundo*<sup>4</sup>. *A fome da leitura é quando fica procurando mais fontes de conhecimento, de riqueza, a literatura, um novo mundo*<sup>4</sup>. No início, eu pensei assim, que pessoas não se abraçam, né? Raramente. Acho que a relação com a leitura é porque como a gente tava falando, muitos julgam o livro pela capa. Que muitos dizem: "não, não gostei desse livro não, a capa é muito feia." Mas, não sabe o que ele tá oferecendo, não sabe o que ele realmente está no mostrando, quer nos mostrar realmente. Acho que julgam antes de conhecer. *Leitura capa feia é quando se julga o livro pela capa, antes de conhecer, sem saber o que ele está oferecendo, mostrando*<sup>4</sup>.

Eliane

#### ESCULTURA AMOR

*Na hora da brincadeira de caminhar, tipo como se tivesse caminhando pelo centro, eu já brinquei dessa brincadeira no teatro e várias outras brincadeiras, desse tipo assim. Foi bom*<sup>1</sup>. *Rasgar, sei lá, parece que eu tava rasgando toda a minha raiva, descontando na argila. Na hora do soco também*<sup>2</sup>. *No toque das mãos eu me senti meio constrangida porque o Lucas me bulinou*<sup>1</sup>. Aí depois na hora que ele começou: "Lucas, devagar." Que o Lucas é um bicho danado, aí ele segurando pelas minhas unhas, segurando e eu: "meu Deus". Aí na hora que eu toquei nele, eu já sabia que era o Lucas,

pelo sorriso. Ele: "meu Deus, quem é que tá aqui na minha frente?" Eu: "Hm, pois pronto." Aí na hora de formar aqui a coisa aqui o que veio na minha cabeça foi a palavra amor, coração<sup>3</sup>.

O amor da leitura é que por que algumas pessoas gostam muito de ler. Amam ler<sup>4</sup>. Eu, por exemplo, eu gosto de ler. Eu não vou dizer que amo assim não, eu gosto. Gosto de ler<sup>5</sup>. Das demais obras de arte a que me tocou foi a da Márcia, a porta. Parece mais uma coisa da pré-história, uma pedra em cima da outra(?).

Lucas

#### ESCULTURA FLECHA DO DESTINO

Bom, em relação às brincadeiras, foram muito legais<sup>1</sup>, claro. Eu achei um fato na brincadeira em que todo mundo tava cego e andando pra estrangular os outros. Vampirizar. É, vampirizar, mas eu tava tentando estrangular<sup>1</sup>. Bom, eu achei bem legal porque, não sei se foi porque eu tenho costume de fingir de doido lá em casa e ficar com os olhos fechados, mas eu reconheci o lugar mesmo de olhos fechados e quem eu tocava já sabia quem era. Por exemplo, eu tentei estrangular a Amanda umas nove vezes. A Luciane eu peguei seis. A Eliane umas cinco, e vai indo. Foi muito legal essa brincadeira. Mesmo a gente passando por uma fase que praticamente nossos olhos fiquem às escuras, se a gente já leu o livro, a gente vai ter ele em nossa mente. E vamos identificar mesmo se a pessoa te der algum fato, alguma palavrinha, e nós vamos reconhecer aquele livro de qualquer jeito<sup>5</sup>. Mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre e pronto. Bom, o momento que eu toquei o dedo da Eliane eu reconheci ela porque o dedinho dela é sequinho, reconheci na hora. Eu achei muito interessante porque eu senti até o sangue circulando. A minha mão é sensível. Eu senti algum sangue assim, tum tum, foi bem legal<sup>1</sup>. Quando a gente lê um livro, quando ele toca mesmo na gente, a gente guarda aquelas informações no nosso cérebro e quando a gente, por exemplo, lembra alguma coisa que é referente a aquele livro, que nos emocionou naquele exato momento<sup>5</sup>. [os livros] Provocam reações tipo, se o livro foi um livro romântico que na hora você chorou e você lembra dele, você acaba chorando de novo<sup>5</sup>.

No contato com a argila, eu tenho um olfato muito sensível. Foi o primeiro contato com a argila, foi bem legal porque eu senti um cheirinho de água, de terra. Eu não sabia nem o que tava acontecendo. Senti o cheirinho de terra pensei até que tava chovendo. Bom, voltando ao tocar nela, eu me espantei várias vezes porque eu não sabia o que era, era um troço molhado, frio. Eu peguei assim, mas não senti nojo. No momento que eu peguei na sacola eu pensei: "tem inseto aqui dentro, aí meu Deus ela botou um monte de inseto aqui dentro e agora é pra mim identificar". Aí depois que eu peguei na argila, "meu Deus, que tipo de bicho é esse aqui, é uma lesma". O que era, eu não sabia o que era. Aí depois... "é terra!" Mas foi bem legal tocar na argila<sup>1</sup>. O meu corpo da leitura, essa flecha do destino, é assim, a leitura ela nos indica um caminho a seguir, por exemplo, se você não aprende a ler você vai seguir uma vida muito complicada e cheia de barreiras. Mas já você aprendendo a ler, ela vai lhe indicar um caminho específico para você quebrar essas barreiras e encontrar o futuro em que você possa ser feliz, com um bom salário. Comida. E vai indo<sup>4</sup>.

A leitura flecha do destino é a leitura que nos indica um caminho a seguir, por exemplo, se você não aprende a ler você vai seguir uma vida muito complicada e cheia de barreiras. Mas já você aprendendo a ler, ela vai lhe indicar um caminho específico para você quebrar essas barreiras e encontrar o futuro em que você possa ser feliz, com um bom salário. Comida. E vai indo<sup>4</sup>.

Saber ler traz um caminho diferente, um caminho próspero. Existem vários caminhos, dependendo de qual a opção da pessoa, mas a leitura sempre proporciona você a ter um caminho de felicidade. Porque além de você ter conhecimento, você também vai utilizar dessa leitura em algum momento da sua vida pra poder adquirir alguma coisa<sup>5</sup>. No caminho da exposição, duas obras me tocaram. A da Amanda, e da Márcia. A da Amanda me tocou porque eu pensei que ela tava com fome, também. Porque eu vi um monte de coxinha, deu vontade de mastigar uma, ficou bem legal, eu gostei demais dela. E a da Márcia, sinceramente, eu olhei daqui mesmo, antes de levantar, olhei e imaginei um bonequinho com o bumbum pra cima. Eu fiquei espantado. Aí depois que eu rodiei, que eu vi o nome "Porta", cadê essa porta? Eu fiquei meio assustado, fui olhando direitinho, aí entendi mais ou menos a ideia da Márcia. Eu ocê entraria naquela porta se ela me coubesse...

Para mim, a fome da leitura é a fome que, por exemplo, você gostou de um livro, e tem outros na mesma temática e vocês quer ler eles, você vai fazer de tudo pra ler eles, essa é a fome da leitura.

A fome da leitura é a fome que ocorre quando você gostou de um livro, e tem outros na mesma temática e você quer ler eles, você vai fazer de tudo pra ler eles<sup>4</sup>. Fazendo de conta que a porta me cabe, o que você acho que encontraria atrás da porta, primeiro escuro, porque pelo jeito ele parecia uma cavernazinha. O escuro da leitura... Seria mais que as dificuldades, a preguiça também, porque é uma das principais dificuldades que muitas pessoas como eu não gostam de ir à biblioteca para poder ler livros<sup>6</sup>. Só sou incentivado pela Márcia, pela Amanda vim pegar um livro de vez em quando, às vezes nem isso. O que fazer diante da dificuldade, da preguiça, se tiver um apoio como o da Márcia e da Amanda que elas sempre me dão, enfrentar e dar um jeito de ler. Gostei do nomezinho, ou leio um pouquinho a sinopsezinha, aí vou e leio e acabo gostando de ler mais. É isso.



## Apêndice B – Cruzamento das ideias e dos conceitos dos dados orais das “Esculturas do Corpo da Leitura”

### SENTIDOS, SENTIMENTOS E SENSAÇÕES DOS JOVENS NAS VIVÊNCIAS

1. A brincadeira dessa tarde serviu pra interagir uns com os outros.
2. Foi bem estranho, mas foi legal, foi uma sensação boa a gente tocar no pescoço.
3. Tem vezes que a gente não confia em todo mundo, então assim passam confiança pra nós, a gente fecha os olhos, sai andando, procurando. Foi legal!
4. Eu fiquei insegura na hora da brincadeira do vampiro de estar procurando outra pessoa.
5. O contato com a argila no primeiro momento foi estranho, porque a argila tava um pouco gelada, eu peguei e: "o que é isso?" Foi diferente.
6. No toque das mãos eu já tava sentindo mais firme e confiante.
7. No momento de rasgar a argila eu senti rasgando a página de um livro.
8. Eu me senti rasgando a página de um livro, e depois que eu juntei eu fui colocando.
9. Rasgar a página de um livro foi muito ruim, com certeza, muito ruim. Eu até despedacei em vários pedaços porque eu tava rasgando um livro. Antes de falar já tava juntando. Antes de dizer pra juntar eu já tava juntando de novo.
10. A gente tava tocando um no outro e é diferente, até pra estreitar as relações uns com os outros aqui, porque quase ninguém nunca tinha se abraçado. Eu abraço todo mundo, então todo mundo já tava acostumado. Mas acho que alguns aqui nunca tinham se tocado, se abraçado, nem tocado na mão um do outro, aí de repente você tem que estar tocando um no outro, se encostando, é meio estranho, meio constrangedor.
11. Na brincadeira de correr aqui pela sala, foi bom porque ninguém olha um no olho do outro. Poucas vezes fazemos isso, de olhar um no olhar do outro.
12. Foi legal na hora da faixa no rosto, nos olhos, fiquei com medo de me tocarem e me machucar.
13. Eu confiei em vocês e não achei estranho vocês tocarem em mim não, achei engraçado, legal.
14. No momento que você pediu pra rasgar a argila, foi legal!
15. Segurar na mão, tocar nos dedos de olhos vendados, eu senti segurança, mas eu não sabia de quem era a mão.
16. Em relação à dinâmica, o que eu mais vi foi relação de confiança com os demais.
17. Eu me senti um deficiente visual, como ele se sente diariamente sem enxergar nada e ter que andar entre as pessoas, saber como é o roxo, saber quem toca nele, sem ter que falar. A chance que ele tem é só de ouvir, e nós nem ouvimos, não podiam falar. Só sentir, mas não sabíamos quem era.
18. O que mais me despertou foi a relação de confiança que deveria ter. Na primeira foi difícil porque eu conheço, mas não falava muito com os demais. Aí fui me livrando mais, fui prestando mais atenção. A dificuldade inicial, eu pensava: "vai que eu olho, vou trocar e ele não troca, aí vou ficar lá no meio...".
19. Na hora do toque das mãos, nós estávamos em trio, aí eu pensei porque as diferenças das mãos, não tem como uma mão ser diferente da outra.
20. É a mesma relação de confiança, porque de olhos abertos não é comum a gente ficar tocando nos dedos, na mão de outra pessoa. O meu corpo sentiu uma relação de liberdade, de segurança, de confiar no outro.
21. A brincadeira foi legal!
22. Eu também tava com medo até troquei olhar com ele, foi diferente porque eu não conhecia ele. Ele me olhava assim, "vou ou não vou?". E se ele me deixa lá no meio?
23. O momento que eu olhei pra ele, ele me passou confiança também. Eu acho que isso varia muito nas pessoas, ter confiança nos outros que não conhece. Então, gostei da brincadeira.
24. Foi uma sensação legal.
25. A de vendar os olhos, eu ficava com medo de cair, de bater a cara em alguma coisa.
26. Mas fui me acalmando tentando ouvir o som ambiente pra saber onde é que tava as pessoas pra pegar, pra interagir.
27. Acho que é muito difícil a gente parar pra tentar ouvir o que está se passando.

28. Das brincadeiras, foi um sentimento de confiança, de alegria.
29. O toque das mãos foi um sentimento de amizade verdadeira. Gostei muito do abraço também.
30. Ao ser vendado, eu me senti como um cego. É interessante que eles fazem as coisas, mas sabem o que estão fazendo. Com confiança que tão fazendo aquilo, mesmo sendo cego.
31. A gente nunca olha cara a cara, poucos os que se falam aqui, nunca tem o hábito de chegar, dar um bom dia, essas coisas. Acho que na dinâmica deu pra olhar cara a cara um pouco, pelo tempo que a gente não faz isso.
32. Na parte das vendas dos olhos eu senti um pouquinho de medo, na hora que eu fechei os olhos.
33. Na hora do abraço então, que ela teve que se levantar um pouco pra me abraçar porque o meu braço é menor do que o dela, foi estranho.
34. Quando eu comecei a rasgar a argila foi como se eu tivesse tirando um peso, um alívio, quando eu comecei a rasgar a argila.
35. Quando rasguei a argila eu senti um alívio, uma sensação.
36. Eu gostei muito da primeira brincadeira porque acho que nunca ninguém se interagiu entre si, raramente. Tem uns três aqui que eu interajo, nunca abracei, nunca olhei um na cara do outro,
37. Na hora da brincadeira Foi bom.
38. No toque das mãos eu me senti meio constrangida porque o Lucas me bulinou.
39. Às brincadeiras, foram muito legais.
40. Na brincadeira em que todo mundo tava cego e andando pra estrangular os outros. Vampirizar. É, vampirizar, mas eu tava tentando estrangular.
41. Eu achei bem legal porque, eu tenho costume de fingir de doido em casa e ficar com os olhos fechados.
42. O momento que eu toquei no dedo eu senti até o sangue circulando, tum tum, porque minha mão é sensível. Foi bem legal.
43. No contato com a argila, eu tenho um olfato muito sensível, senti um cheirinho de água, de terra. Pensei até que tava chovendo.
44. Me espantei várias vezes, com a argila, porque eu não sabia o que era, era um troço molhado, frio.
45. Eu peguei assim, mas não senti nojo.
46. Eu pensei: "tem inseto aqui dentro, ai meu Deus ela botou um monte de inseto aqui dentro e agora é pra mim identificar".
47. Aí depois que eu peguei na argila, "meu Deus, que tipo de bicho é esse aqui, é uma lesma". O que era, eu não sabia o que era. Aí, depois... "é terra!!" Mas foi bem legal tocar na argila.

## CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS

### IDEIAS COMPLEMENTARES

**7, 8 e 9** são complementares porque no momento de rasgar a argila eu senti rasgando a página de um livro. Rasgar a página de um livro foi muito ruim, com certeza, muito ruim. Eu até despedacei em vários pedaços porque eu tava rasgando um livro. Antes de falar já tava juntando. Antes de dizer pra juntar eu já tava juntando de novo e depois que eu juntei eu fui colocando.

**17, 20 e 30** são complementares. Ao ser vendado, eu me senti como um cego. É interessante que eles fazem as coisas, mas sabem o que estão fazendo. Com confiança que tão fazendo aquilo, mesmo sendo cego. É a mesma relação de confiança, de quanto estávamos vendados, porque de olhos abertos não é comum a gente ficar tocando nos dedos, na mão de outra pessoa. O meu corpo sentiu uma relação de liberdade, de segurança, de confiar no outro, por isso eu me senti um deficiente visual, como ele se sente diariamente sem enxergar nada e ter que andar entre as pessoas, saber como é o roxo, saber quem toca nele, sem ter que falar. A chance que ele tem é só de ouvir, e nós nem ouvimos, não podiam falar. Só sentir, mas não sabíamos quem era.

**1, 31 e 36** são complementares porque eu gostei muito da primeira brincadeira porque serviu pra interagir uns com os outros, porque raramente as pessoas interagem raramente. Tem uns três aqui que eu interajo, porém nunca abracei, nunca olhei um na cara do outro, a gente nunca olha cara a cara, poucos os que se falam aqui, nunca tem o hábito de chegar, dar um bom dia, essas coisas. Acho que na dinâmica deu pra olhar cara a cara um pouco, pelo tempo que a gente não faz isso.

**34 e 35** são complementares porque quando eu comecei a rasgar a argila foi como se eu tivesse tirando um peso, eu senti um alívio.

**3, 6 e 18** são complementares porque tem vezes que a gente não confia em todo mundo, então

quando passam confiança pra nós, a gente fecha os olhos, sai andando, procurando. O que mais me despertou foi a relação de confiança que deveríamos ter. A dificuldade inicial era, eu pensava: "vai que eu olho, vou trocar e ele não troca, aí vou ficar lá no meio". Na primeira brincadeira foi difícil porque eu conhecia, mas não falava muito com elas. Aí fui me livrando mais, fui prestando mais atenção. Por isso que no toque das mãos eu já tava sentindo mais firme e confiante.

**13, 15 e 20** são complementares porque não achei estranho tocarem em mim não, achei engraçado, legal porque confiei em vocês e senti segurança ao segurar na mão, tocar nos dedos de olhos vendados, independente de saber de quem era a mão. Isso foi possível porque de olhos abertos não é comum a gente ficar tocando nos dedos, na mão de outra pessoa. Por isso, o meu corpo sentiu uma relação de liberdade, de segurança, de confiar no outro.

#### IDEAIS DIVERGENTES

A ideia **25** é divergente das ideais **17, 20 e 30** porque na **25**, ao vendar os olhos, a pessoa ficava com medo de cair, de bater a cara em alguma coisa, e nas ideias **17, 20 e 30**, o sentimento é de confiança ao vendar os olhos.

**42** e **43** são divergentes porque utilizam diferentes sentidos para experienciar as vivências. Na primeira, o toquei no dedo até sentir sangue circulando, tum tum, porque a mão é sensível, na segunda, no contato com a argila, o olfato muito sensível, sentiu um cheirinho de água, de terra, pensou que tava chovendo.

**12, 22, 25** são ideias divergentes porque sentem medo de coisas diferentes: de ser tocado e se machucar; medo do que não conhece no outro; medo de cair e bater a cara em alguma coisa.

**10 e 38** são divergentes porque são formas diferentes de sentir-se constrangido. Na **10**, o constrangimento porque não se tem o costume de ser tocado, e no **38**, o constrangimento está relacionado ao fato do toque ter ultrapassado os limites.

As ideias **3, 6 e 18** são divergentes das ideais **13, 15 e 20**, porque nas primeiras a relação de confiança é estabelecida gradativamente, e nas segundas ideias, a confiança foi imediata.

**46 e 47** São divergentes porque sentiram bichos diferentes: um monte de inseto, e, o outro, uma lesma.

#### PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS ESCULTURAS

48. Na hora da escultura, eu digo: "o que é que eu vou fazer com argila?", aí eu digo: "eu vou fazer o que vier na mente". Eu não sei nem o que é isso! Mas o que veio, eu comecei a fazer.
49. Tentei fazer um coração e não consegui de jeito nenhum, acho que é porque tava dura [a argila] e eu tava botando água, mas não resolvia.
50. Eu fiz isso aqui [e] cada coisa dessa é relacionada a uma coisa pra mim, mas eu não tou lembrando.
51. Quanto ao toque na argila, de início, quando eu trisquei a mão, pensei que fosse uma caixinha de metal que fica gelado, né? Aí eu nem toquei com a pontinha do dedo, eu fiz assim com a mão. Eu levei um susto, né?
52. Quando eu fui esticando a mão e tocando aí eu vi que era, eu fui pegando, senti a sensação e disse: "isso é argila", eu comecei a pegar, apertar, tava um pouquinho duro. Aí eu cacei a água aqui comecei a molhar. É legal pegar na argila porque é frio e é gostoso ficar pegando.
53. No momento de rasgar e juntar a argila, posso dizer que quando a gente rasga um livro no momento de raiva rasga ele e depois nós ficamos: "poxa, rasguei" depois tentamos reconstruir aquela coisa, foi assim.
54. Quando tava tocando na argila, achei muito estranho, uma coisa gelada,
55. Cada vez ela se deslizava mais, passava mais no meu dedo, foi uma sensação estranha, mas ao mesmo tempo legal, a gente ter contato com as coisas.
56. A maioria das pessoas tem nojo de pegar as coisas na mão, sentir, e a gente não. A gente pegou, sentiu, fez aquilo que a gente fez. Foi legal!
57. O toque na argila foi bom, tava gelado.
58. Eu gostei mais da parte de rasgar.
59. Na hora de juntar tinha uns pedaços longe, aí fui caçando. Hora de juntar foi mais difícil porque o negócio não queria se juntar, tava duro.
60. Juntar a argila, gosto da pessoa. Acho que o que eu gosto, ele pode não gostar já ela ali pode gostar. Acho que é isso. É juntar diferentes gostos.

61. E de juntar a argila um sentimento bom, sentimento de vontade de ler o livro mesmo.
62. Depois eu juntei e foi uma coisa mais totalmente diferente ainda, que eu não consegui entender bem.
63. Rasgar argila, eu me senti rasgando um livro, porque um livro, é tão precioso pra gente, é uma fonte de conhecimento é ruim a gente estar rasgando.
64. Rasgar, sei lá, parece que eu tava rasgando toda a minha raiva, descontando na argila. Na hora do soco também.

#### CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS

##### IDEIAS COMPLEMENTARES

**48 e 50** são ideias complementares porque na hora da escultura, eu pensei "o que é que eu vou fazer com argila?", e resolvi "eu vou fazer o que vier na mente". Mas o que veio, eu comecei a fazer. Aí, eu fiz isso aqui, mas eu não sei nem o que é isso, sei que cada coisa dessa é relacionada a uma coisa pra mim, mas eu não tou lembrando.

**51, 52 e 54** são ideias complementares: porque quando toquei na argila, de início, quando eu trisquei a mão, achei muito estranho, uma coisa gelada, pensei que fosse uma caixinha de metal, que fica gelada, aí eu fui esticando a mão e tocando, senti: "isso é argila", eu comecei a pegar, apertar, tava um pouquinho duro. Aí eu cacei a água aqui comecei a molhar. É legal pegar na argila porque é frio e é gostoso ficar pegando.

**53, 59, 62 e 63** são complementares porque no momento de rasgar a argila eu me senti rasgando um livro num momento de raiva, porque um livro é tão precioso pra gente, é uma fonte de conhecimento, é ruim a gente rasgar, a gente fica triste: "poxa, rasguei", aí tenta juntar, tenta reconstruir, mas fica totalmente diferente, não consegue entender bem, porque os pedaços estão longe, tem que 'caçar', é mais difícil porque não quer se juntar.

##### IDEIAS AMBÍGUAS

A ideia **55** é ambígua por que a cada vez que a mão deslizava mais na argila, passava mais entre os dedos, a sensação era **estranha**, mas ao mesmo tempo **legal**.

##### IDEIAS DIVERGENTES

A ideia **58** é divergente das ideias **53, 59, 62 e 63** porque na primeira a sensação de rasgar foi prazerosa e nas demais, a sensação foi de tristeza.

As ideias **53, 59, 62 e 63** são divergentes da ideia **64** porque nas primeiras a sensação era de estar rasgando um livro, e na **64**, a sensação era de estar rasgando a raiva, socando a raiva, descontando na argila.

As ideias **59 e 61** são divergentes porque na primeira é difícil juntar as ideias, e, na segunda, é um sentimento bom, de vontade de ler o livro.

#### ESCOLHA DO NOME DA ESCULTURA

65. Era um livro, só que não deu esse aqui ó, e ainda tá de cabeça pra baixo.
66. Abrigo porque uma árvore com uma copa bem grande se torna um abrigo, muita gente vai pra baixo pra se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo. Foi isso o que eu tentei retratar aqui.
67. Foi uma dificuldade enorme, aí eu coloquei criatividade justamente por isso, eu não sabia o que eu ia criar, aí acabei criando um livro. A primeira coisa que veio na minha mente foi um livro.
68. Na hora de moldar eu não sabia nem o que realmente moldar, então moldei a porta porque nos leva a outro mundo.
69. Hora de formar aqui a coisa aqui o que veio na minha cabeça foi a palavra amor, coração.
70. Eu coloquei um livro, porque eu pensei assim: "fazer alguma coisa...", aí eu pensei, corpo da leitura... Que é que eu vou colocar? Meu Deus, a primeira coisa que veio foi um livro, eu comecei a fazer e, "cara, isso aqui não vai ficar igual um livro".
71. Nem sei por que inventei o Cabeça de Cuia.

#### CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS

##### IDEIAS COMPLEMENTARES

**65, 67 e 70** são complementares, dada a dificuldade de fazer de fazer um livro, mas que, com criatividade, mesmo ficando de cabeça pra baixo, o livro foi feito.

## CONCEITOS DE LEITURA

72. O corpo bem-estar da leitura é super-relaxado, confia no que se diz, fecha o olho e não abre por nada.
73. A leitura mundo diferente, é uma busca diferente pelo propósito de tentar fazer o que se acha, o que se está pensando: o que é que vai acontecer depois quando a gente está lendo.
74. A leitura coisa imaginária a gente toca não no físico, não no palpável, a gente toca numa coisa imaginária, por exemplo, eu nunca consegui tocar na juba do leão Aslam das Crônicas de Nárnia, mas eu sinto como se tocasse.
75. Socar da leitura é ficar batendo na mesma tecla quando não se entende um livro. Socar é ler de novo, até entender.
76. O Corpo estranhozinho três cérebros da leitura é a conexão entre o teu cérebro, o do personagem e do autor, demonstra a conexão do leitor com a história do livro e do autor, pois a partir do momento que se pega um livro pra ler, se viaja na imaginação de outra pessoa com o cérebro mais complexo que o teu, que foi capaz de inventar uma história que te fizesse imaginar ou formar uma imagem na tua cabeça, por isso, os três cérebros conectados uns nos outros.
77. Leitura livro aberto não é só um livro aberto, pode ser a mente aberta para novas ideias, para um mundo novo, dentro de um livro, pois toda vez que você abre um livro é como se você abrisse uma janela pra um mundo, um universo que seja diferente.
78. Passarinho da leitura é a leitura que voa para o mundo da imaginação, quando a gente lê vai para outro lugar, porque pode tudo, tem liberdade total na leitura.
79. O passarinho da leitura é a leitura que promove descobertas novas quando a gente lê um livro, não só de um tipo, mas de vários outros tipos de leitura, é assim que vai obtendo o conhecimento de cada coisa.
80. Leitura negócios de pré-história é a leitura na qual se fica na curiosidade por que não se entende.
81. Deslizar na leitura é quando a gente pega um livro, lê, vai deslizando naquele assunto, vai se interagindo com aquilo por dentro, pegando mais conhecimento do que o autor quer passar pra gente.
82. Leitura Cabeça de Cuia é aquela que quando a gente tá lendo, vai crescendo o conhecimento, se desenvolvendo mais com a leitura.
83. Leitura livro aberto é ter sempre um livro aberto na nossa vida para buscar mais conhecimento.
84. Leitura árvore é a leitura que as pessoas de outros lugares conseguem ler debaixo de uma árvore porque tem segurança, o que aqui nós não temos.
85. Leitura árvore abrigo é uma leitura com copa bem grande que se torna um abrigo, muita gente vai pra baixo pra se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo. Pra ler precisamos de segurança e ultimamente não dá pra ler em qualquer lugar, porque nós não temos concentração para tentar entender um livro, viajar com aquilo, entrar na história.
86. Leitura livro aberto é aquela que abre novos caminhos, porque ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo!
87. Leitura livro fechado é aquela que você não vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro e é aí que você não vai ler mesmo, a não ser pela capa, você só vai saber o que tem dentro lá se você ler.
88. A fome da leitura é querer saciar a fome de ler.
89. Leitura doce de goiaba é aquela que a gente cheira pra saber o que é, mas não tem cheiro de nada.
90. Livro criatividade é uma criatividade que a pessoa tem na mente.
91. A flecha do destino da leitura é aquela que quando é lançada ela não volta mais, porque leva a novas descobertas.
92. Leitura porta aberta é aquela leitura que não tem fechadura fixa para fechar a leitura porque ela está sempre aberta
93. O amor da leitura é que por que algumas pessoas gostam muito de ler. Amam ler.
94. Porta coisa pré-histórica da leitura é uma pedra em cima da outra.
95. A leitura flecha do destino é a leitura que nos indica um caminho a seguir, por exemplo, se você não aprende a ler você vai seguir uma vida muito complicada e cheia de barreiras. Mas já você aprendendo a ler, ela vai lhe indicar um caminho específico para você quebrar essas barreiras e encontrar o futuro em que você possa ser feliz, com um bom salário. Comida. E vai indo.
96. A fome da leitura é a fome que ocorre quando você gostou de um livro, e tem outros na mesma temática e você quer, você vai fazer de tudo pra ler eles.

## CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS

### IDEIAS COMPLEMENTARES

**74 e 78** são complementares porque **Passarinho coisa imaginária da leitura** é a leitura que voa para o mundo da imaginação, quando a gente lê vai para outro lugar, porque pode tudo, tem liberdade total na leitura porque é leitura coisa imaginária a gente toca não no físico, não no palpável, a gente toca numa coisa imaginária, por exemplo, eu nunca consegui tocar na juba do leão Aslam das Crônicas de Nárnia, mas eu sinto como se tocasse.

**81 e 82** são complementares porque **Deslizar na leitura cabeça de cuia** é quando a gente pega um livro, lê, vai deslizando naquele assunto, vai se interagindo com aquilo por dentro, porque a gente tá lendo vai crescendo o conhecimento, se desenvolvendo mais com a leitura pegando mais conhecimento do que o autor quer passar pra gente.

**84** é complementar a **85 Leitura árvore abrigo** é a leitura que as pessoas de outros lugares conseguem ler debaixo de uma árvore com copa bem grande que se torna um abrigo, muita gente vai pra baixo pra se proteger do sol, da chuva, ficar tranquilo, porque tem segurança, o que aqui nós não temos porque ultimamente não dá pra ler em qualquer lugar, pois pra ler precisamos de segurança e porque nós não temos concentração para tentar entender um livro, viajar com aquilo, entrar na história.

**88 e 96** são complementares porque a **fome da leitura** é querer saciar a fome de ler porque gostou de um livro e têm outros na mesma temática e vai fazer de tudo para lê-los.

**83, 91 e 92** são complementares **Leitura porta aberta do livro aberto flecha do destino** é aquela que quando é lançada não volta mais, porque leva a novas descobertas, abre novos caminhos, porque ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo porque não tem fechadura fixa para fechar a leitura, ela está sempre aberta.

**94 e 87** são complementares porque a **Porta coisa pré-histórica da leitura livro fechado** é uma pedra em cima da outra da leitura, que impede a entrada e você não vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro e é aí que você não vai ler mesmo, a não ser pela capa, você só vai saber o que tem dentro lá se você ler.

### IDEIAS DIVERGENTES

**74 e 78** são ideias divergentes da **76** porque nas primeiras ideias a leitura é tão potente porque o leitor toca sem tocar fisicamente, ou seja faz uso da imaginação, sem hierarquias. E na **76**, há uma conexão entre autor, personagem e leitor, mas hierarquicamente o autor é mais complexo que o leitor.

**75** é divergente da ideia **80**, porque nas duas não há entendimento do que leu, mas na **75** soça até entender, e na **80** fica na curiosidade mas permanece sem entender.

**76** é divergente das ideias **81 e 82** porque no primeiro confeto **76** as ideias do autor são mais complexas que a do leitor, ou seja, superiores. Nas ideias **81 e 82**, o leitor adquire muito mais conhecimento do que o que o autor quis passar, superando o autor.

**83, 91 e 92** **Leitura porta aberta do livro aberto flecha do destino** é divergente da **95 leitura flecha do destino** porque no primeiro confeto a leitura leva a novas descobertas e novos caminhos pois ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem e não tem fechadura fixa para fechar a leitura, ela está sempre aberta. E no confeto **leitura flecha do destino** nos indica um caminho específico para quebrar barreiras e encontrar o futuro.

### IDEIAS OPOSTAS

**83 e 91** são ideias opostas às ideias **94 e 87** por que nas primeiras, **Leitura porta aberta do livro aberto flecha do destino** é aquela que quando é lançada não volta mais, porque leva a novas descobertas, abre novos caminhos, porque ao abrir o livro, é louco, sai conhecimento, imaginação, viagem mesmo porque não tem fechadura fixa para fechar a leitura, ela está sempre aberta; e nas ideias **94 e 87** a **Porta coisa pré-histórica da leitura livro fechado** não abre o livro, olha somente a capa e não vai conseguir descobrir o que tem dentro do livro.

**94 e 87** são opostas ao confeto **92** porque nas primeiras ideias a leitura não acontece porque a porta coisa pré-histórica da leitura livro fechado impede a entrada no livro e a ideia **92** o confeto leitura porta aberta não tem fechadura fixa para fechar a leitura, ela está sempre aberta.

## EFETOS DA LEITURA OU O QUE PODE O CORPO COM A LEITURA

97. Uma vez eu li um livro e imaginei o abrigo natural.
98. É muito boa essa sensação, eu acho. Toda vez que eu abro um livro é como se eu me desligasse do Brasil, do planeta Terra, e viajasse pra qualquer outro planeta. Qualquer. Sem precisar de nave, de nada. Só meu pensamento, só isso.
99. O bem-estar, tava tudo bagunçando, então deixar tudo bagunçado é relação de bem-estar.
100. Com a leitura, fico curioso, às vezes. Quando eu não entendo uma época, às vezes um livro fala em relação ao que aconteceu na época da Guerra Fria. Eu não conheço, aí eu vou procurar entender, procurar descobrir, me desperta curiosidade um tema dentro do outro.
101. Eu tentei interpretar a da Lorena, ela viu organizado, mas eu vi bagunçado. Na minha opinião, achei que tava bagunçado, pra ela, é estar confortável, um bem-estar. Acho que em relação à leitura é isso, algumas pessoas encontram conforto na leitura que outras não encontram.
102. Às vezes, eu leio, por exemplo, eu leio, eu: "não, não gostei", e ela lê e gosta desse tipo de leitura. E eu não consigo ver como é que ela está gostando, me desperta curiosidade, entendeu.
103. Rasgar a leitura é descobrir, procurar, se interessar, caçar algo novo pra você fazer.
104. Leitura livro aberto proporciona felicidade, muita paz, liberdade.
105. Eu tinha muita vontade de conhecer o mundo afora, tinha não, tenho. Um dia eu vou. Como eu li um livro do Zeca Camargo, eu conheci muitos lugares que eu queria ir, curiosidades. Pra mim eu tava lá dentro, eu conheci os lugares. Ele detalhava muito os lugares, por isso eu me senti dentro do lugar.
106. O coração da leitura sente todo sentimento de bom que a leitura tem, quando a pessoa vai ler um livro transmite sentimentos de alegria, de emoção, todo sentimento. De amor, carinho.
107. Eu ler um livro e não gostar do livro. Já ela ler esse livro e gostar desse livro. São diferentes gostos.
108. Quando a gente compra livros de motivação, quando a gente lê esses livros, sente um alívio. Um sentimento melhor, eu acho.
109. A partir de quando a gente abre um livro, abre uma porta pra outro mundo.
110. O que abre a porta da literatura são as mais diversas formas de personagem.
111. Quando a gente fecha um livro, sente aquela necessidade de abrir ele de novo. Porque quando a gente tá naquele mundo, não sentimos vontade de voltar. Eu pelo menos não sinto vontade de voltar. E pela porta que você entra não tem mais como voltar.
112. Esse caminho sem volta leva para um novo mundo. Um novo mundo que eu criei para mim, que é o mundo das palavras, o mundo das histórias.
113. Eu não vou dizer que amo, eu gosto. Gosto de ler.
114. Quando a gente lê um livro, quando ele toca mesmo na gente, a gente guarda aquelas informações no nosso cérebro é quando a gente, por exemplo, lembra alguma coisa que é referente a aquele livro, que nos emocionou naquele exato momento.
115. Os livros provocam reações tipo, se o livro foi um livro romântico que na hora você chorou e você lembra dele, você acaba chorando de novo.
116. Saber ler traz um caminho diferente, um caminho próspero.
117. A leitura sempre proporciona você a ter um caminho de felicidade. Porque além de você ter conhecimento, você também vai utilizar dessa leitura em algum momento da sua vida pra poder adquirir alguma coisa.
118. Pra saciar essa fome, acho que procurando mais fontes de conhecimento e fontes principais nela, a literatura, as fontes de riqueza. De um novo mundo.
119. Eu entraria naquela porta [da leitura] se ela me coubesse...
120. Diante da dificuldade da leitura, se tiver um apoio enfrentar e dar um jeito de ler. Gostei do nomezinho, ou leio um pouquinho a sinopsezinha, aí vou e leio e acabo gostando de ler mais.
121. Amassar e rasgar foi como rasgando as dificuldades que as pessoas têm de ler um livro, sentir medo.

## CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS

### IDEIAS COMPLEMENTARES

**99, 101, 102 e 107** são complementares. O corpo bem-estar da leitura tava bagunçando, então deixar tudo bagunçado é relação de bem-estar, de conforto para algumas pessoas. Em relação à

leitura é isso, algumas pessoas encontram conforto na leitura e outras. Às vezes eu leio, por exemplo, eu leio, eu: "não, não gostei", e ela lê e gosta desse tipo de leitura. E eu não consigo ver como é que ela está gostando, e isto desperta curiosidade. Eu ler um livro e não gostar do livro. Já ela ler esse livro e gostar desse livro. São diferentes gostos.

**104, 106 e 117** são divergentes da **108** porque os efeitos da leitura no corpo do leitor são diferentes. No coração da leitura livro aberto o leitor sente alegria, emoção, amor, carinho, felicidade, paz e liberdade, e na **108** o leitor sente alívio quando lê os livros de motivação.

**104, 106 e 117** são complementares porque **Coração da leitura livro aberto** sente todo sentimento de bom que a leitura tem. Quando a pessoa vai ler um livro, este transmite sentimentos de alegria, de emoção, de amor, carinho, proporcionando um caminho de felicidade, paz e liberdade, porque além de ter conhecimento, você também vai se utilizar dessa leitura em algum momento da sua vida pra poder adquirir alguma coisa.

**98, 100, 103 e 105** são complementares porque rasgar a leitura é descobrir, procurar, se interessar, caçar algo novo pra fazer, ficar curioso. Quando eu não entendo uma época, quando eu não conheço, eu vou procurar entender, procurar descobrir, me desperta curiosidade um tema dentro do outro. Por exemplo, eu tenho muita vontade de conhecer o mundo afora e ao ler um livro do Zeca Camargo, conheci muitos lugares que eu queria ir, curiosidades. Pra mim, eu tava lá dentro, eu conheci os lugares porque ele detalhava, por isso eu me senti dentro do lugar. É muito boa essa sensação, eu acho. Toda vez que eu abro um livro é como se eu me desligasse do Brasil, do planeta Terra, e viajasse pra qualquer outro planeta. Qualquer. Sem precisar de nave, de nada. Só meu pensamento, só isso.

**109, 110, 111 e 112** são complementares porque a partir de quando a gente abre um livro, abre uma porta pra outro mundo e o que abre a porta da literatura são as mais diversas formas de personagem. Quando a gente fecha um livro, sente aquela necessidade de abrir ele de novo. Porque quando a gente tá naquele mundo, não sente vontade de voltar. Eu pelo menos não sinto vontade de voltar. E pela porta que você entra não tem mais como voltar. Esse caminho sem volta leva para um novo mundo. Um novo mundo que eu criei para mim, que é o mundo das palavras, o mundo das histórias.

**113** é complementar a **114** porque quando a gente lê um livro, e ele toca mesmo na gente, a gente guarda aquelas informações no nosso cérebro, como por exemplo, é quando a gente por exemplo lembra alguma coisa que é referente a aquele livro, que nos emocionou naquele exato momento. Os livros provocam reações, por exemplo, se o livro foi um livro romântico que na hora você chorou e você lembra dele, você acaba chorando de novo.

#### IDEIAS DIVERGENTES

**118 e 120 e 121** divergentes porque são formas diferentes de como o corpo pode enfrentar as dificuldades com a leitura de modo diferentes. Na ideia **118** o leitor entra na porta da leitura se lhe couber, e na ideia **120** se tiver apoio para enfrentar e dar um jeito de ler, ele ler e acaba gostando de ler mais. E na ideia **121** ele toma a atitude de amassar e rasgar as dificuldades, como, por exemplo, o medo de ler.

**99, 101, 102 e 107** são divergentes das ideias **104 e 107** porque nas primeiras o leitor pode ou não gostar de ler, pode ou não sentir conforto com a leitura, pode suscitar diferentes gostos; e nas ideias **104 e 107** o leitor sentimentos não divergem, são de alegria, de emoção, de amor, carinho, proporcionando felicidade, paz e liberdade.

#### DIFICULDADES COM A LEITURA

122. O que tranca a porta da literatura é a dificuldade.

123. O cérebro da leitura não passa por dificuldades quando encontra ideias iguais, semelhantes, o que torna mais fácil a conexão, a comunicação entre um cérebro e outro, entre o cérebro do personagem e o do autor.

124. A dificuldade dos cérebros da leitura é a diferença de ideias, o pensar diferente, porque você pega um livro que tem uma ideologia que condena o que você acredita, que faz com que aquilo que você acredite seja posto de forma chula, às vezes de forma arbitrária, e você não gosta.

125. Dificuldade da leitura é a gente não saber ler e saber ler.

126. Ter nojo da leitura é quando a gente confunde ler com outra coisa, que não tem nada a ver.

Tem gente que tem nojo de ler, tem gente que não gosta um pingo de ler.

127. Julgar o livro pela capa, não conhecer bem, não procurar conhecer. Isso mostra a dificuldade, "ah, não vou ler esse livro não, achei a capa dele muito feia", vou procurar outro. Não procuro ler, às vezes, atrás do livro, que traz uma síntese bem pequena e interessante do livro. Não procurar conhecer o livro é a dificuldade.

128. Fazendo de conta que a porta me cabe, o que eu acho que encontraria atrás da porta, primeiro escuro da leitura as dificuldades, a preguiça também, porque é uma das principais dificuldades que muitas pessoas como eu não gostam de ir à biblioteca para poder ler livros.

129. Muitas vezes a gente não tem confiança quando a gente quer ler: "ah, a história não é boa". A gente não confia, mas pode botar confiança no livro. Eu vou ler mesmo que não seja legal e procurar uma história por dentro daquilo que o autor quer passar, tem que ter confiança. Mesmo que a capa do livro, quando a gente olha, pense: "ah, mas esse título aqui não tem nada a ver", a gente descarta logo pela capa. Não confia no livro, não confia naquilo que o autor quer passar pra gente. A gente até pode até conhecer o autor, mas não confia. Dizemos assim: "ah, mas deve ser um assunto chato, então não vou ler". Então a gente assim tem que confiar. É só a gente mesmo lendo, abrindo um livro e entender o livro aberto.

130. Tem pessoas que põem muita dificuldade em ler um livro, ler uma história em quadrinhos. O segredo da leitura é a dificuldade de ler alguma coisa.

## CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS

### IDEIAS COMPLEMENTARES

**127** e **128** são complementares porque muitas vezes a gente não tem confiança quando a gente quer ler: "ah, a história não é boa". A gente não confia, mas pode botar confiança no livro. Eu vou ler mesmo que não seja legal e procurar uma história por dentro daquilo que o autor quer passar, tem que ter confiança. Mesmo que a capa do livro, quando a gente olha, pense: "ah, mas esse título aqui não tem nada a ver", a gente descarta logo pela capa. Julgar o livro pela capa, não conhecer bem, não procurar conhecer. Isso mostra a dificuldade, "ah, não vou ler esse livro não, achei a capa dele muito feia", vou procurar outro. Não procuro ler às vezes atrás do livro, que traz uma síntese bem pequena e interessante do livro. Não procurar conhecer o livro é a dificuldade. Não confia no livro, não confia naquilo que o autor quer passar pra gente. A gente até pode até conhecer o autor, mas não confia. Dizemos assim: "ah, mas deve ser um assunto chato, então não vou ler". Então a gente tem que confiar. É só a gente mesmo lendo, abrindo um livro e entender o livro aberto.

### IDEIAS OPOSTAS

As ideias **123** e **124** são opostas porque na **123** o cérebro não passa por dificuldades, já que encontra ideias iguais, semelhantes, o que torna mais fácil a conexão, a comunicação entre um cérebro e outro, entre o cérebro do personagem e o do autor. Por sua vez, na ideia **124** existe a dificuldade dos cérebros da leitura, que é a diferença de ideias, o pensar diferente, porque você pega um livro que tem uma ideologia que condena o que você acredita, que faz com que aquilo que você acredite seja posto de forma chula, às vezes de forma arbitrária, e você não gosta.

### IDEIAS AMBÍGUAS

A ideia **125** é ambígua por que ao mesmo tempo a dificuldade da leitura é a gente não saber ler e saber ler.

### IDEIAS DIVERGENTES

**126**, **128** e **130** são ideais divergentes entre si porque as dificuldades com a leitura são vividas de modo diferente. Na ideia **128** as dificuldades a preguiça e o fato de que muitas pessoas não gostam de ir à biblioteca para poder ler livros. Na ideia **126**, a dificuldade é o nojo da leitura é quando a gente confunde ler com outra coisa, que não tem nada a ver. Tem gente que tem nojo de ler, por que a pessoa não gosta um pingo de ler. E a ideia **130**, o segredo da leitura é a dificuldade de ler alguma coisa porque pessoas põem muita dificuldade em ler.

**TIPOS DE LEITOR**

131. Leitor cabeça de cuia é uma pessoa que a noite toda está sempre de olho na leitura, sempre procurando mais conhecimento.

132. O leitor amarra a noite é aquele que sai à meia-noite pra se divertir na festa, em vez de pegar um livro e ler.

133. Leitor criatividade é aquele que está atrás do meio, ao ler um livro ele cria e imagina outras coisas. Eu posso criar.

134. Muitos julgam o livro pela capa. Que muitos dizem: "não, não gostei desse livro não, a capa é muito feia".

135. Mesmo a gente passando por uma fase que praticamente nossos olhos fiquem às escuras, se a gente já leu o livro, a gente vai ter ele em nossa mente. E vamos identificar mesmo se a pessoa te der algum fato, alguma palavrinha, e nós vamos reconhecer aquele livro de qualquer jeito.

136. Mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre e pronto.

137. Existem vários caminhos da leitura, dependendo de qual a opção da pessoa.

**CRUZAMENTOS ENTRE AS IDEIAS****IDEIAS COMPLEMENTARES**

As ideias **135** e **136** são complementares porque mesmo a gente passando por uma fase que praticamente nossos olhos fiquem às escuras, se a gente já leu o livro, a gente vai ter ele em nossa mente. E vamos identificar quando a pessoa te der algum fato, alguma palavrinha, e nós vamos reconhecer aquele livro de qualquer jeito, Mesmo passando o tempo que passar, vai reconhecer. Já leu, já aprendeu sobre e pronto.

**IDEIAS OPOSTAS**

As ideias **131** e **132** são opostas porque na primeira o Leitor cabeça de cuia é uma pessoa que a noite toda está sempre de olho, sempre procurando mais conhecimento, e na segunda ideia, o leitor amarra a noite é aquele que sai à meia-noite, sai pra se divertir na festa, em vez de pegar um livro e ler.

## ANEXOS

**Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA – MEC  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG  
Coordenadoria Geral de Pesquisa – CGP**

**Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bloco 06 – Bairro Ininga**

*Cep: 64049-550 – Teresina-PI – Brasil – Fone (86) 215-5564 – Fone/Fax (86) 215-5560*

**E-mail: pesquisa@ufpi.edu.br**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Título do Projeto:** “AS IDEIAS E OS CONCEITOS DOS JOVENS LEITORES DA UNIDADE ESCOLAR SEVERIANO SOUSA SOBRE O QUE É LEITURA: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA”

**Pesquisadora Responsável:** Shara Jane Holanda Costa Adad

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Centro de Ciências da Educação – CCE/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).

**Telefone para contato:** (86) 9482-6561 / (86) 3215-5820.

**Pesquisadora Participante:** Maria da Conceição de Souza Santos

**Telefones para contato:** (86) 8813-9500 / (86) 9436-5639

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser **esclarecido/a** sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado/a de forma alguma. Com os jovens participantes desta pesquisa, serão desenvolvidas ações lúdicas, com atividades artísticas, buscando conceituar O que é leitura. Você será submetido a oficinas de produção de dados, por meio de produções artísticas e as informações obtidas serão registradas para posterior estudo e publicação em relatórios. Uma vez que os dados não são passíveis de constrangimento ou exposição negativa, não haverá necessidade de pseudônimos. Caso julgue que alguma pergunta ou procedimento possa causar-lhe constrangimento, você pode não responder. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFPI e o Comitê de Ética desta Instituição poderão intervir na referida pesquisa.

**Consentimento da participação da pessoa como sujeito**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/ CPF/  
 n.º \_\_\_\_\_, responsável por  
 \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ anos de idade, autorizo minha participação  
 como sujeito no estudo “AS IDEIAS E OS CONCEITOS DOS JOVENS LEITORES DA UNIDADE  
 ESCOLAR SEVERIANO SOUSA SOBRE O QUE É LEITURA: UMA PESQUISA  
 SOCIOPOÉTICA”. Fui suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram  
 lidas para mim, descrevendo este estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo,  
 os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de  
 esclarecimentos permanentes. Ficou claro também a participação é isenta de despesas e que tenho  
 garantia do acesso aos dados da pesquisa de campo e aos seus resultados. Autorizo voluntariamente a  
 participação neste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante  
 o mesmo, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que a criança ou adolescente  
 possa ter adquirido.

Local e data

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável:

**Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar**

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

(Somente para o pesquisador responsável pelo contato e tomada do TCLE)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste  
 sujeito de pesquisa ou representante legal para a participação neste estudo.

Teresina, 19 de janeiro de 2013.

-----  
 Assinatura da pesquisadora responsável

**Observações complementares**

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro  
 Ininga.

Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI.

tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: www.ufpi.br/cep

**Anexo B – Autorização Institucional**

**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SEDUC  
4ª GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO  
UNIDADE ESCOLAR SEVERIANO SOUSA  
Rua São Paulo, 915, Bairro Acarape – CEP: 64003-800 – Teresina/PI**

**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Como Diretor responsável pela instituição Unidade Escolar Severiano Sousa estou de pleno acordo que esta escola seja COPARTICIPANTE da pesquisa: “AS IDEIAS E OS CONCEITOS DOS JOVENS LEITORES DA UNIDADE ESCOLAR SEVERIANO SOUSA SOBRE O QUE É LEITURA: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA”, de responsabilidade da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shara Jane Holanda Costa Adad, tendo como pesquisadora participante Maria da Conceição de Souza Santos, e que tem por objetivo geral analisar as ideias e os conceitos que os jovens desta Escola têm sobre o que é leitura. A pesquisa será realizada com 11 jovens, sendo nove alunos do 3º ano do ensino médio e dois ex-alunos. Caso necessário, a qualquer momento, esta autorização pode ser revogada, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo à instituição, ou, ainda, que apresentem dados que comprometam os integrantes. Declaro, também, que não recebemos qualquer pagamento por esta autorização, assim como os participantes também não o receberão.

Teresina /PI, 28 de janeiro de 2013

Assinatura manuscrita em azul sobre uma linha horizontal.

Francisco Arinaldo Avelino

Diretor da Unidade Escolar Severiano Sousa